

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Joyce da Silva Souza

Cibercultura e blogosfera:  
A significação dos blogs no jornalismo contemporâneo

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

Joyce da Silva Souza

**Cibercultura e blogosfera:  
A significação dos blogs  
no jornalismo contemporâneo**

**São Paulo  
2010**

**Joyce da Silva Souza**

**Cibercultura e blogosfera:  
A significação dos blogs  
no jornalismo contemporâneo**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora,  
em atendimento a exigência para obtenção do título de  
Mestre em Comunicação e Semiótica pelo Programa de  
Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
(PEPGCOS/PUC-SP).

**Área de Concentração:** Signo e significação nas mídias

**Linha de Pesquisa 1:** Cultura e ambientes midiáticos

São Paulo

2010

## Ficha catalográfica

S725C Souza, Joyce da Silva.  
Cibercultura e blogosfera: A significação dos blogs no jornalismo contemporâneo.– São Paulo: 2010.  
94 p.: il.; 30 cm.

Dissertação de Mestrado para obtenção do título em mestre em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Área de concentração: Signo e significação nas mídias. Linha de pesquisa: Cultura e ambientes midiáticos.  
Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Eugênio Trivinho.

1. Cibercultura 2. Blogosfera 3. Comunicação I. Jornalismo

CDU-070

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

À memória da minha mãe, Maria Alba, que deixou a saudade e a força de seguir  
em frente sempre.

## Agradecimentos

Depois de anos como blogueira e de descobrir o *blog* como um exercício de percepção do outro, o mestrado e esta pesquisa foi consequência disso. Agradeço inicialmente a Deus pela força de seguir em frente; a minha família pelo apoio em todos os sentidos; ao meu orientador, o Professor Dr. Eugênio Trivinho, colegas do curso e demais professores; agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio financeiro e que tornou possível a realização desta pesquisa. Em conjunto, agradeço aos novos e velhos amigos, pela força e apoio nesta trajetória.

“ O virtual existe sem estar presente”.

Lévy (1999, p. 48)

## Resumo

A presente pesquisa tem como objeto fundamental a emergência de um “novo jornalismo” praticado na chamada “blogosfera”, no que diz respeito à estrutura sociotécnica de produção, ao levantamento de informações, à linguagem, ao acesso, à recepção, à distribuição e à participação do leitor. Para tanto, são analisados *blogs* com características comuns: estarem alocados em portais e veículos de comunicação brasileiros, serem escritos por jornalistas e terem relevância na blogosfera, quanto ao conteúdo e à audiência. O *corpus* da pesquisa é assim formado: *Blog do Noblat* (O Globo); *Blog do Josias de Souza* (Folha de S. Paulo), *Blog de Reinaldo Azevedo* (Veja) e *Luis Nassif Online* (Brasilianas.org). O objetivo principal é refletir sobre as mudanças na comunicação e no jornalismo atual a partir do advento da internet e dos *blogs*. O problema de pesquisa consiste em saber se os *blogs* contribuem realmente para esse “novo jornalismo” em evidência na contemporaneidade. Os principais autores utilizados como base teórica são David Harvey e Fredric Jameson, estudiosos da transição da modernidade para a pós-modernidade; Paul Virilio, que aborda o fenômeno da velocidade e a “guerra do tempo” como características da atualidade; Manuel Castells, Nicholas Negroponte, Steven Johnson, Eugênio Trivinho e Pierre Lévy, que fornecem elementos conceituais para a compreensão da internet e da relação dos indivíduos com essa rede; André Araújo, em relação à cultura do *software* livre; Pollyana Ferrari, a respeito da origem da internet e do jornalismo nesse contexto; Ricardo Nicola, também em relação à origem da internet e de algumas redes sociais; Raquel Recuero, quanto ao contexto do indivíduo e as comunidades virtuais; especialistas em teoria da comunicação e do jornalismo, entre os quais Felipe Pena, com os conceitos nucleares da profissão (notícia, ética, objetividade etc.), e Nelson Traquina, um dos poucos a se dedicar à pesquisa sobre essa prática profissional e sua identidade, doravante em transição. Nesse âmbito, observa-se, a partir de 2000, mudanças estruturais nas formas de produção e circulação de notícias, pelas quais e a partir das quais o público, além de receptor, passou a ser gerador de conteúdos. Com base nisso, as hipóteses testadas na pesquisa geraram as seguintes conclusões: os *blogs* são ferramentas que contribuíram para as mencionadas mudanças comunicacionais no jornalismo; o profissional, sendo o seu próprio editor e com a liberdade permitida pelos dispositivos e redes digitais, tem condições, de fato, de criar uma linguagem própria para a blogosfera. Essas conclusões indicam que, com a internet e os *blogs*, pode estar em curso um “novo jornalismo”, que, com efeito, no presente, se coloca, ainda, como um “novo arranjo” de suas velhas formas no campo comunicacional; mas a médio ou longo prazo, pode colocar questões importantes que permitirão rever o jornalismo praticado na contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** cibercultura; Internet; jornalismo; linguagem; *blogs*.

## Abstract

The main object of this research is the emergence of a “new journalism” practiced in the so-called “blogosphere” insofar as the socio-technical structure of production, information gathering, language, access, reception, distribution and reader participation is concerned. The work involved the analysis of blogs with common characteristics, i.e., allocation in Brazilian portals and media, written by journalists, and relevance in the blogosphere in terms of content and audience. The body of research comprises the following blogs: *Noblat* (O Globo); *Josias de Souza* (Folha de S. Paulo), *Reinaldo Azevedo* (Veja) and *Luis Nassif Online* (Brasilianas.org). The main objective here is to reflect on the changes in communication and in current journalism starting from the advent of the Internet and of blogs. The research problem consists in discovering if blogs actually contribute to this “new journalism” in their depiction of today’s realities. The main authors underpinning the theoretical base of this work are David Harvey and Fredric Jameson, scholars of the transition from modernity to postmodernity; Paul Virilio, who addresses the phenomenon of speed and the “war of time” as characteristics of today’s times; Manuel Castells, Nicholas Negroponte, Steven Johnson, Eugênio Trivinho and Pierre Lévy, who contribute conceptual elements for an understanding of the internet and of the relationship of individuals with this net; André Araújo, with respect to the culture of free software; Pollyana Ferrari, concerning the origin of the internet and of journalism in this context; Ricardo Nicola, also with regard to the origin of the internet and of several social networks; and Raquel Recuero, who examines the context of the individual and of virtual communities. The theoretical base is also strengthened by specialists in the theory of communication and journalism, who include Felipe Pena with his nuclear concepts of the profession (news, ethics, objectivity, etc.), and Nelson Traquina, one of the few authors dedicated to research into this professional practice and its identity, which is in continual transition. In this context, since 2000, structural changes are found in the forms of production and circulation of news, through which and from which the public is not only a receiver but has also become a generator of content. Based on the above, the hypotheses tested in this research lead to the following conclusions: 1) blogs are tools that contribute towards the aforementioned communicational changes in journalism; and 2) the professional, being his own editor and empowered by the freedom afforded by digital devices and networks, is in fact able to create his own language for the blogosphere. These conclusions indicate that a “new journalism” may be emerging through the internet and blogs, which today, in effect, is still a “new arrangement” of its old forms in the field of communication; but which, in the medium or long term, may give rise to important issues that will allow for a reassessment of the journalism practiced today.

**Keywords:** cyberculture, Internet, journalism, language, blogs

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
1 O contexto contemporâneo .....	15
1.1. Ruptura do moderno para o pós-moderno: qual é este momento histórico ..	16
1.1.1. A ideia de pós-modernidade e a sociedade contemporânea .....	20
1.1.2. Globalização e as mudanças nos conceitos de espaço e tempo .....	21
1.2. Funcionamento da sociedade contemporânea: sociedade da informação .....	31
1.2.1. Computador, a Terceira Revolução Industrial e a sociedade da informação .....	33
1.2.2. O trabalho e o trabalhador do conhecimento .....	37
1.3 A sociedade da informação e a era das mídias desmassificadas .....	40
1.3.1 Advento da internet e os indivíduos .....	45
1.3.1.1 Computador como instrumento de libertação? .....	53
1.3.1.2 O indivíduo como terminal de redes múltiplas e a nova realidade midiática .....	56
2 Teorias da comunicação e do jornalismo .....	59
2.1 Do paradigma de Shannon e Weaver à seringa hipodérmica .....	59
2.2 Teorias do jornalismo: conceitos e críticas .....	61
2.2.1 O que é ser jornalista? .....	67
a) O jornalismo: fatores tempo e velocidade .....	69
b) Objetividade .....	70
c) Linguagem jornalística e técnica .....	72
2.2.2. Mitos jornalísticos .....	74
2.2.3. Gêneros jornalísticos .....	75
3 Dos primórdios do “novo jornalismo” digital aos <i>blogs</i> .....	81
3.1 Origem dos <i>blogs</i> : do diário em papel ao diário na tela .....	85

3.1.1 Tipos de <i>blogs</i> .....	90
3.2 As características dos <i>blogs</i> .....	94
3.2.1 A informação nos <i>blogs</i> .....	96
3.2.2 A escrita nos <i>blogs</i> .....	98
3.2.3 Os <i>blogs</i> e as possibilidades de diálogo .....	100
3.3 Os <i>blogs</i> e o jornalismo .....	106
3.3.1 Revisão do jornalismo na internet e nos <i>blogs</i> .....	108
3.3.2 Os <i>blogs</i> permitem a transformação do jornalismo? .....	114
3.3.3 Trabalho de campo .....	117
3.3.3.1. Os <i>blogs</i> analisados .....	118
a) Blog do Josias de Souza .....	119
b) Blog do Noblat .....	119
c) Blog do Reinaldo Azevedo .....	120
d) Blog do Luis Nassif .....	121
3.3.3.2. Análise .....	122
a) Blog do Josias de Souza .....	122
b) Blog do Noblat .....	128
c) Blog do Luis Nassif/Luis Nassif Online .....	137
d) Blog do Reinaldo Azevedo .....	141
CONCLUSÃO .....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	158



## Introdução

A presente Dissertação tem como objeto e foco a emergência de um “novo jornalismo” vislumbrado na blogosfera no que diz respeito à estrutura sociotécnica de produção, levantamento de informações, linguagem, acesso, recepção, distribuição e participação do leitor neste processo.

Uma nova forma de jornalismo acontece através de uma linguagem própria de seu criador, por procedimentos diversos dos do jornalismo tradicional e por meio de novos papéis e funções exercidas pelos jornalistas. O “novo jornalismo”, embora apresente singularidades, no momento não se define como um “modelo”; apenas como um caminho a ser percorrido para se definir um jornalismo praticado na contemporaneidade; este jornalismo se define até o momento, como “novo arrançamento” no campo jornalístico, que precisa conviver com as velhas formas e as mudanças no processo comunicacional.

Neste contexto, entram outros sujeitos no processo de comunicação, os leitores, que não são passivos e que, nos *blogs* (entre outras mídias sociais), passam a ser atuantes. Nos *blogs*, os leitores podem expor suas ideias, comentários, opiniões em tempo real, travando um diálogo direto com o jornalista blogueiro e entre outros leitores. Desta forma, o leitor influencia o trabalho do jornalista, com este espaço de comentários presentes nos *blogs* e com a possibilidade de até em alguns destes (como alguns dos aqui analisados), ser um colaborador. O “novo jornalismo” se vislumbra com uma distribuição e particularização de outros sujeitos neste processo. A imprensa se vê forçada a revisar a sua relação com a audiência e desta maneira, esta não pode ser vista mais como estranhos ou um invasor.

A presença do público mais atuante nas redes sociais, em especial nos *blogs*, determina uma nova escrita e linguagem neste meio, que é, portanto, mais informal, rápida e direta. Como afirma Schittine (2004, p. 155), a escrita nos *blogs* é pensada em relação ao público, o outro. A partir deste, que surge uma nova imprensa, com mudanças em sua identidade e algumas funções jornalísticas. Hoje, além do fim da exclusividade do jornalista quanto à informação, esta, como afirma Ferrari (2010, p. 45) sai como vetor e se destaca as redes sociais como processo de troca de conhecimentos e de conteúdos. O jornalista permite que sua função seja a de criar plataformas, ao invés de conteúdos; e que o criador de conteúdo é o público (BRIGGS, 2007, p. 28).

O jornalismo presente na blogosfera é o que permite a interação minuciosa que acontece através de respostas imediatas, reconhecimento mútuo entre quem escreve a informação, o leitor e a mensagem/resposta que este produz. De acordo com Canavilhas (2001, p. 2), cai à máxima “nós escrevemos vocês leem” presente nos meios de comunicação tradicionais. Numa sociedade com acesso às múltiplas fontes de informação e com espírito crítico, a possibilidade de interação direta com o produtor de notícias ou opiniões é um grande trunfo para o jornalismo praticado na *web* e bastante aproveitável na blogosfera entre os *blogs* jornalísticos sobremaneira entre os analisados nesta pesquisa.

Enquanto que, no jornalismo tradicional, o leitor que discordava de determinada posição ou ideia veiculada pelo jornalista limitava-se (ou limita-se) ao espaço da “Carta do leitor” e a possibilidade de ter seu comentário publicado; no jornalismo na *web*, a interação direta entre leitores e jornalistas é um grande diferencial, que deve ser explorado pelo jornalismo tradicional e que é usado por esse “novo jornalismo” em formação.

A interação também permite que floresçam formas de comunicação na *web* mais humanas, exemplo do *blog*, entre muitas outras ferramentas presentes no ciberespaço e nas redes sociais.

Hoje, percebe-se que as redes sociais mudaram inclusive o comportamento dos usuários e, conseqüentemente, o *design* do conteúdo, a forma que ele é mostrado/distribuído, sua escrita e linguagem. Atualmente, num universo de 66,3 milhões de internautas brasileiros, 80% acessam diariamente uma rede social (FERRARI, 2010, p. 20). Além disso, a *Consumer Generated Media* (CGM) ou Mídia Gerada pelo Consumidor, presente em comentários, fóruns de discussão, *blogs*, *fotolog*, comunidades e *sites* (exemplo do *Twitter*, *You Tube*, *Wikipédia*, *Myspace*, *Facebook* etc.) tem modificado a forma de absorver conteúdo e de se comunicar. A nova mídia, e também o jornalismo presente na *web*, estão baseados no compartilhamento.

O fazer jornalístico com as redes sociais, em particular os *blogs*, modificou-se e, desta forma, se questiona: será que os *blogs* têm o poder de mudar ou até mesmo acabar com o jornalismo tradicional? A própria sociedade está em mudança como relatado no capítulo 1 (O contexto contemporâneo); este capítulo tem o objetivo de apresentar o contexto social contemporâneo, da passagem do moderno para o pós-moderno. A transição do moderno para o pós-moderno também correspondeu a mudanças do capitalismo, do tradicional ao tardio; este último propicia a expansão do mercado e das fronteiras.

Houve, nesse capítulo, a análise das mudanças de ideias a respeito dos conceitos de espaço-tempo, característica desse capitalismo e sociedade; esta se caracteriza pela associação entre local e global, na qual os acontecimentos globais são refletidos nas sociedades nacionais e, desta forma, dão impulso às sociedades locais. Outro ponto de análise é o referente ao funcionamento social, político e cultural da sociedade contemporânea, na qual a identidade é fragmentária e múltipla. O ciberespaço faz com que o indivíduo tenha identidades múltiplas, vistas sempre como um processo em construção.

Uma terceira análise para o capítulo 1 é referente ao computador como instrumento de individualização, quanto ao indivíduo que cria seus espaços individuais, mas que também se “abre” para milhões de pessoas na rede mundial de computadores. O indivíduo cria um espaço de compartilhamento de informações, os *blogs*, no contexto de uma sociedade do conhecimento ou da informação, a qual deixou de ser um bem restrito a poucos, mas se tornou, agora, disponível para muitos. O cenário atual, descrito no capítulo 1, propiciou mudanças nas formas de comunicação, pois seus produtos eram feitos por poucos para muitos e hoje são feitos por muitos para muitos.

No capítulo 2 (Teorias da comunicação e do jornalismo) são apresentadas teorias básicas da comunicação e do jornalismo, que mostram aquelas que melhor se adequam ao objeto de estudo desta pesquisa. As teorias do jornalismo foram analisadas para melhor entender a profissão, o seu fazer, a notícia, e também a própria identidade do jornalismo e do jornalista. Outros pontos analisados foram os conceitos-chave ou variantes do jornalismo, como a velocidade e o tempo que também são conceitos da sociedade pós-moderna. Os mitos jornalísticos, que são ideias errôneas da profissão e, que são levadas em consideração até hoje. Por fim, houve o relato dos gêneros jornalísticos através dos quais os profissionais se dividem quanto ao seu fazer, além da introdução de algumas ideias de gêneros na *web*, como o jornalismo digital e os *blogs*.

No capítulo 3 (Os primórdios do “novo jornalismo” digital aos *blogs*) inicialmente se fez um breve histórico do jornalismo na *web* no Brasil. O panorama partiu dos primeiros *sites* e de como a informação era veiculada (quanto ao formato e a linguagem) nesse novo suporte, até o surgimento dos *blogs*; estes mudaram em relação ao outro, que passou a ser uma variante a ser considerada, em particular nos *blogs* jornalísticos. Outro panorama foi traçado quanto à escrita nos *blogs*, a partir dos primeiros criados por programadores, a escrita nos “diários virtuais”, até as atuais formas de escrita e comunicação na blogosfera. A partir desta trajetória, mostrar a escrita, a construção de uma memória virtual e da forma de se comunicar

presentes nos *blogs*, em particular, os jornalísticos, como um “novo jornalismo” praticado na contemporaneidade (que se coloca como um “novo arranjo” de suas velhas formas, no campo comunicacional).

No momento seguinte do capítulo 3, abordaram-se os *blogs* que constituem o *corpus* da pesquisa, como a informação é relatada por seus autores, o tipo de escrita usada e as suas características. No tópico referente aos *blogs* e o jornalismo, partiu-se para a análise da informação e da escrita nestes (*corpus* da pesquisa) que responderam aos objetivos desta pesquisa, entender este “novo jornalismo” por meio de uma linguagem presente na blogosfera, assim como o acesso, recepção, distribuição da informação e participação dos leitores que modificam o jornalismo contemporâneo.

A pesquisa vem acrescentar uma reflexão sobre o jornalismo atual, quanto aos novos papéis e funções exercidos pelos jornalistas. Para isso, foram feitas análises comparativas de textos, imagem-textos-vídeos de quatro *blogs* jornalísticos com características em comum: estarem localizados em portais e veículos de comunicação brasileiros, escritos por jornalistas (muitos oriundos de veículos impressos) e com relevância dentro da blogosfera quanto principalmente à audiência. Desta forma, compuseram o *corpus* desta pesquisa: o *Blog* do Noblat (Globo.com), o *Blog* do Josias de Souza (Folha de S. Paulo), o *Blog* do Reinaldo Azevedo (Veja) e o *Blog* do Luis Nassif (quando da realização desta pesquisa, que mantinha *blog* alocado no Portal IG, mudou para o Portal Brasilianas.org e passou a se chamar Luis Nassif *Online*). Os *blogs* foram monitorados e seus conteúdos analisados no período de janeiro de 2010. Neste período, aconteceram vários fatos sociais marcantes, como o Terremoto no Haiti e tragédias em decorrências de enchentes e deslizamentos de terra no Brasil (no sul e sudeste do país). A partir da análise de conteúdos dos *blogs* neste período, observou-se que muitos destes apropriaram-se e contextualizaram a informação oriunda dos veículos tradicionais de comunicação. A característica dos *blogs* analisados de contextualizar e apropriar-se da informação de outros veículos permite que se reflita sobre as mudanças do jornalismo, quanto a sua prática profissional, funções e sua própria identidade.

Os *blogs* que compõem o *corpus* desta pesquisa surgiram no período de 2004-2006, e os jornalistas autores destes são oriundos de veículos impressos e tradicionais de comunicação. O jornalista Ricardo Noblat, por exemplo, autor do *Blog* do Noblat, é hoje um dos poucos jornalistas que vivem do *blog*. Ele possui uma equipe que o ajuda a produzir o mesmo, assim como colaboradores. Noblat, inicialmente, começou a escrever no *blog*

paralelamente às suas funções em um veículo impresso, mas em decorrência da sua demissão, passou a investir nesta ferramenta, até então em crescimento no Brasil (isso no ano de 2004).

Para melhor visualização das características dos *blogs* analisados, como o uso de texto-imagem-vídeo, muitas vezes no mesmo *post*, alguns conteúdos do corpus da pesquisa foram anexados a um cd (em anexo a esta pesquisa).

No início desta pesquisa, supunha-se a existência de um modelo jornalístico na blogosfera. Com o desenvolvimento e amadurecimento dos estudos, concluiu-se, que, no atual momento histórico, este modelo jornalístico ainda não está concretizado. Isso porque um modelo pressupõe a ideia de algo acabado e aparentemente inerte. Na própria blogosfera e no contexto contemporâneo da pós-modernidade, não cabem conceitos fechados.

Se não há um modelo de jornalismo na blogosfera, pode-se observar, no entanto, mudanças significativas, um caminho a ser percorrido na forma de se comunicar, no jornalismo praticado nos *blogs*. Quanto à escrita e ao formato dos *blogs*, a escrita é subjetivo-interpretativa da *persona* do blogueiro. Ao mesmo tempo, o jornalismo tradicional se faz presente quando o jornalista blogueiro contextualiza a informação já publicada em outros veículos tradicionais de comunicação. Portanto, ainda é necessário um jornalista que colhe, apure e edite a informação, matéria-prima do jornalismo interpretativo-subjetivo-opinativo presente nos *blogs*. As dificuldades foram superadas com o entendimento deste jornalismo contemporâneo presente nos *blogs*, assim como na sociedade atual. O percurso está presente na pesquisa a seguir.

# 1

O contexto contemporâneo

## 1 O contexto contemporâneo

[...] somos forçados, se buscarmos o eterno e imutável, a tentar e a deixar nossa marca no caótico, no efêmero e no fragmentário [...].

Harvey (2009, p. 26)

Ao final do século XX, as sociedades do mundo ocidental ingressaram numa nova história cuja característica é a transformação da cultura pelo que Castells (2000) chama de mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Entre estas se incluem um conjunto de tecnologias em microeletrônica, computação (*software e hardware*), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica, além da engenharia genética e suas aplicações. Desde os anos 1990, a biologia, a eletrônica e a informática convergiram em suas aplicações e materiais. Ao redor dessas tecnologias da informação, outros avanços tecnológicos vêm ocorrendo, principalmente nas duas últimas décadas do século XX, em relação a materiais avançados, fontes de energia, aplicações na medicina, técnicas de produção, tecnologias de transporte etc. Vive-se em um mundo cada vez mais digital e no qual a compressão de espaço-tempo são mais vivas.

A nova história corresponde a uma nova sociedade que passou por transformações significativas e apresentam vários nomes para designá-las como: sociedade pós-industrial, sociedade do consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade da eletrônica etc. Mas como se chegou a essa sociedade?

As revoluções tecnológicas, ao longo da história, foram caracterizadas por sua penetração em todos os domínios da atividade humana. Assim foi na Revolução Industrial, com sua tecnologia a vapor, que foi a base da então sociedade industrial. O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação destes para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento e comunicação da informação. A mente humana é uma força direta de produção nesta sociedade da informação e, dessa forma, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são ampliações e extensões da mente humana. A integração entre mentes e máquinas está alterando o modo de viver, aprender, trabalhar, produzir, consumir etc.

A nova ordem tecnológica, que corresponde a uma nova ordem social, não mais obedece às leis do capitalismo industrial ou clássico; esta transformou-se em uma “sociedade do conhecimento”, decorrente de mudanças sociais e econômicas significativas, que

resultaram na mudança inclusive do nome de sociedade moderna, para pós-moderna. Qual seria a diferença entre essas duas sociedades ou conceitos?

Em linhas gerais, pode-se dizer que a diferença entre moderno e pós-moderno estaria no fato de que, este último, representa uma ruptura em relação ao primeiro e a tudo que a modernidade representou; ou seja, a pós-modernidade é o heterogêneo, a diferença, a fragmentação, a indeterminação e a desconfiança em relação aos discursos universais e totalizantes.

Neste contexto, apontam-se duas variantes desta nova sociedade, baseada na teoria pós-industrial: a da sociedade da informação (brevemente especificada) e as teorias da pós-modernidade (que será especificada no tópico seguinte, uma introdução à teoria da informação).

### **1.1 Ruptura do moderno para o pós-moderno: qual é esse momento histórico?**

Para esse tópico, partir-se-á de autores que estudam esse momento de mudança, como Toffler (2001), Harvey (2009), Jameson (2007; 2006) e Kumar (2006). Estes autores também relatam qual é este momento histórico, que significou a passagem do moderno para o pós-moderno.

Entre as décadas de 1960 e 1970, vários sociólogos formularam interpretações da sociedade moderna, que chamaram de sociedade pós-industrial. A teoria pós-industrial ganhou circulação a partir de ideias como as propostas por Alvin Toffler, em “O choque do futuro” (livro originário de 1970), assim como outros. Nesta obra, em particular, o público é convidado a se preparar para a transição em direção a uma nova sociedade, denominada como sociedade da informação, na qual o conhecimento teórico é o aspecto mais significativo, a fonte de valor e de crescimento.

O termo “moderno” entrou em foco no século XVIII e equivalia ao projeto intelectual de pensadores iluministas para desenvolver uma ciência objetiva, a moralidade e as leis universais. O pensamento iluminista abrangeu a ideia de progresso e foi um movimento que tirou da atmosfera do sacro o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos. De acordo com Harvey (2009), ao mesmo tempo, que os pensadores iluministas saudavam a criatividade humana, a descoberta científica e a busca por excelência individual

acolheram as mudanças como condição fundamental para que o projeto modernizador fosse possível.

Já o século XX, como aponta o autor (2009, p. 23-24), com seus significativos acontecimentos históricos, como a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a ameaça de destruição nuclear encerrou uma era de otimismo. O projeto iluminista estaria, nesse contexto do século XX, levando-nos a usar os avanços tecnológicos a projetos como os campos de concentração de Auschwitz e as bombas nucleares, que destruíram as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Então, o projeto iluminista, neste momento, foi visto com ceticismo, quanto às suas metas e seus meios e fins. A partir disso, surge o pensamento filosófico pós-modernista, que propõe o abandono deste projeto iluminista.

O pensamento iluminista tinha seus problemas internos, como o que Harvey chama de “concepção de sabedoria de elite, mas coletiva, masculina e branca”; “os pensadores, como grandes benfeitores da humanidade, que, por intermédio de suas lutas e esforços singulares, levariam a razão e a civilização do nada ao ponto da verdadeira emancipação” (HARVEY, 2009, p. 24). Harvey (2009, p. 25) afirma que o projeto iluminista teve assim, seus críticos, que não escondiam as suas dúvidas e desgostos com os excessos do projeto da modernidade; como os ideais de liberdade, desenvolvimento da ciência, da racionalidade e da liberdade humana. Na verdade, escondiam uma “racionalidade proposital-instrumental”, que levava à criação de uma “jaula de ferro” da qual não se podia escapar. Então, todo o conjunto de imagens iluministas sobre a civilização, a razão, os direitos universais e a moralidade de nada valia. A essência da humanidade estaria no que Harvey (2009, p. 26) chama de “criativamente destrutivo”, algo importante para entender a modernidade e a criação de um novo mundo. Para isso, seria necessário destruir boa parte do que viera antes.

Já no início o século XX, a estética estava acima da ciência, da racionalidade e da política. Nesta nova concepção do projeto modernista, artistas, escritores, arquitetos, compositores e filósofos tinham um papel criativo, o de desempenhar a essência da humanidade, cabendo talvez a isso uma função heróica; ou seja, não somente compreender o espírito de sua época, mas iniciar o processo de mudança.

A mercantilização de produtos culturais durante o século XIX forçaram, como afirma Harvey (2009, p. 31), “os produtores culturais a seguir uma competição de mercado que viria a reforçar processos de destruição criativa no interior do próprio campo estético”. O artista moderno tinha de ter essa “aura de criatividade, de dedicação, a arte pela arte” para criar um objeto original e, portanto, altamente comercializável (HARVEY, 2009, p. 31). Dessa forma,

a obra de arte se tornou algo altamente técnico, capaz de ser reproduzido, disseminado e, portanto, criando-se um fascínio “pela velocidade e movimento, pela máquina e pelo sistema fabril, o que nos levou à imitação, ao pastiche, posteriormente presente na cultura pós-moderna (idem, p. 31-32).

O modernismo antes da Primeira Guerra Mundial foi uma reação às novas condições de produção (a máquina, a fábrica, a urbanização), de circulação (os novos sistemas de transporte e comunicação) e de consumo (ascensão de mercados de massa, de publicidade, da moda de massa) do que uma produção de mudanças. No período entre guerras, este era um modernismo heróico, universal ou o alto modernismo; ou seja, o modernismo proposto era “positivista, tecnocêntrico e racionalista” (HARVEY, 2009, p. 42), ao mesmo tempo em que era visto como obra de “uma elite de vanguarda” e por “guardiões do gosto refinado”.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, na arte desse período, por exemplo, vê-se uma orientação para o expressionismo abstrato por pintores como Rothko, Gottlieb e Jackson Pollock, que refletiam a alienação, ansiedade, fragmentação e destruição criativa proposta inicialmente pelos modernistas. Aconteceu, desta forma, o surgimento de uma era de “despolitização do modernismo”, com a ascensão da arte expressionista abstrata. O modernismo perdeu, assim, o seu atrativo como algo revolucionário para chegar a uma ideologia reacionária e “tradicionalista”, abrindo caminho para o pós-modernismo (HARVEY, 2009, p. 43).

O século XX, com os seus movimentos contra a guerra, contraculturais, e mudanças comportamentais que fizeram parte do movimento de 1968, trouxeram transformações para a sociedade que se vivia naquele momento, marcando-a e, desta maneira, surgiu a sociedade pós-moderna. Mas o que significa isso?

Kumar (2006) faz a distinção entre pós-modernidade e pós-modernismo, assim como uma separação de modernidade e modernismo. Em alguns aspectos, estes termos coincidem, mas há uma tensão entre eles que, em alguns momentos, convergem. Para o autor, o conceito de modernidade é, “em sua maior parte político ou ideológico”, enquanto o modernismo é “cultural e estético”. Quanto aos conceitos de pós-modernidade e o pós-modernismo, Kumar afirma que “ambos são usados mais ou menos um pelo outro” (idem, 2009, p. 139). A ideia de pós-modernidade apaga essas linhas de diferenciações de conceitos e do que o autor aponta “de reinos da sociedade – político, econômico, social e cultural” (idem, 2009, p. 140); já que é característico da sociedade que se vive o pluralismo e a diversidade.

De acordo com Harvey (2009, p. 47), o pós-modernismo seria “uma ruptura radical com o modernismo”, ou uma espécie de “revolta interior deste último contra certa forma de ‘alto-modernismo’”, ou seja, contra a cultura “classista”. O mesmo autor e Jameson (2006, p. 20) questionam o conceito de pós-modernismo: seria este um conceito periodizador, que teria surgido por volta da década de 1950 e 1960? O pós-modernismo teria um potencial revolucionário, assim como o movimento modernista foi? Ou este não passa de uma comercialização e domesticação do modernismo? Ou seria porque sua ascensão se associa às mudanças sociais em relação ao capitalismo e, portanto, a uma sociedade pós-industrial? Harvey (2009, p. 49) parte do conceito de pós-modernismo, que é a “aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico” que são também conceitos para o modernismo, em que o primeiro responde de uma maneira diversa com relação ao último, não querendo transpor o efêmero, o caótico, o fragmentário. O pós-moderno põe de lado o fragmentário e caótico e enfatiza o caos da vida moderna. Dessa forma, o pós-moderno acolhe a fragmentação, o efêmero de maneira afirmativa.

Mas, para localizar o momento que surge o pós-modernismo e determinar o que este representa, a “era pós-moderna” é marcada como uma ruptura com a “era moderna clássica, que durara aproximadamente da Renascença até fins do século XIX”. A era pós-moderna caracterizava-se (ou caracteriza-se) “pelas crenças e sentimentos de irracionalidade, indeterminação e anarquia”. As características descritas acima são em decorrência do advento da sociedade e da cultura de massa em nossa época. A “contracultura” da década de 1960 adotou a “bandeira do pós-modernismo” e aqueles que o propuseram, se consideravam chefes corajosos contra “tudo que o modernismo representava”, no campo político ou cultural. O pós-modernismo foi a forma assumida pelo modernismo, depois que este perdeu sua aura revolucionária, ou seja, o pós-moderno é parte do moderno (KUMAR, 2006, p. 145).

Para pensar a linha de pensamento do pós-modernismo, pode-se dizer que este condena as metanarrativas, os “amplos esquemas interpretativos”. Harvey (2009, p. 49-50) cita a metáfora para descrever a condição do conhecimento pós-moderno. A nossa linguagem seria vista como uma cidade antiga, cheia de ruelas, praças e com casas de diferentes épocas e tudo isso cercado por novas formações urbanas, com casas regulares e ruas retas.

Harvey (2009, p. 52) aponta que “determinismos locais têm sido compreendidos por outros como ‘comunidades interpretativas’, formadas por produtores e consumidores de tipos particulares de conhecimento, de textos, com frequência operando num contexto institucional particular”. Os *blogs* podem ser tomados como exemplos atuais, de como os indivíduos são

levados a controlar mutuamente o que consideram conhecimento válido, ou seja, um replica do que o outro publica e assim por diante.

A ideia, de que cada indivíduo ou grupo tem o direito de falar por si mesmo, com sua própria voz e desta ser aceita como autêntica, é bem característica do tempo atual e do momento que se vive.

### **1.1.1 A ideia de pós-modernidade e a sociedade contemporânea**

Uma definição para pós-moderno seria útil a se definir, mas o estabelecimento de conceitos exatos entra em choque com o que os pós-modernistas mais prezam que é a abolição de categorias de gênero e discursos. A era pós-moderna caracteriza-se por uma indeterminação, anarquia e também pelo surgimento de uma nova ordem econômica, frequentemente chamado de modernização, sociedade do consumo pós-industrial e capitalismo multinacional (KUMAR, 2006, p. 152; JAMESON, 2007, p. 32).

O pós-modernismo pode ser, para a sociedade pós-industrial ou do capitalismo tardio, o que o modernismo foi para a sociedade industrial em sua fase moderna ou clássica do capitalismo. A era pós-moderna pode ser assim descrita como uma ruptura com o modernismo clássico. Ou então, que cultura e sociedade podem ser vistas como esferas complementares e ao mesmo tempo distintas. Para Kumar (2006), cultura e sociedade são aparentemente tratadas de forma separada, mas que “se fundem uma na outra”. A condição pós-moderna estaria baseada em uma sociedade na qual o conhecimento tornou-se a principal força de produção. O conhecimento, em sua forma pós-moderna, não seria apenas uma instrução cultural da sociedade pós-industrial, mas um aspecto da sociedade do conhecimento ou da informação (mais sobre sociedade da informação será retratado no item 1.2).

Outra concepção de pós-moderno, a de Jameson (2007), relaciona a cultura desse momento a um estágio particular de capitalismo, o capitalismo tardio. Para Kumar (2006, p. 152), o pós-modernismo “não é um elemento cultural dominante de uma ordem social inteiramente nova, mas apenas o reflexo [...] de uma modificação sistêmica do próprio capitalismo”. O novo estágio do capitalismo sugere uma nova relação entre cultura e sociedade; e instala a cultura no centro da sociedade, sendo que a primeira se tornou uma “segunda natureza” (KUMAR, 2006, p. 153). Nesse estágio do capitalismo, a cultura torna-se o principal determinante da realidade social, econômica, política e até mesmo psicológica.

Houve uma “mercantilização da cultura” (KUMAR, 2006, p. 155) e, dessa maneira, o regime de acumulação, ou o modo de produção econômica está se tornando um regime de significados. Enquanto o modernismo problematizou a representação da realidade, o pós-modernismo problematizou (e problematiza) a própria realidade; ou seja, questiona-se e “sugere que essa realidade não mais é do que um conjunto de representações ou imagens – simulacros” (idem, 2006, p. 156).

O que se deve entender é que os sistemas mudaram e assumiram novas configurações, como um grau reforçado de fragmentação, pluralismo e individualismo. Isto é em decorrência em parte das mudanças ocorridas na organização do trabalho e na tecnologia, do declínio da nação-estado e das culturas nacionais. A vida econômica, social, política e cultural é influenciada por fatos que ocorrem em nível global. E esse fenômeno global, teve como um de seus efeitos o aumento da importância do local, estimulando as culturas subnacionais e regionais. A sociedade pós-moderna, em sua essência, associa o local com o global, alterando inclusive os conceitos de espaço e tempo (temas a serem discutidos no item a seguir) ou de compressão do espaço-tempo.

### **1.1.2 Globalização e mudanças no conceito de espaço e tempo**

O conceito de globalização é vasto e envolve muitos aspectos, podendo ser discutido em temas separados como: “a sociedade da informação”, novos movimentos sociais e políticos, as identidades pessoais e coletivas, mudanças econômicas e culturais, todos neste contexto da globalização. Porém, o elemento comum, ao qual a globalização está inserida, é a informação.

O caráter global da informação, o fluxo desta que liga pessoas e lugares através do mundo por meio da internet e da comunicação eletrônica, é um dos focos de análise dessa pesquisa. De acordo com Kumar (2006):

O ‘espaço de fluxo’, a rede global, complementa e em certa medida substitui o ‘espaço dos lugares’, as localidades que constituíam a principal fonte de nossas experiências e identidades. É a integração da informação em redes globais centradas em ‘cidades globais’ [...] que provocou a superação do Estado-nação, sobretudo na arena econômica, mas também na cultura e, cada vez mais, na política (KUMAR, 2006, p. 23).

A globalização e o termo usado por Kumar (2006, p. 25), “informacionismo global” não integra somente os elementos centrais das teorias da sociedade do conhecimento ou da informação (especificados no item seguinte desta pesquisa). O termo globalização se tornou um “clichê de nossa época” (KUMAR, 2006, p. 25), ou seja, com sua “ideia de que tudo abrange, dos mercados financeiros globais à Internet”, como principal desenvolvimento da era contemporânea (idem, 2006, p. 26). A discussão da globalização parte para a caracterização desta como fenômeno de ‘alargamento, aprofundamento e aceleração da interconectividade mundial em todos os aspectos da vida social contemporânea’. Sendo assim, a globalização é um processo que transforma a “organização espacial das relações e transações sociais” (idem, 2006, p. 26).

Diferentemente da visão de Kumar (2006) e de outros autores, Santos (2001) desmistifica essa ideia de globalização. Para o autor, a máquina ideológica passa essa ideia de que, por exemplo, a difusão de informações instantâneas na era da globalização realmente informa as pessoas. Essa mesma máquina ideológica passa a ideia de espaço e tempo contraídos, como se o mundo torna-se cada vez mais homogêneo o que na realidade está se tornando mais heterogêneo, menos unido.

Para Santos (2001), alguns fatores constituem e explicam a arquitetura da globalização atual: “[...] a unicidade técnica do planeta, a existência de um motor único na história, representado pela mais valia globalizada; um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas, resultando nessa globalização perversa” (SANTOS, 2001, p. 37). Para Santos (2001), a globalização não é de todo benéfica à sociedade atual, tendo um lado perverso, dominado pelas tiranias do dinheiro e da informação, sendo a primeira o motor da vida econômica e social.

A globalização dá lugar a vários tipos de “localismos” que assumem as formas como, a redescoberta de heranças e histórias locais. “O glocal ou glocalização é um termo originário japonês e da esfera do “micromarketing” e “se referia à produção e publicidade de bens de serviço em base global[...], com vistas a mercados locais ou particulares” (KUMAR, 2006, p. 241). Por isso, o termo glocal, um neologismo formado pela primeira sílaba da palavra “globalização” e pela primeira sílaba da palavra “local”. O glocal, não vê o isolamento da dimensão global em relação à dimensão local e vice-versa e, sim, numa aglutinação de ambas as dimensões. O fenômeno glocal responde à uma reprogramação dos termos espaço e tempo.

No contexto pós-moderno vê-se uma crise da experiência do espaço e do tempo, esta na qual a categoria espaço se sobrepõe a do tempo, e este sofre mudanças que não se

consegue acompanhar. Na sociedade em que se vive, muitos sentidos diversos de tempo se entrecruzam podendo ser movimentos cíclicos, repetitivos (como rotinas diárias de cada indivíduo, rituais etc.) que dá uma sensação de segurança. A ideia do tempo cíclico como fenômeno natural, que recorre à imagem de algo universal, estável e dessa forma, contrapondo-se ao progresso, cujo impulso é sempre para frente (HARVEY, 2009, p. 187-188).

O conceito de espaço também é tratado como “um fato da natureza”, e tem como principais atributos, a “direção, área, forma, padrão e volume” (idem, 2009, p.188); ou seja, o espaço é tratado normalmente como um “atributo que pode ser medido e apreendido”. Os registros históricos e antropológicos apontam que sociedades e subgrupos distintos possuem concepções de espaço diferentes. Por exemplo, os “mundos espaciais de crianças, de doentes mentais, de mulheres e homens de diferentes classes, habitantes de zonas urbanas e rurais”, são alguns dos exemplos de diversidades de grupos e suas concepções de espaço e também de tempo (idem, 2009, p.189).

O modo como são representados e entendidos os conceitos de espaço e tempo são importantes para a maneira como se interpreta e como age em relação ao mundo. Harvey (2009, p. 190), aponta os desacordos do legado intelectual em relação às concepções de tempo e de espaço. As teorias sociais privilegiam as formulações de tempo, em detrimento as do espaço. As teorias supõem “a existência de alguma ordem espacial preexistente, na qual opera processos temporais, ou que as barreiras espaciais foram reduzidas a tal ponto que tornaram o espaço um aspecto contingente”, em vez de fundamental (HARVEY, 2009, p. 190) Enquanto, para a teoria estética, esta se preocupa com o que Harvey chama de “espacialização do tempo” (2009, p. 190).

As teorias sociais, de acordo com Harvey (2009, p. 191), têm como foco: “processos de mudança social, de modernização e de revolução (técnica, social, política). [...] o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a ‘aniquilação’ [...] do espaço através do tempo”. O elemento comum dessa concepção da teoria social é quanto à revolução tecnológica da informação, que conota, em termos de comunicação instantânea, a compressão do tempo e espaço.

Santos (2001, p. 27-28) afirma que há uma confluência dos momentos, o que ficou conhecido como tempo real. Este não é só em referência hora do relógio sendo a mesma em todo o mundo, mas, o fato “que podemos usar esses relógios múltiplos de maneira uniforme”. O autor continua: “o tempo real também autoriza usar o mesmo momento a partir de múltiplos

lugares; e todos os lugares a partir de um só deles” (SANTOS, 2001, p. 28). A partir desse tempo real, pode-se ter conhecimento do que acontece no mundo propiciado pelas tecnologias da informação.

Harvey (2009, p. 202) faz uma teorização do espaço, criando uma grade de práticas sociais. O autor relaciona quatro aspectos da prática espacial advindo de compreensões mais convencionais. Como a “acessibilidade e distanciamento”, referindo-se “ao papel da fricção da distância”. O conceito de distância, que é “uma defesa contra a interação humana”; “apropriação do espaço”, aponta como este é “ocupado por objetos (casas, fábricas, ruas etc.), atividades (usos da terra), indivíduos, classes ou outros grupos sociais”; “o domínio do espaço, reflete o modo como indivíduos ou grupos dominam a organização e a produção do espaço”; e “a produção do espaço”, “examina como novos sistemas de uso da terra[...], de transporte e comunicação”, ente outros são produzidos e “como surgem modalidades representativas” exemplo das tecnologias da informação (idem, 2009, p. 202). A produção de espaço, a medida que reduz a fricção da distância (aniquilação do espaço por intermédio do tempo), “altera o distanciamento e as condições de apropriação e domínio” (idem, 2009, p. 204). O objetivo de Harvey ao criar essa grade da prática do espaço é aprofundar uma discussão da “experiência [...] do espaço na história do modernismo e do pós-modernismo” (idem, 2009, p.204).

O domínio do espaço se tornou uma fonte de poder social sobre e na vida cotidiana. A forma como esse poder espacial se articula, com o controle do tempo se tornaram na sociedade capitalista um nexos substancial de poder social. Esse domínio do espaço e do tempo se tornou um domínio do dinheiro. Os termos dinheiro, espaço e tempo estão interligados com relação ao poder social. Para Harvey, “o dinheiro mede o valor”, e este só pode ser definido quando se pensa como é colocado o tempo no trabalho social (idem, 2009, p. 208).

O dinheiro, então, representa o tempo de trabalho social, e a ascensão deste moldou o significado de tempo de várias maneiras. Harvey (2009, p. 208) afirma que o mercador medieval só descobriu o conceito fundamental do “preço do tempo” no curso da exploração do espaço. O autor ainda aponta duas ocorrências gerais que transformaram as qualidades do tempo e do espaço. A primeira é que a progressiva monetização das relações na vida social transformou os conceitos de espaço e tempo. Já a segunda concepção, implica que as modificações nas qualidades de espaço e tempo podem resultar na perseguição de objetivos monetários. “Se o dinheiro não tem um sentido independente do tempo e do espaço, sempre é

possível buscar o lucro (...) alterando os modos de uso e de definição do tempo e do espaço” (HARVEY, 2009, p. 209).

A crise que assolou a Inglaterra em 1847 trouxe também uma “crise de representação” que veio de um reajuste “do sentido de tempo e espaço na vida econômica, política e cultural” (idem, 2009, p. 237). Neste momento, no lugar da certeza do espaço e do lugar absolutos, estes foram substituídos pela insegurança de um espaço em mudança, “em que os eventos de um lugar podiam ter efeitos imediatos e ramificadores sobre vários outros” (HARVEY, 2009, p. 238). O espaço europeu naquele momento “tornava-se cada vez mais unificado por causa do internacionalismo do poder do dinheiro” e a crise de 1847 abalou “as ideias adquiridas sobre o sentido e o papel do dinheiro na vida social”. A tensão do “dinheiro real” e de crédito e a formação de um capital fictício alteraram o sentido de tempo (tempo de investimento, taxa de retorno etc.). Todas essas transformações criaram também uma “crise de representação” na cultura moderna. Harvey (2009, p. 238-239) cita o exemplo dos romances de Flaubert como representativo dessa crise, “com sua estrutura narrativa peculiar, no espaço e no tempo associadas a uma linguagem fria” e distante, o que indica “sinais de uma radical ruptura do sentimento cultural que refletia [...] questionamento do sentido do espaço e do lugar, do presente e do passado e do futuro” (HARVEY, 2009, p. 238-239).

A resolução da crise na Europa pós 1850, dependeu da “maior exploração do deslocamento temporal e espacial” que foi representado pela expansão da rede de estrada de ferro, acompanhada do advento do telégrafo, do desenvolvimento da navegação a vapor dos primórdios da comunicação pelo rádio etc., mudou o sentido de tempo e do espaço de maneiras significativas (HARVEY, 2009, p. 240).

Nesse mesmo período, viram-se também uma série de inovações técnicas, novos modos de ver o espaço e o movimento, derivados da fotografia, por exemplo, e do cinema posteriormente. A viagem de balão e a fotografia aérea mudaram a percepção da superfície da terra, portanto do espaço físico, simultaneamente as inovações tecnológicas de impressão e reprodução mecânica permitiram a disseminação de notícias, informações e artefatos culturais para uma camada cada vez mais ampla da população (HARVEY, 2009, p. 240).

A expansão do comércio e dos investimentos depois de 1850 encaminhou o capitalismo para o globalismo, que “fez por intermédio da conquista de impérios” e pela disputa inter-imperial de territórios que culminou na Primeira Guerra Mundial, a primeira guerra global. Harvey afirma que “os espaços no mundo foram desterritorializados” e o mapa

de domínio dos espaços sofreu entre 1850 e 1914 “uma transformação que o deixou irreconhecível” (HARVEY, 2009, p. 240).

Já em 1870 se podia afirmar o privilégio do tempo sobre o espaço ou uma “compressão do tempo-espaço”. O telefone, o telégrafo sem fio, o raios-X, o cinema e demais inovações tecnológicas estabeleceram novos modos de pensar e vivenciar o tempo e o espaço (HARVEY, 2009, p. 241).

Ford instalou sua linha de montagem em 1913, fragmentando “tarefas e as distribuiu no espaço, a fim de maximizar a eficiência e minimizar a fricção do fluxo produtivo”. Ou seja, ele usou a forma de organização espacial “para acelerar o tempo de giro do capital produtivo”. Naquele mesmo ano, foi transmitido o primeiro sinal de rádio para o mundo fazendo assim decair o espaço para um instante de tempo. Dessa forma, “o tempo público tornava-se cada vez mais homogêneo e universal no espaço” (HARVEY, 2009, p. 242).

O tema preferido dos artistas modernistas era o tempo e o espaço. Exemplo de Cézanne que desde 1880, já trabalhava com a quebra deste na pintura, abandonando o espaço homogêneo e linear, assim como Picasso e Braque que seguiram os caminhos de Cézanne. Esta também foi à época que artefatos do passado e de lugares distantes começaram a ser comercializados como mercadorias valiosas, como as gravuras japonesas de Manet e o surgimento do estilo *art nouveau* presente na França nos primeiros anos do século 20 (idem, 2009, p. 245).

O final do século 19 foi uma época que implicou “uma perda da identidade com o lugar e repetidas rupturas com todo o sentido de continuidade histórica”. A tendência de privilegiar a espacialização do tempo em detrimento da aniquilação do espaço é o que consiste no que os pós-modernistas hoje articulam. Enquanto isso, os modernistas exploraram a arte de argumentar “o lugar versus o espaço, presente versus passado [...], celebrando a universalidade e a queda de barreiras espaciais”. Os modernistas exploraram também “novos sentidos do espaço e do lugar” de modo que reforçou a identidade local (HARVEY, 2009, p. 248).

Vive-se, nas últimas duas décadas, uma fase intensa de compressão do tempo-espaço que tem tido impacto sobre as práticas político-econômicas e sobre a vida social e cultural. Harvey (2009) afirma que “a transição para a acumulação flexível” foi possível graças à “implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas”, que superou a “rigidez do fordismo e possibilitou a aceleração da produção” (idem, 2009, p. 257).

Outras mudanças organizacionais, quando associadas às novas tecnologias de controle eletrônico, reduziram o tempo de giro em vários setores de produção. Para os trabalhadores, isso implicou acelerações “dos processos de trabalho”, “desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento de novas necessidades de trabalho” (HARVEY, 2009, p. 257).

Para o autor:

[...] aceleração do tempo de giro na produção acarretou acelerações paralelas na troca e no consumo. Os sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição[...], possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade cada vez maior. Os bancos eletrônicos e o dinheiro de plástico foram algumas das inovações que aumentaram a rapidez do fluxo de dinheiro inverso. Serviços e mercados financeiros[...] também foram acelerados[...] (HARVEY, 2009, p. 257-258).

Entre os desenvolvimentos na área de consumo, como afirma Harvey (2009, p. 258-259), a moda teve importante papel como um dos segmentos do mercado de massa. Nesse momento econômico, a moda deixou de ser um mercado da elite e passou a ser acessível à massa fornecendo um meio de acelerar o ritmo de consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas em relação a um estilo de vida a ser consumido e atividades de recreação (hábitos de lazer, esportes, estilos de música, etc.). Outro segmento importante nessa área de consumo foi a área de serviços, não só de serviços pessoais, mas, comerciais, educacionais, de saúde, diversão, espetáculos, eventos e distrações.

O aumento de consumo tem influenciado as formas de pensar, de sentir e agir das sociedades pós-modernas. A primeira consequência foi “acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas” (HARVEY, 2009, p. 258).

No domínio da produção de mercadorias, os valores e virtudes da instantaneidade foram dados ênfase. Ou seja, a dinâmica hoje da sociedade é a “do descarte”, que ficou mais evidente a partir da década de 1960; Esta sociedade descarta não somente bens produzidos, como “valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego as coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser” (idem, 2009, p. 258).

Hoje, tem-se aprender a trabalhar com a aceleração do tempo de giro e com o que é volátil. Por isso, é impossível fazer planos em longo prazo, apontando para a estratégia de

“planejamento em curto prazo, bem como o cultivo da arte de obter ganhos imediatos” (HARVEY, 2009, p. 259).

As empresas, para obter lucros a curto prazo, passam a investir em “fusões, aquisições ou operações em mercados financeiros e de moedas”. O frenético estilo de vida dos operadores financeiros, com o vício de trabalhar horas seguidas e “a corrida pelo poder” o fizeram ter uma mentalidade esquizofrênicas, como Jameson (2007, p. 53) descreve. Jameson usa a descrição de Lacan da esquizofrenia, que é corresponde a uma desordem lingüística, uma “ruptura na cadeia significativa de sentido”. Para o autor, quando essa cadeia se rompe, tem-se uma esquizofrenia na forma de um agregado de significados distintos e não relacionados. A preocupação pós-moderna passa a ser com o significante e não com o significado, com as aparências superficiais, em vez da raiz e assim por diante.

Intervir na produção da inconstância envolve também a “manipulação do gosto e da opinião”, ou seja, o mercado é saturando com imagens pela publicidade, que parte da ideia de informar ou promover no sentido comum, voltando-se para a manipulação de desejos e gostos mediante imagens, que podem ou não ter relação com o produto escolhido. A imagem serve no mercado para estabelecer uma identidade, que também são aplicadas no mercado de trabalho. Como afirma Harvey, “a aquisição de uma imagem” (por meio da compra, por exemplo, de um sistema de signos como uma roupa da moda, e dessa forma, transmitindo um significado ao outro, ou uma imagem) “se torna um elemento singularmente importante na auto apresentação nos mercados de trabalho” e como “parte integrante da busca de uma identidade individual, auto-realização e significado na vida” (HARVEY, 2009, p. 259-260).

Símbolos de riqueza, de fama e de poder sempre tiveram importância na sociedade burguesa, mas nunca tanto quanto hoje. A crescente capacidade de produzir imagens como mercadorias, é fato que se processa, pelo menos em parte, com base na pura produção e venda da imagem; este fato mostra o papel do simulacro na sociedade pós-moderna. Por simulacro entende-se “um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase imperceptível (HARVEY, 2009, p. 261). Já para Jameson (2006, p. 21), este simulacro é o *pastiche*, que seria o apego a um estilo original e de suas excentricidades, promovendo uma imitação.

Então, além de empilhar-se uma quantidade enorme de imagens, é possível a transformação destas em simulacros e imitações, que são indistinguíveis do original. Dessa forma, um mercado de massa cultural foi criado e que se especializou na aceleração do tempo

de giro por meio da produção e venda de imagens. A cultura de massa organiza as manias e modas e, dessa forma, produz a própria efemeridade (HARVEY, 2009, p. 262).

Obras como “O choque do futuro”, de Alvin Toffler, há uma valorização da velocidade (portanto, do tempo) com a qual o futuro veio a se descortinar no presente. Segundo Toffler (2001), há uma corrente de mudanças poderosa que subverte as instituições, os valores e raízes. A mudança é o processo pelo qual o futuro invade a vida, tornando-se um fato. O termo criado por Toffler, “choque do futuro”, é para ele uma descrição da tensão e desorientação provocada nas pessoas quando estas são sujeitas a um excesso de mudanças, em um curto espaço de tempo. O “choque do futuro” não é uma ameaça, mas para o autor, uma doença que já afetou um número crescente de pessoas, o que ele chama de “doença da mudança” (TOFFLER, 2001, p. 14). Resumindo, já em 1970 (ano que a obra “Coque do futuro” foi lançada), Toffler buscava entender este futuro que se descortinava e que continua a mudar todos os dias.

Os sistemas de comunicação por satélite implantados a partir da década de 1970 tornaram o custo e o tempo da comunicação é o mesmo com relação à distância. Dessa forma, testemunha-se o aniquilamento do espaço por meio do tempo. A comunicação via satélite possibilitou a experiência da transmissão de uma quantidade enorme de imagens vindas dos mais diferentes espaços quase que simultaneamente. Dessa maneira, as imagens tornam-se mais abertas à produção e ao seu uso efêmero.

O século XX trouxe um fenômeno conhecido como o glocal, que o conceito é mais do que uma justaposição, uma aglutinação dos termos global e local. O advento da primeira mídia tornou possível, em tempo real, a troca simultânea entre emissão e recepção. Neste momento, já estavam presentes as condições básicas que sustentavam a existência da condição glocal atual (o glocal só existe pelas tecnologias do real): “equipamentos de telecomunicações, infra-estrutura de rede (...), acoplamento entre ser humano e máquina, procedimentos de emissão e recepção, tempo real, fluxo de sentido (...) e de não-sentido, desejo comunicacional” (TRIVINHO, 2007, p. 245) e entre outros fatores.

O fenômeno glocal, apesar de ter surgido com o telégrafo elétrico, só foi percebido em relação ao ciberespaço, nascendo assim o seu conceito e o seu aparecimento com mais intensidade. É, no interior dos acontecimentos atuais, que gravitam as discussões sobre a natureza do mundo tecnológico. Dois acontecimentos são apontados como fatores responsáveis pela maior representação do glocal nas últimas décadas do século XX: a ascensão da globalização econômico-financeira e a explosão dos localismos político-culturais.

Esses dois acontecimentos e sua existência se justificam somente pela preponderância mundial da velocidade da infoeletrônica comunicacional. Somente esses fatores e acontecimentos determinam o nascimento do glocal no âmbito da reflexão teórica (TRIVINHO, 2007, p. 244-247).

No fenômeno do glocal, de acordo com Trivinho (2007, p. 256-257), “o espaço geográfico se reduz [...] ao lugar imediato de acesso, que se reduz à socioespacialização tecnoimagética, que se reduz ao tempo real, [...] um fluxo contínuo, sem começo nem fim”; assim, o espaço se anula justamente porque as mídias se pulverizam no tempo; o espaço e o tempo se tornaram produtos culturais.

A partir do fenômeno glocal, como aponta Trivinho (2007, p. 252), “há uma reprogramação dos conceitos de espaço e tempo como são representados na tradição racional, tecnocientífica e pragmática da cultura ocidental”. A reprogramação é em especial percebida nas mídias e no ciberespaço (mais importante para a pesquisa em questão). O glocal representa uma reconfiguração do espaço e a sua reescritura por meio, do que Trivinho chama “da produção de uma arena tecnológica em duas vias” (2007, p. 253). Primeiro, o espaço da condição glocal, “contexto da vivência concreta e a socioespacialização tecnoimagética da tela” (TRIVINHO, 2007, p. 252-253). A percepção do próprio espaço local e do ambiente altera-se na medida em que estes ficam fora do foco principal da percepção visual e a consciência centra-se apenas no que Trivinho (2007, p. 254) chama de “socioespacialização da tela”.

No mesmo rumo do que acontece com o espaço, o glocal reconfigura o tempo, principalmente na sua concepção original, “como um tempo astronômico e matematicamente cartografado, disposto em períodos lineares, de sucessão contínua e passível de representação espacializada [...]” (TRIVINHO, 2007, p. 254). No glocal, o tempo fica reduzido ao seu denominador comum, “na forma de um tempo tecnicamente produzido [...], o tempo real. [...] um tempo-que-se-esvai” (idem, 2007, p. 254). Por tempo real, o autor afirma que este é uma caricatura bem feita deste tempo que se esvai. Para Trivinho (2007, p. 255) há duas classes bem definidas deste tempo real: “o tempo real dialógico, multipolar-bidirecional (...), com abertura para a participação dos receptores(...) para a interação tecnologicamente mediada entre alteridades humanas”. Neste caso, podem-se incluir a internet e seus espaços, como os *blogs*. Outra classe de tempo real definida é “o tempo real multipolar-unidirecional, rígido” como a transmissão televisiva do tipo *live* (ao vivo) e a disponibilização de dados na *web* (TRIVINHO, 2007, p. 255).

Em relação à concepção econômica e midiática, o conceito de globalização tornou-se cãnone e, ao mesmo tempo, vítima da estereotipização deste conceito. A história recente da comunicação, em particular nas últimas décadas do século XX, aponta para uma nova fase, a do fenômeno glocal, já mostrado aqui anteriormente. Nos últimos anos, essa categoria do glocal, passou a ser excessivamente utilizada no âmbito corporativo, a exemplo do mostrado no filme, “Amor sem escalas”<sup>1</sup>, que em certo momento é preconizado como a salvação econômica da empresa da ficção, a adoção de um termo (o glocalismo) como solução econômica e eficiente para as finanças. Dessa forma, o global é celebrado no âmbito corporativo, mas é para a era das telecomunicações, uma situação *sine qua non*.

A civilização mediática, ou também civilização glocal ou glocalizada, tem o este termo como algo fundamental em que se assentam todo o processo civilizatório recente. Este representa a condição que possibilita a própria existência dessa civilização, pois sintetiza em seu conceito (do global+local) a “proliferação social das tecnologias comunicacionais, a mundialização mercadológica da cultura, a globalização econômica e financeira” entre outros fatores e dessa forma representa a contextualização do processo mediático em e para cada um desses elementos mencionados (TRIVINHO, 2007, p. 285-292).

Dessa forma, o glocal não apenas prepara a origem do mundo contemporâneo, mas anuncia o futuro que nos espera. Como é esboçado no próximo tópico, sobre a sociedade da informação por meio das mídias desmassificadas.

## **1.2 Funcionamento da sociedade contemporânea: sociedade da informação**

O seguinte tópico (e seus subtópicos) teve como base o estudo amplo de Castells (2000), que aborda a revolução tecnológica de informação e o breve histórico da revolução industrial até chegar à atual revolução tecnológica e o advento da internet. No estudo do autor em questão, o mais interessante é o contexto social e a dinâmica de transformações acarretadas por esta revolução tecnológica que são mudanças que se vivem ou está em curso. Outro autor usado como base teórica é Kumar (2006) e a ideia central de informação como requisito de sobrevivência no contexto atual.

---

<sup>1</sup> AMOR sem escalas. Direção de Jason Reitman e produção de Jeffrey Clifford, Daniel Dubiecki, Ivan Reitman, e Jason Reitman. Los Angeles: Paramount Pictures / Cold Spring Pictures / The Montecito Picture Company / Right of Way Films, 2009. Disponível em: <<http://cinema.cineclick.uol.com.br/filmes/ficha/nomefilme/up-in-the-air/id/16199>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

Desde o final do século XX, vive-se um momento cuja característica é a transformação de nossa cultura material pelos mecanismos que Castells (2000, p. 49) chama de “paradigmas tecnológicos”, que se organizam em torno da tecnologia da informação; entre estas se incluem: as tecnologias em microeletrônica, computação (software, hardware), telecomunicações/radiodifusão e optoeletrônica.

Em meio a esse conjunto de desenvolvimentos e aplicações, há um amplo número de avanços tecnológicos que vem ocorrendo (ou já ocorreram) desde o final do século XX. Os avanços tecnológicos que já ocorreram ou em curso se referem a materiais avançados, fontes de energia, aplicações na medicina, técnicas de produção (como a nanotecnologia), a tecnologia de transportes, entre outras. Todo esse processo atual de transformação tecnológica expande-se e surge uma capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos, mediante uma linguagem digital comum, na qual a informação é gerada, armazenada, processada e transmitida.

A informação é um requisito fundamental para a nossa sobrevivência. Antes do que só um conceito, é também uma ideologia, ligada principalmente ao desenvolvimento do computador durante os anos de guerra e posteriormente com o advento da internet. Ou seja, a informação está ligada intrinsecamente com as tecnologias da informação, que são caracterizadas “por sua penetrabilidade em todos os domínios da atividade humana” (CASTELLS, 2000, p. 50). As tecnologias da informação são para essa sociedade o que as novas fontes de energia foram para as Revoluções Industriais no caso, o motor a vapor à eletricidade, aos combustíveis fósseis e até a energia nuclear, uma vez que, a geração e distribuição de energia foi o elemento principal da base da sociedade industrial.

O que caracteriza a atual sociedade da informação não é a centralização do conhecimento e das informações, mas a aplicação destes para a geração de dispositivos de processamento da informação (CASTELLS, 2000, p. 51). Neste contexto, está a pesquisa em questão, relacionada ao jornalismo praticado na contemporaneidade.

### 1.2.1 Computador, a terceira revolução industrial e a sociedade da informação

Como aponta Castells (2000, p. 51-52), a integração de mentes e máquinas (que o autor inclui a máquina de DNA) está anulando as próprias fronteiras entre homens e máquinas. “Assim, computadores sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana [...]” (CASTELLS, 2000, p. 51). O novo sistema tecnológico ou sociedade da informação caracteriza-se pela capacidade de transmitir informações a velocidades cada vez maiores e com custos mais reduzidos através de um sistema tecnológico em comum.

Castells (2000, p. 52-53) faz um paralelo da Revolução Industrial e a difusão das novas tecnologias da informação. Enquanto a primeira, que surgiu na Europa e se estendeu pelo mundo num período de dois séculos, sua expansão foi mais seletiva e lenta pelos padrões atuais de difusão tecnológica.

Já as novas tecnologias de informação, ao contrário da Revolução Industrial, difundiram-se pelo mundo a uma velocidade de menos de duas décadas, entre meados dos anos 1970 e 1990. As tecnologias de informação e sua velocidade de difusão, assim como a Revolução Industrial, são seletiva, tanto socialmente, como funcionalmente. Primeiro, pelo fato de até hoje os países terem diferenças quanto a, por exemplo, suas populações terem acessos a essas tecnologias de informação, como a internet.

Para entender o que é a Revolução Industrial é necessário conhecer o que foi a Primeira Revolução e como se chegou ao momento atual. Houve segundo alguns historiadores, duas Revoluções Industriais: a primeira, no século XVIII, caracterizava-se por novas tecnologias como a máquina a vapor, e a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas.

Posteriormente, sua segunda fase caracterizou-se pelo desenvolvimento da eletricidade entre outras tecnologias e o início das tecnologias da informação, como o telégrafo e a invenção do telefone. Em ambas, foram de fato “revoluções” que provocaram mudanças quanto à processos de produção e distribuição; mudaram-se a localização da riqueza e do poder no mundo, entre outras modificações. Mas as revoluções têm outro lado, no que diz respeito às ambições imperialistas e conflitos interimperiais, que culminaram na Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

No século XVIII, países como a Inglaterra tiveram uma supremacia no ocidente, em decorrência das revoluções tecnológicas promovidas pela Revolução Industrial. Países orientais, como a China, com sua superioridade cultural reinou por toda era pré-renascentista. A comparação proposta por Castells (2000) mostra como a tecnologia e condições sociais específicas introduziram uma nova trajetória histórica no século XVIII (2000, p.53-57).

De acordo com Toffler (2001), o grande motor de mudanças são as tecnologias, só que não é a única fonte de mudança na sociedade, mas é uma das forças significativas por trás do impulso de aceleração e transformação. O impulso de aceleração é o que provoca essas inovações tecnológicas e o autor relaciona essa com uma breve evolução histórica dos transportes, que está relacionado com o progressivo aumento da velocidade.

No ano de 6000 a.C, o transporte mais rápido disponível era a caravana de camelos que se movimentavam a uma velocidade de 12 quilômetros por hora. Por volta de 1600 a.C , quando se inventou a carroça, a velocidade aumentou para aproximadamente 30 quilômetros por hora, uma velocidade até então difícil de ser superada. A prova disso foi anos depois, quando as primeiras diligências postais em circulação na Inglaterra, alcançavam somente 15 quilômetros por hora (TOFFLER, 2001, p.34).

Assim como nos anos seguintes, com a primeira locomotiva a vapor, estas podiam alcançar a velocidade máxima de 18 quilômetros por hora. Somente por volta de 1880, o homem conseguiu, a partir de uma locomotiva a vapor mais avançada, atingir uma velocidade bem maior, de 160 quilômetros por hora. A sociedade levou milhões de anos para conseguir esse progresso nos transportes. Posteriormente, em 1938, com os primeiros aviões conseguiu-se ultrapassar o limite de 650 quilômetros por hora e foram necessários mais 20 anos para dobrar esse limite.

Nos anos 60, os foguetes chegaram a velocidades de 6.500 quilômetros por hora. As cápsulas espaciais que circulam a Terra, cerca de 30 mil quilômetros por hora. Hoje, a aceleração dos progressos tecnológicos está mais rápida, diferente do que há séculos atrás, como demonstrado acima (TOFFLER, 2001, p 34-35). Para este autor, a inovação tecnológica é dividida em três estágios: a ideia criativa, sua aplicação prática e a difusão através da sociedade; e o ciclo entre estas etapas, como já mencionado, é cada vez mais curto. Hoje a máquina tecnológica é alimentada pelo conhecimento, que faz parte dessa Terceira Revolução Industrial ou a Revolução da Tecnologia da Informação.

Um parâmetro pode ser feito com a tecnologia do computador que está para a era da informação, assim como a mecanização e a tecnologia do vapor, estavam para a Revolução Industrial. As primeiras descobertas tecnológicas em eletrônica, o primeiro computador e o transistor como fonte da microeletrônica aconteceram durante a Segunda Guerra Mundial e no período seguinte.

O transistor, inventado pela empresa *Bell Laboratories*, pelos físicos Bardeen, Brattain e Shockley, em 1947, “possibilitou o processamento de impulsos elétricos em velocidade rápida em modo binário”, permitindo a amplificação, a codificação da lógica e da comunicação com e entre máquinas. A partir dessas descobertas, surgem os *chips*. Mas o passo decisivo dessa revolução foi dado em 1957, com a criação do circuito integrado, inventado por Jack Kilby (que depois patenteou). Em parceria com Bob Noyce, Kilby criou os circuitos integrados usando um processo plano (CASTELLS, 2000, p. 58).

Os computadores foram concebidos na Segunda Guerra Mundial, portanto para fins bélicos e devido à rapidez de informações que promoviam. Os computadores tornaram-se instrumento bélico e espião, para decifrar códigos inimigos e para auxiliar no cálculo das aeronaves. Os primeiros computadores pesavam 30 toneladas e eram construídos em estruturas metálicas com 2,75 m de altura, 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupavam um espaço muito grande.

Quando acionado, seu consumo de energia era o equivalente de uma cidade inteira. A primeira versão comercial da máquina, o UNIVAC-1 foi desenvolvido em 1951. A IBM, que tinha patrocínios militares e parceria de pesquisas do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), entrou na disputa comercial do produto, criando um modelo em 1953. Quando a SperryBand introduziu um computador em 1959, a IBM, em 1964, começou a dominar a indústria de computadores (CASTELLS, 2000, p. 60).

De acordo com Castells (2000, p. 61), foi com microeletrônica e o advento do microprocessador, em 1971, que mudou toda a concepção de mundo. Em 1975, o engenheiro Ed Roberts criou o Altair, cujo nome era inspirado num personagem da série de TV *Jornadas nas Estrelas*; este era uma espécie de computador primitivo com um microprocessador. “O Altair foi a base para o *design* do Apple 1 e, posteriormente o Apple 2” (CASTELLS, 2000, p. 61). O Apple 2 foi o primeiro microprocessador de sucesso comercial, idealizado por Steven Wozniak e Steve Jobs, no Vale do Silício, que “virou uma lenda sobre o começo da Era da Informática”. A *Apple Computers* surgiu assim, em 1976, “com três sócios e um

capital de U\$\$ 91 mil” e, em 1982, alcançou “a marca de U\$\$ 53 milhões em vendas, anunciando a era da difusão do computador” (CASTELLS, 2000, p. 61).

A IBM, principal concorrente, respondeu a investida no mercado por parte da Apple e, em 1981, introduziu sua versão do microcomputador com o nome de Computador Pessoal (PC), que se tornou o nome genérico para os microcomputadores. Já os *softwares* para PC’s surgiram nos anos 1970, “a partir do entusiasmo gerado pelo Altair”. Bill Gates e Paul Allen se uniram e adaptaram o BASIC para operar a máquina Altair em 1976. Posteriormente, eles prosseguiram e fundaram a Microsoft que é atual gigante em software que se conhece (CASTELLS, 2000, p. 61-62).

Segundo Castells (2000, p. 62), “desde meados da década de 1980, os microcomputadores não são concebidos isoladamente”, mas “atuam em rede”, ou seja, ao mesmo tempo em que é produzido microcomputadores, microprocessadores são desenvolvidos. A “versatilidade, a possibilidade de aumentar a memória e os recursos de processamento”, tudo isso mudou a era dos computadores na década de 1990.

A Era dos computadores na década de 1990 começou “ao transformar o processamento e armazenamento de dados”, antes centralizados, “em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede” (idem, 2000, p. 62). O sistema interativo só se tornou realidade com os avanços das telecomunicações e tecnologias de integração de computadores em rede. Os microprocessadores possibilitaram que os microcomputadores, aliados aos avanços das telecomunicações funcionassem em rede. Além da aplicação dessas tecnologias na indústria eletrônica que ampliaram o potencial das novas tecnologias de fabricação e *design*. Novos *softwares* foram desenvolvidos pelo mercado de microcomputadores que, por sua vez, expandiram-se a partir das tecnologias de fácil utilização e assim por diante.

Para Castells (2000, p. 70), a “Revolução da Tecnologia da Informação” foi possível por razões culturais, históricas e por um conjunto de circunstâncias favoráveis que determinaram sua evolução. Entre as circunstâncias favoráveis para essa revolução acontecer foram: a capacidade das empresas na melhoria do processo de fabricação com base na eletrônica e a penetração das tecnologias da informação na vida cotidiana, a partir de produtos eletrônicos; além da fonte tecnológica na história dessa Revolução, o Vale do Silício. Neste local foi onde o circuito integrado, “o microprocessador e o microcomputador, entre outras tecnologias” importantes se desenvolveram.

O aumento da velocidade das inovações tecnológicas, como mencionado anteriormente, possibilitaram que essa revolução prosperasse. As tecnologias se reúnem “em torno de redes de empresas, organizações e instituições” para formar o que o autor chama de “novo paradigma sociotécnico” (CASTELLS, 2000, p. 77).

Para o autor, as características deste paradigma são: a informação como matéria prima, a “penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias” e a própria “lógica da rede”, usada em qualquer sistema ou conjunto de relações; e a convergência de tecnologias específicas para um sistema integrado. Como também é integrada a microeletrônica, as telecomunicações e os computadores formando os sistemas de informação.

Mas o que gerou a sociedade de informação foi a convergência de computador e telecomunicações, que uniram o mundo em um sistema unificado de conhecimento e compartilhamento. Desta forma, o conhecimento mudou a atual fase do capitalismo, que transformou o conhecimento em um recurso fundamental, mudando as formas de trabalhar na atual sociedade.

### **1.2.2 O trabalho e o trabalhador do conhecimento**

Para Santos (2001, p. 27), uma das características principais do sistema técnico atual e, portanto, do trabalho, é de ser invasor e espalhar-se na produção e no território. O sistema fundamenta a ação das empresas globais, como, por exemplo, uma parte da produção ser fabricada em um país X, outra no país Y, outra ainda no país Z que, e, que as produções desses diferentes países, se articulam à uma empresa global. Como tais empresas comandam as respectivas operações dentro de uma localidade, para o autor, especula-se que não há o mercado global.

O que se pode afirmar é que o conhecimento e a troca de informações tornaram-se uma realidade na sociedade e no mundo do trabalho, como nos mercados de ações, que, por estarem eletronicamente interligados e principalmente pelas informações que recebem minuto- a - minuto, é possível a compra e venda de ações durante 24 horas por dia.

Hoje, é-se capaz de saber o que acontece em outro lugar do mundo em tempo real, porém, segundo Santos (2001, p. 28), a informação globalizada e em tempo real não é generalizada, já que esta mesma é intermediada pelas grandes empresas da informação. O

próprio tempo real, que fisicamente é acessível a todos, segundo o autor, é socialmente excludente.

Voltando à questão do trabalho na sociedade de informação, esta, segundo alguns teóricos, afirmam ser uma aplicação posterior do taylorismo. Para este, o conhecimento, a qualificação e capacidade de todos os trabalhadores, independentes de seus níveis, deviam ser identificados nas empresas e concentrados em um departamento de planejamento.

Além disso, a intenção do taylorismo era do princípio da “administração funcional”, que implicava a padronização e simplificação como características do trabalho administrativo. (KUMAR, 2006, p. 58-59) Por essa padronização e simplificação, o computador foi saudado como instrumento de libertação, pois “automatizaria o trabalho tedioso e cansativo, libertando trabalhadores para se entregarem a tarefas mais interessantes e criativas (idem, p. 59).

Com a aplicação generalizada do computador no trabalho da sociedade da informação, os trabalhadores tornaram-se, “escravos do computador” (KUMAR, 2006, p. 60), meros alimentadores de máquinas, preenchedores de formulários e sem a compreensão do objetivo geral do seu trabalho. Como argumentam alguns teóricos, esta automação nos trabalhos de escritores está levando a uma requalificação e superfluidade das ocupações de nível mais baixo. Já os profissionais de nível superior, segundo Kumar (2006, p. 60) são os que mais sofrem da desqualificação. O conhecimento, segundo teóricos da sociedade da informação, influencia o trabalho de duas maneiras:

[...] a primeira é o aumento do conteúdo de conhecimento do trabalho existente, no sentido de que a nova tecnologia adiciona mais do que retira da qualificação dos trabalhadores. A outra é a criação e expansão de novos tipos de trabalho no setor do conhecimento, de modo que trabalhadores em informação serão predominantes na economia [...] (KUMAR, 2006, p. 62).

Além da citação acima, supõe-se que os trabalhadores mais qualificados e melhor preparados constituirão o núcleo da economia de informação.

A quantidade de empregos e postos prejudicados com o advento das novas tecnologias da informação também é debatida, mas o que importa é a qualidade da força de trabalho e que se espera por trabalhadores mais qualificados e com níveis de perícia técnica elevados. Porém, segundo Kumar (2006, p. 64), duvida-se do fato dessa força de trabalho está aumentando em perícia e autonomia.

Para o autor, a tecnologia da informação tem o potencial de empobrecer em vez de profissionalizar o trabalhador. Prova dessa afirmação do autor é o aumento da necessidade do mercado de exigir cada vez mais qualificação por parte do profissional. Hoje, não é requisito de um bom emprego ter apenas um curso universitário, por exemplo.

Como afirma Santos (2001, p. 56), na sociedade de informação reina, assim como na sociedade da globalização, uma “violência estrutural e uma perversidade sistêmica”. Para ele, a violência estrutural resulta da presença e das manifestações do dinheiro, da competitividade e da potência em estados puros, que o autor explica posteriormente um a um. A associação desses elementos na sociedade da informação ou na era da globalização conduz a emergência de totalitarismos que resultam num “numa época de globalitarismos, muito mais do que em globalização” (SANTOS, 2001, p. 55). Portanto, instala-se o sistema perverso que o autor define.

O sistema perverso de Santos é caracterizado pelo reconhecimento da competitividade e do poder em estado puro, resultando que Santos (2001, p. 56) aponta no fim da ética e da política. Nesta sociedade globalitarista (termo de Milton Santos) o consumo é um denominador comum para todos os indivíduos e que, junto com o dinheiro aparece, como “reguladores da vida individual” (SANTOS, 2001, p. 56).

A competitividade, que caracteriza esse sistema, se torna uma regra até mesmo de convivência das pessoas. Santos (2001) aponta a diferença de concorrer e competir dentro dessa sociedade. O primeiro se refere a disputar e que pode ser até saudável quando há o respeito à regras pré-estabelecidas ou não. Enquanto que a competição é uma luta desenfreada para vencer, na qual “a única regra é a conquista da melhor posição” (SANTOS, 2001, p. 57). Já a potência, outro requisito desta sociedade, se refere ao poder e uso da força, que acabam sendo uma necessidade de sobrevivência. Neste sistema perverso, incluindo o mercado de trabalho, é preciso competir, fazer dinheiro e o uso da força. Tudo isso, resulta do na destruição do calor do trabalho, reflexo do modelo neoliberal que também cria uma aura de insegurança nos trabalhadores. A perversidade, como afirma Santos (2001, p. 61), se instala como sistema, a competitividade vira uma regra e o resultado é a desigualdade em todos os sentidos e o surgimento de novos papéis, que são apontados pelo autor: “a mentira, o engodo, dissimulação e o cinismo” (idem, 2001, p. 61). Os novos papéis resultam na glorificação da esperteza (contrapondo a sinceridade), avareza (contrapondo com a generosidade) o abandono da solidariedade e “substituição de um ideal de democracia plena para um ideal da democracia de mercado” (idem, 2001, p. 59-61).

O próprio título da obra de Milton Santos aponta para outra globalização, esta resulta da emergência de uma nova história, de um novo discurso, de uma nova “metanarrativa” e constata o que ele chama de “universalidade empírica”, que deixa de ser uma universalidade abstrata para resultar numa existência concreta do homem (SANTOS, 2001, p. 20-21). O que permite que se possa escrever outra história, quem sabe um pouco menos perversa, como descrita pelo autor.

### **1.3 A sociedade da informação e a era das mídias desmassificadas**

As mudanças tecnológicas da sociedade da informação permitiram a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou seja, a ligação em um mesmo sistema das modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação.

O caráter da comunicação mudou quando houve a integração de texto, imagem e som num mesmo sistema que interage a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido em uma rede global e em condições de acesso. O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação, que se caracteriza, pela interatividade e pela integração de todos os meios de comunicação e, mudou a cultura e as mídias. Dessa maneira, passou-se para a era das mídias desmassificadas, com a passagem da cultura de massa para a das mídias.

A cultura de massa originou-se no jornal e seus coadjuvantes: o telégrafo e a fotografia e acentuou-se com o cinema. Mas foi com a TV que solidificou as ideias do que Santaella chama de “Homem de massa” e de *mass media* (2003, p. 79). Para a autora, a lógica da TV é direcionar a informação para uma audiência que só recebe, sem uma resposta ou *feed back*. Os meios de comunicação de massa fornecem informações e produtos que são feitos exclusivamente para serem consumidos com uma resistência mínima por parte do público; este é o espírito da cultura de massa e, portanto, dos meios de comunicação de massa. A TV e a cultura de massa como um todo passaram a sofrer transformações com o surgimento de novas máquinas e equipamentos que possuíam uma lógica diferente da cultura de massa.

Com a introdução dos microcomputadores pessoais e portáteis nos 1980, os espectadores transformaram-se em usuários, mudando assim, a relação receptiva de sentido único ou mesmo o papel exercido pelo emissor e receptor da comunicação. A relação receptiva de sentido único mudou para um modo interativo. Com as mudanças descritas acima, modificou-se também o modelo de comunicação.

De acordo com Nicola (2004, p. 27), o modelo de difusão tradicional dos meios de comunicação (da cultura de massa) correspondeu ao modelo *broadcasting*, passando assim para o modelo *narrowcasting*, no qual o usuário é rastreado dentro do sistema e particularizado o seu atendimento. Com os meios de comunicação mais individualizados (caso dos computadores) passa-se a um novo modelo de comunicação, o *pointcasting*, que disponibiliza as preferências de acordo com o usuário.

Segundo Nicola (2004, p. 27-28), com o sucesso da hipermídia, o *pointcasting* consolidou uma formatação diferenciada de identidade com o usuário. Dessa forma, não basta disponibilizar as preferências do usuário em determinado *site*, por exemplo, mas as páginas na *web* baixam no disco rígido dos usuários a mesma preferência. O modelo *pointcasting* indica uma nova relação entre usuário e a mídia, que levou ao surgimento de outro modelo de comunicação, o *webcasting*.

As mídias desmassificadoras espalharam os fatores característicos das mídias de massa como a centralização e padronização. Dessa maneira, promoveram uma diversidade e liberdade de escolhas. Neste contexto, cada um pode ser um produtor, criador, difusor de seus próprios conteúdos. Exemplos disso são os *blogs* e outros exemplos de redes sociais presentes hoje na *web*. Santaella (2003, p. 82) afirma que estamos entrando numa terceira era midiática, a cibercultura.

Para Lévy (1999), o ciberespaço (e, portanto, a essência da cibercultura) “se constrói em sistemas de sistema” e que por isso é um “sistema do caos” (1999, p. 111). O autor continua sua descrição do que é ciberespaço:

[...] encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto [...] (LÉVY, 1999, p.111).

Lévy (1999, p. 118-119) chama ainda a cibercultura de “universal sem totalidade”, para o qual o universal se refere à interconexão generalizada que é o motor do crescimento da internet, mas que ao mesmo tempo não é totalizável, porque, apesar de conectar a todos, esse todo não tem acesso a esse ciberespaço.

O correio, o telefone, a imprensa, as editoras, as rádios, as cadeias de televisão [...] formam a outra extremidade de um espaço de interconecção

aberto, movido pela comunicação transversal, caótica, fractal, movidos pelos processos magmáticos de inteligência coletiva [...] (LÉVY, 1999, p. 118).

Para Lévy (1999, p. 120), o ciberespaço não é planetário, pois não esboça uma cultura universal, porque, de fato está em toda parte, mas porque sua forma ou ideia implicam o conjunto dos seres humanos; ou seja, com suas subjetividades e realidades. Para o autor, estamos todos em uma imersão e este ciberespaço é constituído de um paradoxo: “quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável. Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga [...]” (LÉVY, 1999, p. 120). Como descreve o autor, a cibercultura é um dilúvio de informações, uma imersão, portanto não discute na sua teoria que para ter acesso a essas informações é preciso ter acesso a esse espaço.

Trivinho (2007, p. 72) afirma que a história de exclusão do capitalismo se estrutura à sombra do que ele chama de “condição dromocrático-cibercultural” da existência. Ou melhor, que a capacidade de ser veloz ou uma “aptidão cibercultural” depende da “posse privada plena das senhas infotécnicas da interatividade” (2007, p. 72). Ou seja, ele se refere ao domínio das linguagens informáticas em constante mudança (que novamente cai na questão econômica e de exclusão do capitalismo).

Para Santos (2001, p. 121-122), no imaginário da globalização encontra-se a ideia de que o sentido da velocidade é impossível de inverter na história e que somente algumas pessoas e instituições são altamente velozes e que são menores em número quanto as que utilizam de forma eficaz às técnicas das máquinas.

Para Trivinho, a “lógica dromocrático-cibercultura” (2007, p. 73) constitui o isolamento de que se alimenta a sociedade atual, ou seja, reanalisa à vida de acordo com a desqualificação ampliada em relação às tecnologias e as redes digitais. Essa lógica, também chamada de “neodarwinismo hiperdinâmico da cibercultura” (TRIVINHO, 2007, p. 74) corresponde da tomada para si da interatividade, que, portanto, não pode ser estendida à todos. Na cibercultura predomina dessa forma, à violência técnica ou “violência *high tech*” (TRIVINHO, 2007, p. 75) introjetada no modo de ser, de estar e agir dessa sociedade.

Virilio (1996) toma a velocidade como valor a partir da revolução técnica. A dinâmica da revolução, apontada por Virilio que se pode fazer uma referência à cibercultura, as massas são produtoras de velocidade necessária para tomar o poder, ou seja, tomar conta desse ciberespaço. Porém, segundo Virilio (1996) “são antes massas de manobra nas mãos de

uma classe industrial-militar, esta sim, capitaliza o movimento, e investe-o na ocupação e no controle dos territórios e de tudo que nele circula [...]” (VIRILIO, 1996, p. 11). Ou seja, o controle dos territórios se referiria ao ciberespaço, que instauram o que o autor chama de “ditadura do movimento” (VIRILIO, 1996, p. 11). O autor ainda se refere ao domínio do mar, analogia que se pode fazer ao meio líquido e, portanto, fluido da cibercultura. Para ele “o domínio do mar exige o domínio do tempo” (1996, p. 55). Para o autor, não há uma “revolução industrial”, mas uma “revolução dromológica” (dromo, no sentido de corrida, marcha, velocidade), principalmente no momento desta revolução tecnológica que o mundo ocidental constantemente vivencia.

O conceito de cibercultura para Trivinho (2007, p. 116) “designa a configuração material, simbólica e imaginária da vida humana correspondente à predominância mundial das tecnologias e redes digitais avançadas, na esfera do trabalho, do tempo livre e do lazer”. Desta forma, esse conceito do autor rompe com a ideia de cibercultura no senso comum.

Os autores acima descritos mostram a diversidade de ideias e conceitos a respeito da cibercultura, que são conflitantes. Enquanto Lévy (1999) é positivista quanto às possibilidades que ele vislumbra para o ciberespaço; Santos (2001), Trivinho (2007) e Virilio (1996) são mais críticos, e têm em comum a velocidade e tempo como valores. O destaque de autores conflitantes foi enfatizado para o melhor entendimento a respeito dos conceitos de cibercultura, importantes para esta pesquisa.

A cibercultura corresponde para Trivinho (2007) à atmosfera tecnológica dos últimos anos do século XX até hoje, a partir do advento, da aceleração e da ampliação da internet. Para Trivinho, os vetores estruturais da cibercultura são “a informatização, a virtualização, a ciberespacialização, a hipertextualização, a cibericonização e a interatividade” (2007, p. 116). O autor em sequência faz uma descrição resumida de cada um dos termos vetores da cibercultura. Para ele, a informatização vai além da substituição de objetos mecânicos ou eletrônicos por objetos infotecnológicos, é “a realização da reescritura cibercultural de todos os componentes, procedimentos, tendências da civilização tecnológica” (TRIVINHO, 2007, p. 117). A virtualização, para o autor, se refere “à forma atual do processo de informatização, a sua face sofisticada e avançada[...]” (idem, 2007, p. 117). A ciberespacialização é uma designação particular do “processo de virtualização”, no que diz respeito a ligação em rede e “em tempo real do planeta pelo ciberespaço” (idem, 2007, p. 117). A hipercontextualização, segundo Trivinho, “é a ‘gramática’ matricial de organização não-linear e plurissequencial da virtualização e da ciberespacialização” (idem, 2007, p.117). A cibericonização “impõe-se

como componentes, não só de racionalização gráfica e de otimização imagética com o também de sobredeterminação gramaticidade hipertextual dos produtos ciberculturais (TRIVINHO, 2007, p. 117), que nos leva a outro vetor da cibercultura, a interatividade; esta é um elemento de pertencimento e nivelamento do indivíduo. Dentre os vetores da cibercultura gravita alguns termos como a velocidade (aqui já descrita) e a imaterialidade (ou virtualidade).

A palavra virtual, segundo Lévy (1999, p. 47), pode ser entendida a partir de três sentidos: o técnico, o corrente e o filosófico. Para o autor, hoje há uma confusão destes três sentidos. No sentido filosófico, afirma Lévy (1999, p. 47) o virtual é uma dimensão importante da realidade e no uso corrente do sentido, o conceito virtual é usado em oposição ao real. Filosoficamente, segundo Lévy o conceito de virtual se opõe ao atual e faz uma analogia do virtual a semente de uma árvore:

[...] virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real [...]. É virtual toda entidade “desterritorializada” capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. (LÉVY, 1999, p. 47)

Nessa conceituação, Lévy (1999, p. 48) resume dizendo que “o virtual existe sem estar presente”.

Quanto ao vetor de hipertextualização mostrado por Trivinho (2007) e partindo do conceito de Lévy (1999, p. 56), este começa a descrever o hipertexto a partir do conceito de texto. Para o autor, hipertexto reflete o sentido amplo de texto e, portanto, é a oposição ao texto linear. O hipertexto é constituído de nós, que são elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens e por *links* entre esses nós, que são referências, notas, botões etc. Lévy (1999) faz uma comparação do hipertexto digital à leitura de uma enciclopédia:

[...] pode-se começar consultando o seu sumário ou índice remissivo, que nos remete a um ou mais artigos [...]. Cada qual entra nesta ‘navegação’ de acordo com os assuntos de seu interesse, e caminha de forma original, na soma das informações, usando as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, sumários [...] (LÉVY, 1999, p. 56).

Para o autor, a vantagem do hipertexto do suporte digital, em relação a enciclopédia é a rapidez da passagem de um nó para outro. Agora o texto “é móvel, caleidoscópico, que apresenta facetas, gira, dobra-se, desdobra-se [...]” (LÉVY, 1999, p. 56).

O hipertexto, para Trivinho (2007, p. 118-119), se refere a uma possibilidade, por meio da interatividade, de fazer presente na tela, o que está fora do campo perceptual, trazendo para “o campo do visível e/ou do audível o que até então não existia”.

Para entender a relação do indivíduo com a cibercultura e com a Internet, explicar-se-á no item seguinte, partindo inicialmente, do advento da internet e a relação do indivíduo com seu meio e seus vetores.

### **1.3.1 Advento da internet e os indivíduos**

Os autores Castells (2000), Negroponte (1995), Johnson (2001), Trivinho (2007) e Lévy (1999) nos fornecem elementos para entender tanto o advento da internet como a relação do indivíduo com esse meio. Assim como Araújo (2006), com relação à cultura do *software* livre na sociedade atual e Ferrari (1999), da origem da internet e do jornalismo neste contexto; Nicola (2004), com a origem da internet e de algumas redes sociais; e Recuero (2003a, 2004a) quanto ao contexto do indivíduo e as comunidades virtuais. Assim como outros autores citados esporadicamente. Os autores aqui citados servirão de base para o entendimento da origem da internet e da relação do indivíduo neste meio.

A internet se tornou “a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores” nos idos dos anos 1990, quando passou gradativamente a se ligar por uma rede de computadores. Ela foi uma mistura de estratégia militar, cooperação científica e inovação contracultural. Antes da expansão da internet comercial, houve no final da década de 1960, o surgimento de serviços públicos de informação, mostrando que havia uma demanda por serviços interativos de informação *online* (CASTELLS, 2000, p. 369).

Na origem da internet, está o trabalho da Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) que, quando houve o lançamento do primeiro Sputnik, na década de 1950, estabeleceu-se a era da informação em grande escala. A instituição americana buscava criar um sistema de comunicação imune a ataques nucleares e, “com base na tecnologia de comunicação por comutação de pacotes, o sistema se tornou a rede independente de centros de comando e controle” (CASTELLS, 2000, p. 375). Anos mais tarde, com a tecnologia digital foi possível isso. De acordo com Castells (2000, p. 376) a primeira rede foi chamada de ARPANET, em homenagem a sua patrocinadora (o DARPA) e foi iniciada em 1969; esta “foi aberta inicialmente aos centros de

pesquisa que cooperavam com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos”. Porém, os cientistas começaram a usá-la para todos os tipos de comunicações. Aos poucos, ficou difícil separar o que eram as comunicações científicas e pessoais. Em 1983, houve a divisão da ARPANET, dedicada a objetivos científicos e a MILNET, direcionada a fins militares. Posteriormente, sob a cooperação da IBM, a Fundação Nacional da Ciência criou outra rede científica, a CSNET.

Todas as redes usavam a ARPANET como sistema de comunicação. A ARPA-INTERNET se formou na década de 1980, tornando-se a rede das redes, do que seria chamada de Internet. Naquele momento, a ARPA-INTERNET ainda era custeada pelo Departamento de Defesa e operada pela Fundação Nacional da Ciência. Contudo, a capacidade de transmissão desta ainda não era capaz, naquele momento, de estabelecer uma rede de computadores mundial. Então, a tecnologia de transmissão precisava ser aperfeiçoada, ou seja, os computadores necessitavam ser capazes de se comunicar entre si. Posteriormente, houve a criação de um sistema operacional que possibilitava o acesso à internet de computador a computador, o UNIX; este sistema foi criado em 1969, mas só foi possível a ampliação de sua utilização em 1983, quando pesquisadores da Berkeley (universidade com fundos da ARPA) adaptaram ao UNIX o protocolo TCP/IP<sup>2</sup> (CASTELLS, 2000, p. 376).

O final dos anos 1980, como afirma Castells (2000, p. 377), havia muitos computadores no âmbito acadêmico. Com os desenvolvimentos tecnológicos, como os sistemas de redes que fossem capazes de comunicar vários computadores no mundo e também codificar e decodificar pacotes de dados, é que foi possível a expansão das redes, tanto locais quanto regionais. Posteriormente, esta se expandiu para qualquer lugar que houvesse uma linha telefônica e computadores munidos de *modems*. Estes foram inventados por estudantes de Chicago, Ward Christensen e Randy Suess, em 1978, quando eles tentavam encontrar um sistema para transferir programas de um microcomputador ao outro via telefone. No ano seguinte, estudantes da Universidade de Durke e da Universidade da Carolina do Norte, que não participavam da ARPANET, “criaram uma versão modificada do protocolo Unix que possibilitou a ligação dos computadores por meio da linha telefônica” (idem, 2000, p. 377), que ficou conhecida como USENET. Os inventores deste protocolo difundiram seu software gratuitamente em um folheto que circulou no congresso de usuários do Unix. A partir da distribuição gratuita, sempre houve uma crescente contracultura computacional florescendo nos Estados Unidos.

---

<sup>2</sup> Camada primária de protocolo de rede. O IP hoje é um dos protocolos de redes mais utilizados.

Deste contexto surgiu, como aponta Araújo (2006, p. 10), a filosofia *open source*, que é descendente direta do conceito de *free software* (em português *Software Livre*) criado pelo programador Richard Stallman, na década de 1970. O programador começou a trabalhar no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), em 1971, como responsável por um dos sistemas de computadores usados no instituto. Na época, esse código de programação era acessível a todos os funcionários. Ainda neste momento, não era usado o termo “*software livre*”, pois segundo Stallman, esta denominação ainda não existia. A situação se modificou quando, na década de 1980, o MIT decidiu trocar o sistema supervisionado por Stallman e adotar um sistema proprietário, ou seja, com o código fechado. Em 1984, Stallman deixou o MIT, com o objetivo de criar uma versão livre do UNIX. O primeiro sistema operacional criado por ele ficou conhecido como GNU e para viabilizar o projeto, criou a *Free Software Foundation* e com ela, estabeleceu o conceito de *Software Livre*. (ARAÚJO, 2006, p. 10). A filosofia do *Open Source* (ou fonte aberta) proposta do *software livre*, funcionaria, posteriormente, de base para o jornalismo colaborativo, um novo gênero jornalístico atual, assim como o conceito ser importante com relação aos *blogs* (posteriormente aqui relatado).

Na década de 1990, segundo Castells (2000, p. 378), as empresas perceberam o potencial comercial da internet, “quando a Fundação Nacional de Ciência decidiu privatizar algumas das principais operações da rede”. A coexistência pacífica de interesses e culturas na rede resultou na *World Wide Web* (WWW) criada por um grupo de pesquisadores baseada em hipertexto e sistemas de recursos para a internet. Como aponta Ferrari (2004, p. 16), em 1980, Tim Berners Lee, escreveu o *Enquire*<sup>3</sup> e trabalhou nele durante os anos seguintes. Somente em 1989, propôs a WWW. No ano seguinte, em colaboração com Robert Cailliau desenvolveu o sistema de hipertexto CERN e no *browser*<sup>4</sup> Samba.

Em 1992, Lee foi convidado pelo pesquisador Jean François Groff, para ser o primeiro aluno do projeto *Infodesign*, que implantou inovações no *design*, arquitetura e protocolos da Internet. Groff fez muitas contribuições na versão original da WWW, quanto a sua configuração gráfica. Posteriormente, Marc Andressen criou o browser Mosaic e em 1993, já era possível trabalhar com imagens simples em formato bitmap<sup>5</sup> nessa interface. Os sites, nessa época, tinham o fundo sempre cinza, imagens pequenas e poucos *links*. Segundo Ferrari (2004, p. 17), em 1996 já existia 56 milhões de usuários no mundo e, naquele mesmo

---

<sup>3</sup> O Enquire era um programa que organizava informações, inclusive as que continham links.

<sup>4</sup> *Browser* (navegador) é o programa utilizado para visualizar páginas Web. Exemplos são: o Internet Explorer o Mozilla Firefox, entre outros.

<sup>5</sup> Bitmap é formato de imagens sem compactação que guarda informações.

ano, 95 bilhões de mensagens foram enviadas nos Estados Unidos. Além disso, o número de computadores conectados ao redor do mundo saltou de 1,7 milhão em 1993 e, quatro anos depois, para 20 milhões.

Para Castells (2000, p. 379), as pessoas e organizações eram capazes de interagir cada vez mais e “de forma expressiva” o que se tornou a teia de comunicação mundial. A origem militar, a contracultura computacional e o mundo universitário foram decisivos para o desenvolvimento e difusão da comunicação eletrônica pelo mundo.

A emergência do ciberespaço fornece um ambiente propício para o desenvolvimento das inteligências coletivas, que são o suporte do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 29). A inteligência coletiva, como afirma o autor, favorece a cibercultura e, ao mesmo tempo, é:

[...] um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva de suas correntes (LÉVY, 1999, p. 30).

O autor afirma que houve uma emergência do ciberespaço, a partir do momento que a rede expandiu do reduto militar e científico e chegou ao público. Então, com a popularização do computador, uma corrente cultural impôs um novo rumo ao desenvolvimento tecnoeconômico. O novo espaço de comunicação, proporcionado pela cibercultura, se tornou também um novo mercado de informação e do conhecimento (LÉVY, 1999, p.31-32). Mas como aconteceu a interação dos indivíduos com essa interface e desta com o mundo “físico”?

Castells (2000, p. 382) afirma que a cultura comunicativa da internet está tomando forma. Embora seu livro tenha sido escrito em meados de 1995, então a comunicação mediada por computadores (CMC) ainda estava no início, hoje esta comunicação é algo em andamento. Embora a CMC seja um fenômeno em largo crescimento, para o autor, ela dificilmente alcançará a difusão que tem a televisão, por exemplo. Isso porque, até hoje, a CMC fica ainda restrita a grupos populacionais mais instruídos e com maior poder aquisitivo (CASTELLS, 2000, p. 382-383). A esperança que o autor tem é que essas redes em um futuro, alcance proporções substanciais da população como um todo.

A CMC permitiu o surgimento do fenômeno da formação das comunidades virtuais, o que é definido por Castells (2000, p. 385) como uma rede eletrônica de comunicação interativa, organizada em torno de interesses ou finalidades compartilhadas. As comunidades virtuais podem ser formalizadas como, ao contrário, ter a informalidade, a espontaneidade e anonimato como características, como nos *chats* de bate-papo, por exemplo.

A CMC, representada pelos BBSs<sup>6</sup> permitiu, num primeiro momento, segundo Nicola, (2004, p. 71), “a legitimação do lócus social dentro das pequenas redes locais, formando conjuntos de relações dentro do ciberespaço”. Os BBSs proliferaram inicialmente dentro das universidades e tinham como objetivo a produção jornalística digital. Eles surgiram em pequenos agrupamentos de adolescentes, profissionais liberais, entusiastas da tecnologia da informática e entre outros grupos, passando a legitimar uma nova função para a rede. Os BBSs, por serem de baixo custo, proliferavam em culturas desprovidas das associações técnicas científicas, criando micromundos. Os BBs criaram uma forma discursiva peculiar e jargões, que eram a fusão de códigos da máquina e gírias populares (NICOLA, 2004, p. 73). Estas pequenas comunidades cibernéticas escreviam o que Nicola chama “a gramática do ciberespaço e planejavam suas ações dentro e fora do sistema” (2004, p. 73).

Mesmo prestando serviços caseiros na rede, segundo Nicola (2004, p. 74), os BBSs foram úteis às comunidades virtuais e representaram às origens da grande rede digital de hoje. A desvantagem dos BBSs estava na sua restrição geográfica, já que a maioria destas comunidades permanecia isolada e não tinha uma atualização tecnológica.

Seguindo as bases do autor, outras comunidades, como os MUDs (*Multi-User Domains*), IRC (*Internet Relay Chat*) e RPG (*Role Playing Game*) foram as bases para a formação da mente no ciberespaço. De acordo com Turkle (1997, p. 266-267) os MUDs surgiram no início dos anos 1970 e eram chamados de jogos de desempenhos de papéis, nos quais as pessoas, que dele participavam, adotavam identidades fictícias e interpretavam aventuras complexas. O termo realidade virtual tornou-se concreto a partir dos MUDs, que o usava para descrever espaços metafóricos que surgem somente através da interação dos indivíduos com os computadores. Nesta realidade, o indivíduo navega utilizando *hardwares* especiais, como capacetes, roupas, óculos, entre outros equipamentos interativos. A internet permitiu dois tipos de jogos de MUDs: o primeiro são jogos de aventuras e um segundo, que

---

<sup>6</sup> BBS – *Bulletin Board System*, ou literalmente “sistemas de quadros de mensagens”, era um sistema em que um computador central, equipado com diversos *modems*, serve como base de troca de informações entre os usuários que acessassem o BBS a partir de seus computadores pessoais, usando *modems* ou linhas telefônicas.

consistem em espaços abertos, nos quais cada pessoa podia jogar aquilo que desejasse, de acordo com sua imaginação. O segundo tipo de jogo foi chamado de MUD Social, que pretendia fazer não só o seu usuário jogar, mas interagir com os demais jogadores. Na prática, estes dois tipos de MUDs tinham características em comum, como poder criar um personagem diverso do que você é de fato (algo semelhante acontece nas comunidades virtuais). Segundo Turkle (1997, p. 269), a palavra personagem deriva dos termos “pessoa” e “personalidade”, que sugere “que cada indivíduo é identificado através dum rosto público, distinto duma qualquer essência (ou essências) de caráter profundo”.

A mais conhecida das comunidades virtuais foi *The Well*, criada em 1985, e que era um sistema de teleconferências para computação. O *The Well* organizou o ciberespaço em um número incontável de conversas públicas e trocas de correspondências privadas ou e-mails. As experiências desta comunidade construíram novos modelos para a elaboração de outras (NICOLA, 2004, p. 77).

Os primeiros boletins eletrônicos, os BBSs inauguraram a possibilidade de tornar qualquer pessoa um cidadão repórter, o que seria os primórdios dos *blogs* e de um gênero jornalístico, o jornalismo cidadão, posteriormente aqui relatado.

Neste bojo, ainda surgiram outras comunidades virtuais, como aponta Nicola (1999, p. 110-111). Além dos e-mails que permitiam (e permitem) a troca de informações, houve a inserção de suportes técnicos avançados de comunicação instantânea, como os *chats*, fóruns de debate e os comunicadores instantâneos (CIs). Estes dispositivos permitiram a mediação imediata entre seus usuários. Os *chats* representam para as comunidades virtuais as vias de um tráfego informal, como afirma Nicola (2009, p. 111). Para ele, os *chats* permitem o encontro de diferenças ideológicas e instauram proximidades entre as pessoas que dele participam. Embora a cultura dos BBS terem sido importantes para a base das comunidades virtuais, tanto os *chats* como os CIs tiveram o seu valor.

Os CIs corresponderam aos *softwares* que simulam os *chats*, mas eram mais personalizados. Eles possuíam segundo Nicola (2004, p. 111), a característica de informar aos indivíduos cadastrados, a identidade dos demais, rompendo com a privacidade do sistema. Um exemplo desse *software* foi o ICQ, cujo nome era a abreviação da sigla inglesa “*I Seek you*” (eu procuro você). A disseminação do ICQ se deu em 1994 quando foi desenvolvido o aplicativo e depois disponibilizado na rede. Pode-se dizer que o ICQ é a base do que é hoje o MSN.

A *Microsoft Service Network* (Rede Microsoft de Serviços) ou MSN é um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft. O nome, MSN é uma brincadeira com a palavra *Messenger*. O portal foi criado em 1996 e, no ano seguinte, fez uma campanha de marketing nos Estados Unidos angariando milhões de assinantes e colocando o MSN como o sexto maior provedor no país<sup>7</sup>. Em 1998, a campanha de publicidade e marketing girou em torno do lançamento do Windows 98, mas não obteve sucesso como no ano anterior. Em 1999, na Inglaterra, o MSN inglês conquistara o posto de maior provedor da Europa. Em 2001, inicia-se uma campanha agressiva de marketing para promover o MSN Messenger, que era uma cópia do outrora ICQ. Dois anos depois, o programa já era utilizado pela maioria dos internautas.<sup>8</sup> Em 2003, e até hoje, o domínio MSN.com foi liberado para o serviço de e-mail gratuito, o Hotmail.

O *Orkut* é outra comunidade virtual criada por Orkut Buyukokkten, engenheiro turco do Google, em 2004. Este é um *software* com uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades. Como afirma Recuero (2004a, p. 7) este é desenvolvido com base na ideia de “*software social*”, podendo ser possível cadastrar-se, por fotos e preferências pessoais. O *software* é uma comunidade social que mostra aos indivíduos os perfis de outros indivíduos que estão nesta comunidade e que é possível observar suas conexões diretas entre amigos e conhecidos; e indireta, entre desconhecidos, ou amigo dos amigos. O *Orkut* oferece outras ferramentas de interação variadas como: sistemas de fóruns para comunidades; envio de mensagens para cada perfil, para comunidades, para amigos e amigos de amigos, entre outras possibilidades (RECUERO, 2004a, p. 8).

O *Orkut* demonstra a existência de redes sociais amplas, altamente conectadas e percebe-se a existência dentro dessas comunidades, o que Recuero (2004a, p. 8) chama de “*hubs*”, ou seja, pessoas altamente conectadas, com um imenso número de amigos e que contribui para a queda da distância entre os indivíduos. Os *hubs* são pessoas, como a autora aponta que tem muitos amigos na rede, mas que esse tipo de conexão para ela, não apresenta nenhum tipo de interação social e, por isso, não é representativa para demonstrar a existência de uma rede social.

Posteriormente, em 2004, o *Facebook* foi criado. Este é um *website* de relacionamentos que se assemelha com o Orkut. O Facebook foi lançado por Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard. Inicialmente, o *website* estava presente somente

---

<sup>7</sup> MSN. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN>>. Acesso em: 16 mar 2010.

<sup>8</sup> Idem.

entre alunos de universidades americanas e, posteriormente, se estendeu para estudantes secundaristas e algumas empresas. Desde 2006, a ferramenta é aberta ao público que precisa ser maior de 13 anos para participar.<sup>9</sup>

Na sequência, foi criado o *Twitter*, que é outro tipo de rede social e servidor que se originou na formatação dos *blogs*. O *Twitter* é um *microblog*, que permite ao usuário que este envie e leia atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, tudo em tempo real. Ele é descrito muitas vezes como “SMS da internet”.<sup>10</sup>

Os *blogs* surgiram nesse contexto das redes sociais e de uma cultura da colaboração, que vem desde a década de 1970, com a cultura do *software* livre.<sup>11</sup> A cultura de *software* livre trouxe a cultura da colaboração, tanto na internet e principalmente na blogosfera, influenciando as práticas jornalísticas e de comunicação. Um dos projetos de autoria colaborativa, além da blogosfera, foi a Wikipédia<sup>12</sup>, que surgiu em 1995, considerada uma das maiores enciclopédias da web, com mais de 60 mil verbetes em português e mais de 700 mil em inglês (ARAÚJO, 2006, p. 15). De acordo com Cordeiro (2007, p. 44), é um tipo de site em que as pessoas têm o receio de usá-lo, confiar na sua credibilidade e utilizá-la como fonte de referência. Segundo Cordeiro (2007), a Wikipédia, em 2007, foi acessada por 7,8 milhões de internautas todos os dias. O site apresentava em setembro de 2007, 8,2 milhões de artigos, que somam 1,41 bilhão de palavras em 253 línguas, até mesmo em dialetos (CORDEIRO, 2007, p. 44).

A comunicação mediada por computador (CMC) afetou (e continua afetar) a sociedade, influenciando a vida das pessoas e a própria noção de comunidade. A CMC passou a definir novas comunidades surgidas neste contexto. Para Recuero (2003a, p. 5) as comunidades virtuais têm como elementos: as discussões públicas, as pessoas que se encontram e se reencontram e que mantêm contato através da Internet; o tempo e o sentimento. Estes combinados através do ciberespaço podem ser formadores de redes de relações sociais, constituindo as comunidades. Recuero (2003a, p. 5) continua afirmando que para a maior parte dos sociólogos, há uma discussão em torno do conceito de comunidade

---

<sup>9</sup> *Facebook*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 16 mar 2010

<sup>10</sup> *Twitter*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em: 17 mar 2010.

<sup>11</sup> O *Software Livre* tem como filosofia *open source* e do conceito *de free software* ou software livre, criado pelo programador Richard Stallman, na década de 1970. *Open Source* (ou Fonte Aberta) está relacionado à liberdade do usuário em rodar o programa para qualquer fim, mudá-lo, adaptá-lo às suas necessidades, acesso ao código fonte e distribuir versões modificadas do programa para que a comunidade se beneficie dos seus aprimoramentos.

<sup>12</sup> Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)>. Acesso em: 17 mar. 2010.

virtual, já que para eles convencionou-se chamar comunidade todo agrupamento de uma determinada base territorial. Esta definição constitui o maior problema, já que no ciberespaço há a ausência justamente de uma base territorial, pelo menos física, e até então sustentáculo da idéia de comunidade. Para Recuero (2003a, p.6) o que se pode definir como condição para a existência e, portanto, a conceituação de comunidade virtual, é a existência de um espaço público, no qual a maior parte das interações acontece. Além disso, a comunidade precisa de uma base no ciberespaço, um lugar público, que dá um senso de lugar, um “lócus virtual” (RECUERO, 2003a, p. 7).

A comunidade pressupõe a existência de interatividade entre seus membros. Para Recuero (2003a, p. 7) a interação é uma característica do meio, mas, segundo ela, “não uma garantia deste meio, pois depende dos usos que cada parte da relação comunicativa fizer”. Recuero (2003a, p.8) aponta outras características das comunidades virtuais como, a permanência, já que sem a existência de um plano de tempo, as relações entre as pessoas não podem ser aprofundadas o suficiente a ponto de se constituírem uma comunidade. Outras características são: o pertencimento, como um sentido e ligação e o sentimento, ou seja, os indivíduos se sentirem parte de uma comunidade e responsáveis por ela.

O que é interessante de se pensar nessas comunidades, conceitos e características são os laços *online* e *offline* que são feitos entre os indivíduos (RECUERO, 2003a, p. 8). Já que as comunidades podem se estender do seu lócus virtual para o físico e dessa forma, mudar as formas de socialização e até mesmo profissões, como no caso do jornalismo e em relação aos *blogs*, que é outra espécie de comunidade virtual.

### **1.3.1.1 Computador como instrumento de libertação?**

Como instrumento de trabalho, à primeira vista o computador é um meio de libertação. Esta situação continua até hoje, como pelo menos uma esperança ou promessa, “libertando os trabalhadores para se entregarem a tarefas mais interessantes e criativas” (KUMAR, 2006, p. 59). Porém, como o autor afirma os trabalhadores de escritórios se tornaram “escravos do computador, meros alimentadores de máquinas” (KUMAR, 2006, P. 59). Portanto, não estaria no computador um instrumento de trabalho que liberta.

Quanto às comunidades virtuais e todas as outras opções de entretenimento estariam nelas um meio de libertação e possibilidades de reconstituição de nossa própria identidade.

Segundo Turkle (1997, p. 262), passa-se a maior parte do tempo isolado, diante da televisão e mais comumente, em frente aos computadores, mas, não sozinhos de fato, talvez apenas fisicamente, já que o computador em si foi criado para ser um aparelho de uso individual. Tem-se a necessidade de relacionamentos entre as pessoas e hoje, através de e-mails, grupos de discussões e várias comunidades virtuais estabelecem-se relações. A Internet é um dos elementos da cultura do computador que contribuiu como afirma Turkle (1997, p. 263), “para encarmos a identidade como multiplicidade”, daí que reside uma liberdade.

O computador permite que as pessoas possam criar personalidades alternativas, entre muitas outras diferentes. Como aponta Turkle (1997, p. 265), no passado essa experiência não era facilmente acessível. Hoje, há esta rápida alternância de personalidades. Anteriormente, as pessoas assumiam diferentes papéis e máscaras sociais, mas, o seu vínculo com uma determinada família ou comunidade mantinha-o sob um controle apertado e esta alternância de personalidades era algo à margem da sociedade. Para Turkle (1997, p. 265), na era pós-moderna, as identidades múltiplas perderam o seu caráter marginal e hoje as pessoas aprenderam que essa alternância de papéis podem ser misturados e acoplados a sua própria identidade, em relação aos personagens que assumem em uma comunidade virtual. Souza (2009, p. 5-6) toma os *blogs* da publicitária mineira Cristiana Guerra, como exemplos dessa alternância de personagens. A publicitária atualmente tem dois *blogs* pessoais, o “Hoje Vou Assim”<sup>13</sup> e “Para Francisco”<sup>14</sup>, nos quais ela desempenha a existência dos diversos “Eu’s” representados pelos vários personagens. No primeiro *blog*, Cristiana usa, na maioria dos posts, imagens do que veste para ir trabalhar. Neste ficam claras as diversas personagens que a publicitária exerce: a da modelo, que posa para o fotógrafo (que geralmente é um amigo); a da produtora de moda, que escolhe as peças que irá utilizar, que direciona o fotógrafo na escolha de ângulos e que decide o que será mostrado ou omitido; as personagens que primam pelos detalhes, pela qualidade, ao revelar partes do seu corpo, seja um pedaço de pele ou suas inúmeras tatuagens. Já no segundo *blog* da publicitária, o “Para Francisco”, Cristiana exerce o papel de viúva e mãe que cria seu filho sozinha. Segundo Souza (2009, p. 7), ali ela está presente através de sua própria história. Talvez por isso a aproximação com o leitor é forte, pois se trata de uma aproximação de vidas, por uma identificação. Segundo Trivinho (2007, p. 375), esse processo de identidade se destina “a conjuntizar, organizar e unificar o que está

---

<sup>13</sup> Hoje Vou Assim. Disponível em: <<http://hojevouassim.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2010. No momento de finalização desta pesquisa, o *blog* Hoje Vou assim mudou de endereço para <<http://www.hojevouassim.com.br/>>.

<sup>14</sup> Para Francisco. Disponível em: <<http://parafrancisco.blogspot.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

disperso”. De certa forma, essa possibilidade de desempenho de papéis promove uma certa liberdade, mas residiria aí uma liberdade de fato?

Vive-se numa sociedade cada vez mais fragmentada principalmente quanto a valores e estilos de vida. Segundo Toffler (2001), ainda não conseguimos achar uma base de reconstituição e, portanto, de saber qual é o nosso lugar nesse contexto. De acordo com o autor, ainda enfrentamos problemas de integração social e individual, “pois a multiplicação de estilos de vida desafia nossa capacidade de manter o próprio eu íntegro” (TOFFLER, 2001, p. 259). O autor ainda questiona (e nos pergunta) qual o ser que escolhemos ser? Para ele, deve-se lidar com as escolhas que nos são disponíveis e, que essa variedade, nos dá uma liberdade, que ainda não se conseguiu examinar e também implicar a sua adversidade. De acordo com Toffler (2001), esta adversidade converge para a transitoriedade e a inovação, que nos leva a uma crise de adaptação, a um colapso, que o autor chama de “choque do futuro” (TOFFLER, 2001, p. 260). O autor afirma que este choque do futuro acontece não só no corpo dos indivíduos, mas também na mente. Baseados nas ideias de Toffler (2001) que compara um viajante e sua profunda desorientação quando mergulha em uma cultura diversa à sua, pode-se fazer uma referência a imersão dos usuários ao ciberespaço e sua relação com o meio, se esta é de uma liberdade.

A própria denominação da palavra “ciberespaço”, mostrada por Santaella (2003, p. 98-99), tem origens no termo *cyberspace*, que foi empregado e inventado por William Gibson, no livro “Neuromancer”, ficção científica de 1984. O ciberespaço para Gibson designava “o universo das redes digitais, como lugar de encontro e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (apud SANTAELLA, 2003, p. 98). Segundo Gibson, o ciberespaço é como uma “alucinação consensual experienciada diariamente por bilhões de operadores legítimos” (apud SANTAELLA, 2003, p. 99); se partir dessa conceituação de ciberespaço, pode-se dizer que o computador não é um espaço de libertação, mas de uma prisão consensual.

Pode-se partir dessa concepção de prisão ao se pensar na arquitetura da própria rede e sua interface. Por interface, segundo Johnson (2001, p. 17) entende-se como um tradutor, mediando as duas partes, “tornando uma sensível para a outra”. Para que haja esta relação, é necessário um computador, que “deve também representar a si mesmo ao usuário, numa linguagem que este compreenda” (JOHNSON, 2001, p. 17). Um design da interface é eficiente quando permite ao usuário navegar através de seus documentos e aplicações e comunicando-se com o exterior. Porém, “à medida que as máquinas vão sendo cada vez mais

plugadas em redes globais de informação, vai se tornando mais difícil imaginar o espaço de dados na ponta dos nossos dedos, visualizar mentalmente toda essa complexidade [...]” (JOHNSON, 2001, p. 20). Para entender a complexidade destas redes, precisa-se de uma nova linguagem para descrever essa interface, mas que nem todos têm acesso a ela. Portanto, o ciberespaço, representado pelo computador, não é um espaço de libertação.

O ciberespaço e a cultura que ele gera não podem ser limitados ao computador. Hoje, várias publicações impressas, *sites* na internet mostram a diversidade das relações sociais neste meio e várias extensões humanas, como telefone celular, *palmtops*, entre outros mostram uma diversidade que fala essa nova cultura digital. Mas essas tecnologias falam uma linguagem que só é acessível para poucos, portanto, o computador (e demais formas eletrônicas que são elementos da cibercultura) não é um instrumento de libertação.

### **1.3.1.2 O indivíduo como terminal de redes múltiplas e a nova realidade midiática**

Em certo momento deste capítulo, quando se falava do advento da internet e suas denominações, como o hipertexto, este foi comparado as enciclopédias, só que num suporte digital, que permite a associação rápida de vários documentos sem a necessidade de uma movimentação física (no caso da enciclopédia, o virar da página).

Pensando o hipertexto, a partir do leitor, de acordo com Lévy (1999, p. 57), este se trata de espaço de percurso de leituras possíveis. Para o autor, o hipertexto faz com que o navegador, portanto, o leitor torne-se autor deste hiperdocumento da maneira mais profunda. O leitor não irá apenas escolher os *links* que irá percorrer entre os já existentes, mas irá criar novos, que fazem sentido para ele:

[...] acrescentar e modificar nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e dessa forma transformar em um único documento dois hipertextos que antes eram separados ou, de acordo com o ponto de vista, traçar links hipertextuais entre um grande número de documentos (LÉVY, 1999, p. 57).

Quando estes hiperdocumentos estão abertos por meio de uma rede mundial de computadores, são como afirma Lévy, “poderosos instrumentos de escrita-leitura-coletiva”

(1999, p. 57) e, dessa maneira, o indivíduo será uma rede múltipla de informações e conhecimentos.

Tomando-se como base o estudo teórico de Lévy (1999) e Santaella (2003), a escrita e a leitura trocam seus papéis e pode-se usar essa conceituação para os papéis de emissor e receptor na comunicação; estes dois papéis são modificados e se misturam na comunicação praticada na atualidade.

Lévy (1996, p. 128) afirma que o interessante do ciberespaço é ser um dos últimos surgimentos de “objetos indutores de inteligências coletivas”. Ainda afirmando que o ciberespaço é um objeto comum, dinâmico e alimentado por inteligências coletivas e que, portanto, o faz ser interessante. Mas esse contexto da inteligência coletiva tem origens nas mudanças nas formas de comunicação da atualidade proporcionadas pelo próprio meio da cibercultura.

O ambiente digital promove como diz Brambilla (2006, p. 12), “um fluxo pluridirecional de mensagens”. As diversas possibilidades de interação proporcionadas pela internet fazem-se necessária a reflexão sobre o processo de comunicação e suas mudanças. A mídia de massa permitia um sistema de transmissão de mão única, enquanto que o processo de comunicação na internet prevê uma relação dialógica e de interação com os sujeitos envolvidos neste processo.

Hoje, pode-se falar categoricamente, que a comunicação que acontece pelas vias do ciberespaço tenha a característica de se realizar em mão dupla. O que se destaca nessa comunicação é a interação minuciosa que acontece através de respostas imediatas, conhecimento mútuo do interlocutor e da mensagem que ele produz. Por isso, hoje a profissão do jornalista, por exemplo, está em processo de mudança, pois ele não é mais o “porta voz da opinião pública” (TRAQUINA 2005, p. 47-48), já que esta não tem mais dono.

O processo de comunicação da atualidade é complexo, pois direciona o olhar não só para as esferas emissoras e receptoras, mas o meio permite a fragmentação desta relação, para uma não verticalidade da comunicação.

Por isso, citando novamente o exemplo do jornalismo, há o surgimento de outra modalidade, o chamado jornalismo *Open Source* (de fonte aberta) ou jornalismo colaborativo; este é aquele que conta com a participação ativa do internauta com o conteúdo noticioso.

Voltando ao processo de comunicação, a organização mais tradicional distinguia, no mínimo, quatro elementos essenciais da comunicação: o emissor, o meio, a mensagem e o

receptor. Com o advento das ferramentas tecnológicas, que estimularam cada vez mais a interação mútua sobre os elementos deste esquema, tal organização sofreu um desequilíbrio. O receptor passa a desempenhar papéis que podem ser semelhante a do emissor. Ou seja, estas funções se misturam. Hoje a comunicação não se resume a mera transmissão de informações, havendo mudanças na comunicação quanto à desestruturação do modelo acima descrito que é causada pela interferência dos públicos na produção da mensagem midiática; este leitor tem acesso a fontes de publicação, como os *blogs*, que tiveram importante papel, assim como outras formas de redes sociais para as mudanças na comunicação. Hoje, os *blogs* já são cerca de 130 milhões e a taxa de atualização dos mesmos é de 900 mil posts por dia<sup>15</sup>. A ferramenta continua a crescer exponencialmente e ganha espaço principalmente como meio de debate de notícias veiculadas pelos meios massivos; estes meios negam qualquer desordem que possa existir entre os elementos desse processo de comunicação (o emissor, receptor, meio, mensagem) embora, estes elementos tendem a ser superados pela interação mútua entre eles, gerando o anteriormente citado, “fluxos pluridirecional de mensagens” (Brambilla, 2006, p. 23).

As mudanças na comunicação serão mais bem detalhadas no terceiro capítulo desta pesquisa, em relação às modificações que aconteceram no jornalismo, quanto a um novo gênero: o jornalismo *Open source*, de Fonte aberta ou colaborativo. O jornalismo open source tem como uma das características, ter ao lado do jornalista colaboradores ou parceiros atuando em conjunto.

Para entender o processo de mudança que, não só a comunicação vem passado, mas o próprio jornalismo, o capítulo seguinte trata das teorias da comunicação e em um segundo momento do jornalismo, que são necessárias para entender o contexto geral de mudanças. Partindo para questões fundamentais da profissão, assim como mitos relacionados ao que é ser jornalista: o jornalismo e o fator tempo, o que é a notícia, a objetividade como um valor da profissão, a linguagem e a técnica jornalística em relação a notícia e as formas de transmissão da informação, até chegar a categoria dos gêneros jornalísticos. Em um momento mais adiante deste capítulo, propõe-se algumas classificações de gêneros jornalísticos sugeridos por alguns autores, porém, não entrando em detalhes quanto ao gênero de jornalismo *Open Source*, retratado no último capítulo desta pesquisa, no qual se faz referência a esse gênero jornalístico e aos *blogs* (objeto desta pesquisa)

---

<sup>15</sup> Segundo dados do estudo *State of Blogosphere*, especializado em métricas sobre publicação de *blogs* no mundo. Disponível em: <<http://www.technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere/>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

# 2 Teorias da comunicação e do jornalismo

## 2 Teorias da comunicação e do jornalismo

[...] as notícias são muito mais do que o que ‘acontece’ [...]

Traquina (2005, p. 207)

As teorias descritas neste Capítulo serão baseadas em Rüdiger (2004), no que tange à comunicação; e Pena (2008) e Traquina (2005), em relação ao jornalismo e sua identidade.

### 2.1. Do paradigma de Shannon e Weaver à seringa hipodérmica

A reflexão teórica sobre a comunicação nasceu no século XX e, surgiu do impacto dos chamados meios de difusão de massa (rádio, jornais, propaganda e posteriormente, a TV). Os meios de comunicação de massa daquele momento contribuíram para a necessidade de fundamentação do conceito de comunicação e do desenvolvimento das primeiras teorias gerais do conceito. As teorias aqui destacadas não foram dispostas de forma cronológica, mas pelo desenvolvimento do conteúdo de suas ideologias.

O modelo de Shannon e Weaver é uma teoria geral e linear, que durante muito tempo funcionou como base conceitual da ciência da comunicação. Este modelo se define, basicamente, como matemática da informação, denominando a comunicação como envio de mensagens de um emissor para um receptor (ou destinatário). Para os autores, essa problemática é dividida em três níveis: técnico, semântico e pragmático. O problema semântico refere-se aos significados das informações; o pragmático à capacidade de as informações modificarem o comportamento das pessoas, representando a informação apenas como fluxo de um ponto ao outro; e o técnico se refere à comunicação entre máquinas.

Esse conceito poderia ser usado no jornalismo, já que uma de suas funções é influenciar as pessoas, fazê-las buscar as informações elaboradas pelos veículos de comunicação. A teoria de Shannon e Weaver tem seus problemas, não levando em deferência que a comunicação e informação são conceitos divergentes. A primeira é um processo interativo, enquanto a segunda é unidirecional, em que há o controle por parte do emissor sobre o receptor. O paradigma de Shannon e Weaver vê a comunicação apenas no seu nível informacional, ou seja, uma teoria que se ocupa apenas com a forma e não com a comunicação, que é um processo mais dinâmico (RÜDIGER, 2004, p. 26-27).

A teoria apontou outros conceitos dentro do esquema clássico de transmissão de informação, como: canal, meio pelo qual o sinal do emissor passa para o receptor; interferência ou ruído, que são os sinais durante o processo de transmissão que não são pretendidos pelo emissor; *feedback*, um mecanismo que permitia a fonte controlar o modo como o receptor está recebendo a mensagem.

O Paradigma de Shannon e Weaver encontra-se esgotado quanto aos saberes contemporâneos, em razão de não abranger a realidade atual, na qual a comunicação não é linear. A própria identidade de receptor se modificou. No contexto atual da Internet e dos *blogs* esse receptor pode ser também um transmissor, resultando numa comunicação em via dupla.

Outra teoria da comunicação é o Paradigma Funcionalista, que vê a comunicação como fundamento do processo de interação social (RÜDIGER, 2004, p. 54). Dentro deste paradigma está o Esquema de Lasswell, definido pela primeira vez na década de 1940, que constitui a comunicação como um processo de cunho intencional, através do qual as pessoas buscam influenciar o comportamento das demais (RÜDIGER, 2004, p. 55). Dentro dessa corrente funcionalista, podem-se vislumbrar diversas outras teorias, algumas destas fundamentais para entender o jornalismo e o jornalista.

O Esquema de Lasswell preconizava que para descrever um ato de comunicação é preciso responder às seguintes perguntas: 1- Quem? 2. Diz o quê? 3- Através de que canal? 4- Com que efeito? A primeira pergunta refere-se ao emissor, a segunda analisa o conteúdo, a terceira aborda a característica do meio e sua influência na mensagem e a quarta o efeito da mensagem. Esse mesmo esquema remete-nos às técnicas básicas do jornalismo: o *lead*, que faz o relato sintético do acontecimento logo no início do texto e que responde às perguntas básicas, que muito lembram as anteriores: o quê, quem, como, onde, quando e por quê. O Esquema de Lasswell é conhecido também como seringa hipodérmica ou agulha hipodérmica, que remete à ideia da injeção de uma informação em determinado destinatário.

O mesmo esquema originou a Teoria do Agendamento ou *agenda setting* (como é conhecida nos Estados Unidos), posteriormente aqui explicada. O esquema de Lasswell sofreu depois, na década de 1950, de acordo com Rüdiger (2004), uma revisão feita pela própria Teoria Funcionalista, segundo a qual a comunicação não pode ser reduzida ao comunicador. Esta compreende necessariamente a recepção da mensagem que nem sempre corresponde à intenção do comunicador.

Dessa forma, passou-se a pensar que a relação do emissor com o receptor não é unilateral, mas deve ser vista na perspectiva contrária, do receptor para o comunicador. O ponto de partida para essa reelaboração foi o fato da comunicação humana não se esgotar na capacidade de transmitir ideias, mas na necessidade de compreensão por parte do destinatário para haver comunicação. Essa pode ser eficiente mesmo que seu comunicador não consiga afetar, segundo suas intenções, o receptor. Além disso, os sujeitos não se comunicam apenas nas condições acima mencionadas - circunstância bem comum no contexto contemporâneo.

O item seguinte parte para outra etapa dentro do contexto da comunicação, afunilando para oito teorias do jornalismo. Como o foco desta pesquisa é o jornalismo praticado na contemporaneidade, é importante uma contextualização teórica desta profissão, com foco em seus principais conceitos e críticas para adiante se refletir sobre o jornalista, o seu trabalho e sua identidade profissional.

## **2.2. Teoria do jornalismo: conceitos e críticas**

O segundo tópico deste capítulo inspirou-se nas teorias do jornalismo propostas por Traquina (2005) e Pena (2008). A partir das teorias expostas por esses autores, foram feitas reflexões no contexto do jornalismo atual e dos *blogs*.

Uma das primeiras teorias aplicadas ao jornalismo, decorrente ainda do século XIX, foi a Teoria do Espelho. Como sugere o nome, o jornalismo reflete a realidade, ou seja, as notícias são do jeito que se conhece porque assim a realidade as determina. A imprensa funciona como espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano, no qual o jornalista é visto como mediador desinteressado, cuja missão é somente observar a realidade, com o cuidado de não expor suas opiniões pessoais. O seu dever é informar e, portanto, buscar a verdade acima de tudo. Nessa teoria, emerge o conceito de objetividade, uma das marcas do jornalismo, cujo princípio básico é a separação de opiniões e fatos. De acordo com Pena (2008), essa teoria já falha ao partir da objetividade, pois esta deveria encarar a subjetividade como parte da realidade e desta forma não negá-la.

Até hoje a comunidade jornalística defende a Teoria do Espelho com base na crença de que as notícias refletem a realidade, pois sugere credibilidade aos jornalistas, tratando-os como imparciais, limitados por procedimentos profissionais, dotados de um saber de narração baseado em métodos científicos que garantem um relato objetivo dos fatos. Contudo, a

metáfora do espelho é bastante limitada. Se de fato o jornalismo reflete os acontecimentos da realidade, também não seria falso afirmar que a própria realidade se propaga nos meios de comunicação, toma novos rumos e seu reflexo retorna ao meio sob novas formas. Os *blogs*, por exemplo, comentam o que é publicado nas outras mídias e resultam em outro produto em seus respectivos espaços. Há também a ideia de que, devido ao grande fluxo de informações, muitos dos acontecimentos não são publicados por falta de espaço ou por uma política editorial de determinado meio de comunicação. Dessa forma, a maioria das notícias acaba não se propagando no meio (na mídia) e, em consequência, na sociedade.

Assim, tanto no espelho propriamente dito (usado aqui como metáfora) como no espelho ilusório do jornalismo, os dois distorcem o objeto que refletem. A própria linguagem usada na profissão, dita objetiva, já seria um argumento para refutar a Teoria do Espelho, pois não é possível adotar uma linguagem totalmente neutra. Na verdade, os jornalistas estruturam representações do que supõem ser a realidade, tanto no interior do seu cotidiano profissional como nos limites dos veículos nos quais estão inseridos.

A Teoria do *Newsmaking* é uma contestação da anterior. Para seus defensores, o jornalismo está longe de ser o espelho do real. No ofício de sua profissão, os jornalistas produzem discursos a partir de uma série de pressões sociais e de operações que constituirão as notícias. Dessa forma, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la e, embora a notícia não se esgote na sua produção, é nela que se trata esse enfoque teórico.

Para os *newsmakers*, embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas submissão a um planejamento produtivo. O mesmo acontece com o jornalismo feito atualmente nos *blogs*, que parece ter autonomia, mas deve seguir um planejamento da produção, das publicações.

Outra característica peculiar dessa teoria é passar pela questão do tempo e do espaço. Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, há a necessidade de organizar a produção de notícias e as empresas jornalísticas colocam ordem no tempo e no espaço, ou seja, controlam essas duas variantes. Em consequência, o mesmo acontece nos *blogs*, que em sua maioria comenta o que é veiculado na grande mídia.

Para organizar a produção, estabelecem determinadas práticas unificadas na elaboração das notícias, no caso a noticiabilidade, que é um conjunto de critérios, operações e instrumentos na escolha, entre inúmeros fatos, do que será notícia. A noticiabilidade é negociada entre repórteres, editores, diretores e entre outros indivíduos envolvidos no

processo de produção. Essa prática depende de outra variante, os valores-notícias, que são os critérios e operações usados para definir quais acontecimentos são mais significativos e, portanto, merecem ser noticiados. Embora o jornalismo defenda a objetividade, a noticiabilidade e os valores-notícia são subjetivos, variando conforme o veículo e o profissional.

A variante dessa teoria é a sistematização do trabalho jornalístico. O pauteiro, os repórteres e editores têm suas funções específicas e ajudam a organizar o trabalho. Sendo assim, a produção do trabalho jornalístico é como um processo industrial, mais comum em veículos tradicionais como os jornais e as revistas, com horário para fechamento. No caso da Internet, essa organização do trabalho existe, mas de forma não tão segmentada.

Para um acontecimento virar notícia, há três fatores que determinam o que acima foi exemplificado: a cultura profissional dos jornalistas, que é um emaranhado de retóricas, símbolos, rituais e convenções relativos a esse grupo; organização do trabalho, que determina a definição de notícia; e o seu processo produtivo, como a seleção de fontes e de acontecimentos (que passam pelos critérios de noticiabilidade e valor-notícia já explicados).

À primeira vista, a noticiabilidade parece um discurso contra os fundamentos constitucionais do jornalismo, quanto à sua objetividade que é a instituição da profissão. Aquela (noticiabilidade) é que determina o que será notícia; além da capacidade subjetiva do jornalista, que é comumente chamado no meio como ‘faro para a notícia’. Mauro Wolf cita em *Teorias da Comunicação* (2002) o exemplo da notícia nos telejornais, cujo tempo é extremamente curto para fornecer o contexto histórico ou geográfico dos acontecimentos. Para Wolf (2002, p. 193), “o conjunto de fatores que determinam a noticiabilidade dos acontecimentos permite efetuar, cotidianamente, a cobertura informativa, mas dificulta o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos dos fatos apresentados como notícia”. Isso significa também dizer que os critérios que determinam se um acontecimento possa vir a ser notícia são relativos, pois são tão flexíveis e variáveis quanto o meio em que estão inseridos.

A teoria do *Gatekeeper* refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a omite. Diante da grande quantidade de acontecimentos, só se tornam notícias os que conseguem passar por uma cancela ou portão (como diz o nome da teoria: *gate*, que em português significa portão) e quem decide isso é uma espécie de selecionador (*gatekeeper*). Há canais por onde flui a sequência de comportamentos relativos a um determinado tema, que desembocam em uma zona filtro (*gate*) controlada por quem tem o

poder de decidir (*gatekeeper*). As decisões desse último, em relação ao jornalismo, são tomadas mais de acordo com critérios profissionais e organizacionais: a eficiência, a produção de notícias e a rapidez; do que em relação a motivos individuais e suas expectativas. Hoje o estudo dos *Gatekeepers* foi ampliado e passou a se concentrar na maneira como a seleção é exercida, ou na análise dos contextos relativos à escolha do selecionador. Um desses contextos é a organização profissional da redação, tratado na Teoria Organizacional.

Segundo a Teoria Organizacional, todas as organizações dispõem de meios específicos para realizar seu trabalho, os quais influenciam diretamente o resultado, o produto final; no caso do jornalismo, a notícia. Um dos meios que determinam o trabalho jornalístico é o fator econômico, uma vez que, para essa teoria, o jornalismo é um negócio, e como tal busca o lucro. Como empresa jornalística, seu setor mais importante é o comercial, responsável pela captação de anúncios (no caso dos impressos) e de publicidade (nos meios televisivos) e assim por diante. A partir desse contexto comercial, como fica o profissional dentro dessa organização?

O jornalista aceita as normas editoriais, que passam a ser mais importantes do que as crenças individuais. Há a possibilidade de fugir do controle social da organização a partir das normas editoriais dos veículos, que não são claras, podendo reinterpretá-las e usá-las a seu favor em alguns casos; a própria produção da notícia acaba fugindo ao controle dos chefes; e, de forma subjetiva, cada jornalista pode privilegiar determinado foco da notícia. Os jornalistas que têm o “*status* de estrela”, como os colunistas, podem transgredir com mais facilidade a política editorial da empresa jornalística ou, nos *blogs*, jornalistas com larga experiência têm a liberdade de ter ali sua marca pessoal, dar enfoque a determinado assunto e/ou fonte.

O esquema funcionalista aqui relatado resulta numa das teorias mais significativas do jornalismo, a do Agendamento ou *agenda setting*. Essa teoria defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendem nossas conversas (como sugere o nome da teoria). O estudo da *agenda setting* originou-se na década de 1970 nos Estados Unidos como uma reação a outra teoria, a dos efeitos limitados.

O Agendamento representa a insatisfação da nova geração de pesquisadores da comunicação, que tinham a experiência em redações sob o modelo da limitação dos efeitos midiáticos na vida social. De acordo com a teoria hipodérmica, os efeitos produzidos pela mídia atingem da mesma forma todas as pessoas, independentemente de suas características sociais, psicológicas ou culturais. Dessa forma, todos respondem de forma igual aos

estímulos. Por isso, essa teoria ficou conhecida como agulha ou seringa hipodérmica. Já o modelo dos efeitos limitados, contesta essa teoria da seringa e segue o paradigma funcionalista, baseado na concepção da sociedade como um sistema. A teoria do agendamento, que contesta a teoria anterior, tem o objetivo não mais de analisar o papel da mídia na mudança de opiniões, mas sua influência na formação e mudança de cognição, ou seja, como as pessoas apreendem as informações e como formam seu conhecimento. Constitui-se em um modelo centrado no processo de significação.

Outras teorias do jornalismo são pouco conhecidas, mas não menos importantes para se entender essa profissão. Como a Teoria Gnóstica, que vem da palavra gnose (ou *gnosis*), que pode ser traduzida por um tipo de conhecimento esotérico que se transmite por uma tradição e mediante ritos de iniciação. A esse tipo de conhecimento poucos têm acesso, estando restrito a grupos de iniciados. Pode-se levar essa descrição ao grupo de jornalistas, no qual a transmissão desse conhecimento é fundamental para a identidade do grupo. Então, para entender os jornalistas é necessário conhecer os ritos de iniciação desse grupo, que será posteriormente abordado neste estudo.

Na teoria Instrumentalista, a notícia serve objetivamente a determinados interesses políticos. O Instrumentalismo parte de um paradigma da pesquisa da parcialidade, cujo objetivo é indagar a existência ou não de distorções nos textos noticiosos. Na visão política da esquerda, as notícias são vistas como instrumento para manter o *status quo* capitalista; enquanto, na da direita, elas são usadas para questionar o mesmo sistema. Essa teoria parte do princípio epistemológico presente na teoria dos espelhos, ou seja, que as notícias refletem a realidade. Não está ligada à construção social desta, mas à possibilidade de sua reprodução. Segundo a visão da esquerda, para essa teoria, o jornalismo está submisso aos interesses do sistema capitalista a partir de alguns fatores determinantes: a estrutura da propriedade das empresas jornalísticas, a sua natureza capitalista, a dependência dos jornalistas das fontes governamentais e empresariais e as ações punitivas dos poderosos. Nos *blogs*, acredita-se que essa teoria seja falha, em razão de que, em alguns casos, a estrutura de empresa e a dependência das fontes não são tão presentes; há, por exemplo, nesse meio, uma liberdade até mesmo de alinhar fontes distintas em um mesmo texto. O problema dessa teoria é sua visão determinista sobre os jornalistas, uma vez que não é regra haver essa submissão ao sistema capitalista de forma tão real.

A Teoria Etnográfica é um dos maiores desafios para o jornalismo e para o jornalista: enxergar os fatos por diferentes pontos de vistas. Ou seja, o profissional deve despir-se de

suas visões estereotipadas e conceitos pré-formados para enxergar diferentes angulações e contexto dos fatos. A metáfora aqui das lentes do outro para construir a realidade, a partir de outros ângulos, seria perfeita para descrever o jornalismo e o jornalista. Portanto, essa teoria será mais bem exemplificada no próximo item.

Uma última teoria importante aqui exposta para se entender o jornalismo é a da Nova História. Seus teóricos defendem uma nova atitude por parte dos historiadores e também dos jornalistas quanto aos acontecimentos. Seus métodos consistem não em analisar os fatos, mas ter como referência os seus pressupostos de formação. De acordo com Jameson (2006, p. 43-44), vive-se um momento de capitalismo tardio, ou seja, do pós-moderno, no qual há o desaparecimento do sentido de história e a perda da capacidade de reter o nosso próprio passado. Dessa forma, começa-se a viver um “presente perpétuo”, ou seja, o autor pós-moderno usando o contexto de suas ideias para o jornalismo, aponta para a produção de notícias da mídia, que é baseada apenas no fato presente, não analisando os precedentes.

A história, assim como o jornalismo, não reconstitui a realidade, mas a interpreta. Toda interpretação histórica (e também jornalística) depende de um sistema de referência. O historiador escreve para os seus pares e o mesmo acontece com o jornalista, apesar da preocupação aparente que tem com seus leitores (expectadores), está subordinado a regras institucionais e valores, como reconhecimento e visibilidade. O saber submete-se à lei do grupo, nesse caso a abordagem da Teoria da Nova História é proveitoso para se construir esse novo jornalismo. Definido com a implementação de nova atitude em relação ao evento (acontecimento), que é a matéria-prima do jornalismo. Uma nova atitude que obrigue o jornalista a ler os acontecimentos não a partir de sua realização, mas tomando como base seus pressupostos de formação, reavaliar seus métodos, suas fontes, suas unidades de observação; estabelecer novas relações entre os elementos para chegar a considerar as múltiplas variáveis de um mesmo fato.

A linguagem tem um importante papel na construção da Nova História do jornalismo praticado na contemporaneidade, que pode inclusive subverter a própria cronologia dos fatos, construindo a notícia a partir de múltiplos olhares

### 2.2.1 O que é ser jornalista?

A fim de entendermos o que é ser jornalista, partiremos do conceito do que é o jornalismo. Há um acordo tácito entre os que escolhem essa profissão de que ela pode ser definida pelo seu principal produto – a notícia. Desta forma, os jornalistas são “contadores de estórias”, sendo esta a principal ideologia clássica da profissão.

Ao se levar em consideração o conceito de jornalista numa sociedade democrática, pode-se dizer que o jornalista teria o papel de “guardião da democracia” (TRAQUINA, 2005, p. 23) e o jornalismo definido como o “Quarto Poder”. O papel do jornalista seria duplo nessa democracia: como porta-voz da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade e como vigilante do poder político que protege o cidadão contra os abusos dos governantes. Dessa forma, não há democracia sem liberdade de imprensa.

Para se entender o que é o jornalismo e quem é o jornalista, devemos partir do seu principal produto e seu modo de produção. A notícia não está isolada, está dentro de um “mundo” que são as redações, o cotidiano do jornalista, a sua atividade e sua função.

Uma ideologia da profissão é a de que o compromisso jornalístico é com a verdade; apesar de essa ser uma verdade construída, como provam as teorias aqui já discutidas. Pode-se definir o jornalismo por uma lista de procedimentos que o profissional deve seguir e, portanto, o define: obrigação com a verdade e lealdade aos cidadãos/leitores; independência daqueles a quem está cobrindo e em relação ao poder;; liberdade para exercer a consciência pessoal; redefinição de seus valores e aproximá-los da comunidade; objetividade, que também é um mito, deve ser evitada como “lei máxima”, pois conduz os jornalistas a enquadramentos viciosos; deve ajudar a melhorar a vida pública, através da notícia. Seguem vários outros deveres e o que se pode definir sobre o jornalismo.

Outros aspectos de definição da profissão se referem à comunidade jornalística e à sua cultura. A Teoria Gnóstica, aqui citada, refere-se a um tipo de conhecimento que se transmite por um rito de iniciação, um saber restrito a um grupo de iniciados, no caso, os jornalistas. Esses têm o poder de definir qual acontecimento será notícia (*Gatekeeper*) e como será construída (*Newsmakers*). Para isso, os jornalistas são detentores de três saberes: o saber de reconhecimento, que é a capacidade de saber quais fatos merecem virar notícia; saber de procedimento, que são os conhecimentos necessários para obter e elaborar a notícia e o saber de narração, como capacidade de aglutinar as informações mais pertinentes em uma narrativa

noticiosa de forma interessante ao público. Para tanto, o profissional precisa de um saber específico e técnico da profissão que estruture o processo de produção e defina sua identidade.

A cultura jornalística é importante para entender o que é ser jornalista. Esse grupo de profissionais tem maneiras próprias de agir, falar e ver. O modo de agir refere-se à postura epistemológica do jornalista na ação, mais do que na reflexão. Os jornalistas reivindicam um saber especializado, o de produzir notícias. Possuem uma perspicácia para a notícia, ou seja, “faro para a notícia”, que é um “conhecimento sagrado” do jornalista, diferenciando-o das demais pessoas. Dessa forma, a maneira de agir está ligada ao saber de procedimentos.

Já o modo de falar é baseado na teoria etnográfica, anteriormente citada, na qual o profissional precisa saber falar através das fronteiras étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir essa gama de públicos tão diversos, precisa ter linguagem própria para ser compreendida por todos e que tenha as seguintes características: frases e parágrafos curtos; palavras simples (vocabulário mais próximo do coloquial); uma sintaxe direta e econômica; concisão e utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto. Dessa maneira, ser jornalista é saber falar entre as fronteiras de grupos e esse modo de falar está ligado ao saber de narração, característico desses profissionais.

A maneira de ver dos membros da “tribo jornalística” privilegia uma visão bipolar, o mundo estruturado em pólos opostos como: o bem e o mal. Outras características dessa maneira de ver o mundo estão na forma de estruturar os acontecimentos em torno dos indivíduos, das histórias de interesse humano, em situações extremas ou em paradoxos; no gosto pelo drama e pelo peculiar. Existe entre os membros dessa comunidade uma predileção pela polêmica e conflito, cuja maneira de ver o mundo está ligada a um saber de reconhecimento, ligado à Teoria Gnóstica que se relaciona aos ritos de iniciação da “tribo jornalística”.

Após essas descrições, destacam-se três fatores centrais para se entender o que é ser jornalista: a maneira própria de viver e sentir o tempo; a notícia encarada como um produto, que precisa imediatamente ser descartada, tendo a velocidade como característica de produção desse grupo e a objetividade, que determina no discurso dos jornalistas.

### **a) O jornalismo: os fatores tempo e velocidade**

Traquina (2008) afirma que se o campo jornalístico fosse um país, este seria chamado de “Novoslândia” e sua paisagem estaria marcada em qualquer lugar por relógios. O fator tempo define o jornalismo e, portanto, o jornalista, movido por essa vivência própria do tempo em que predomina o imediatismo que se refere ao espaço de tempo decorrido entre o acontecimento e o momento no qual a notícia é transmitida, a qual é um produto altamente perecível e que precisa ser divulgada rapidamente.

A partir desse fato, o fator tempo-velocidade é também característico do jornalista que tem a sensação de ser o conquistador do tempo. Essa sensação é decorrente do fato de estar inserido numa organização e ter prazos de fechamento. A atividade jornalística é estruturada em marco temporal, ou seja, o que determina o ser jornalista é passar a controlar o tempo e não ser levado pelos acontecimentos. Por isso, além desse saber viver esse outro tempo, o jornalista é aquele que detém um saber de reconhecimento, de narração e de procedimento, os quais permitem que ele não seja ‘atropelado’ pelo fechamento e pelo próprio tempo peculiar desses profissionais. O que caracteriza ser jornalista é a capacidade de articular todos esses saberes em tempo hábil.

As empresas jornalísticas impõem, ou tentam impor, uma estrutura sobre o tempo que permite prosseguir no trabalho diário, têm sua própria maneira de viver o tempo, pois o produto (a notícia) é altamente perecível, e, portanto, exige um diferente “biorritmo”, uma velocidade própria.

Os membros da comunidade jornalística querem as notícias mais “quentes”, dando preferência para a notícia de “primeira-mão”. Notícias “frias” são notícias “velhas” que precisam ser imediatamente vendidas e consumidas antes que percam seu valor. A velocidade com que o profissional tem de transformar os acontecimentos em notícia o mais rápido possível tem uma importância performativa. Hoje, com a Internet, esse valor torna-se cada vez mais importante e determina a identidade profissional. A importância de valor se estabelece com a própria lei do ganho do jornalismo: quem ganha é quem dá a notícia.

## **b) Objetividade**

O conceito de objetividade é o mais discutido no jornalismo e o que caracteriza a profissão. Alguns críticos citam Tucídides, autor da *História da Guerra do Peloponeso* que viveu entre 469 e 396 a.C., como o primeiro a falar de objetividade no relato dos acontecimentos. Essa realmente só foi aplicada no começo do século XX e encontra vários problemas, principalmente na forma como é interpretada até hoje.

Como afirma Pena (2008, p. 50): “A objetividade é definida em oposição à subjetividade o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer sua inevitabilidade”. Dessa forma, o autor quis dizer que os fatos são tão complexos que não podem ser vistos apenas como expressão absoluta da realidade. Ao contrário dessa ideia, deve-se desconfiar dos fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao produzir a notícia e evitar a manipulação da realidade. Abramo (2003) indaga se é possível evitar a manipulação da realidade, se nós pensarmos em duas variantes como a objetividade e a subjetividade. Para ele, é necessário distinguir o que é a objetividade de um conjunto de conceitos que são comumente associados a ela como neutralidade, imparcialidade, isenção, honestidade, os quais se situam no campo da ação, aos critérios do fazer, do agir, do ser. Referem-se à categoria do comportamento moral, aquele desejável ao jornalista pelos órgãos de comunicação.

De acordo com Abramo (2003), o que seria ser neutro, imparcial ou isento? Para o autor, é desejável que o jornalista seja não-neutro, não-imparcial e não-isento diante da realidade, pois os órgãos de comunicação, formados por cidadãos, devem orientar seus leitores/expectadores na formação da opinião e na ação concreta. Já o conceito de objetividade situa-se, para ele, no campo da não-ação (no campo do conhecimento) e se baseia na relação que se estabelece entre o sujeito observador e o objeto observável, ou seja, ao método de trabalho.

Temos consciência de que a objetividade, assim como a subjetividade, não existe em absoluto e entre elas há uma gradação. Assim, nunca se é inteiramente objetivo nem totalmente subjetivo. Para Abramo (2003), é fundamental reter a possibilidade concreta de se buscar a objetividade e de se tentar se aproximar ao máximo dela de acordo com alguns requisitos.

Em primeiro lugar, o conhecimento dos limites e das condições da capacidade humana em apreender e captar o real das circunstâncias que influenciam a capacidade de observação; quanto maior a capacidade de conhecer e colocar sob controle os fatores de subjetividade inerentes ao sujeito, maior a possibilidade de se aproximar de uma captação objetiva da realidade. Em segundo lugar, a disposição de alcançar essa objetividade, caso não se acredite nessa possibilidade, não se sairá da mais completa subjetividade. Em terceiro lugar, o conhecimento da realidade é mais objetivo na medida em que o sujeito observador não se prender às aparências na busca do vínculo do objeto como um todo.

A objetividade, portanto, surge a partir da percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem seus preconceitos, ideologias, interesses pessoais ou organizacionais, uma cultura própria, etc. Essas características do indivíduo não deixarão de existir, e, dessa forma, a subjetividade está atrelada ao indivíduo. No entanto, para que os fatos sejam tratados de forma organizada é necessária uma metodologia de trabalho que deve ser a mais objetiva e precisa possível. Dessa forma, a objetividade deve ser primordial no método de trabalho e não no indivíduo.

Segundo Medina (1990, p. 71), a objetividade aponta para esse relato objetivo do jornalista, a própria narrativa se dá em terceira pessoa, o que se convencionou, na maioria dos casos, fazer uso no jornalismo: “onipresença externa neutra”, o narrador descreve dados externos às personagens e dá aparência de não-participante; “onipresença externa interpretativa”, o narrador sabe de tudo que está se passando e comenta os acontecimentos; “onisciência neutra plena”, quando o autor penetra na intimidade dos sentimentos, mas permanece como se não fizesse parte desse mundo; “onisciência interpretativa”, que pressupõe participação e comentários tanto no nível externo quanto no nível interno das personagens; “onisciência imediata”, sem comentários elaborados, os pensamentos do narrador tomam a aparência de virem à tona. Essas classificações são originárias da teoria da literatura, mas o que se convencionou a usar no jornalismo, buscando o método objetivo.

Hoje, o conceito de objetividade é interpretado de forma errônea e causa muita controvérsia, pois objetividade e subjetividade são colocados em pólos opostos, mas não se reconhece que a coexistência de ambas é inevitável.

### c) Linguagem jornalística e técnica

A objetividade é um valor fundamental no jornalismo, determinando a linguagem empregada. De acordo com Traquina (2005), o valor da objetividade tem bases na história do jornalismo do século XIX. Neste período, dava-se mais prioridade aos fatos do que às opiniões. O culto dos fatos nasce no século XIX e permaneceu até o século seguinte. Posteriormente, houve a perda da fé nos acontecimentos em decorrência de dois momentos históricos, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, nos quais reinou uma visão pessimista e, portanto, fomentou a falta de confiança nos acontecimentos.

Para Traquina (2005) o nascimento de uma nova profissão - a de Relações Públicas - acarretou essa falta de fé nos fatos. Com essa nova profissão, as notícias pareciam tornar-se menos a reportagem dos acontecimentos e mais a reprodução do universo de fatos que correspondiam aos interesses pessoais das organizações. Assim, no século XX, o mundo dos jornalistas mudou e, dessa forma, seria necessária, perante esses fatos, uma formação profissional para o exercício do jornalismo, que também englobaria o conhecimento de uma nova linguagem e suas técnicas. Então, adotaram-se procedimentos básicos para profissão como a apresentação de possibilidades conflituosas, mostrando os dois lados de uma mesma história; o uso de provas auxiliares, que seriam mostradas em algumas ocasiões e corroboram a afirmação principal; o uso das aspas, que são citações de opiniões de outras pessoas, relevantes para a notícia em questão, como uma forma de prova suplementar.

Ao inserir a opinião de outra pessoa, os jornalistas acham que deixam de participar da notícia e o fato “fala”; e o quarto procedimento, que tem a objetividade como ponto central, é a estruturação da informação numa sequência apropriada sob técnicas para estruturar a notícia.

Segundo Traquina (2005), a técnica da pirâmide invertida estrutura a informação mais importante de um acontecimento logo no primeiro parágrafo. Dessa forma, é uma narração que não é exatamente cronológica, mas em escala decrescente dos elementos mais e menos importantes. Essa forma de estruturar os fatos para Traquina (2005) foi um marco na história do jornalismo. O nome pirâmide foi usado em associação às pirâmides egípcias, pois, nesses monumentos funerários os restos mortais de autoridades e suas riquezas pessoais eram sepultados em sua base. Na pirâmide invertida do jornalismo, a base não fica no sopé, mas no

topo, e no arremate da pirâmide, os dados complementares, os detalhes que compõem a matéria.

Outra técnica jornalística usada é o *lead*, o primeiro parágrafo da notícia. Esse é um relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas: O quê? Quem? Como? Onde? Quando? Por quê? - que lembram o Esquema de Lasswell, anteriormente relatado. O *lead* é visto por muitos teóricos do jornalismo como um limitador da criatividade do profissional e, hoje, se pode arriscar dizer que o seu uso tende a desaparecer do jornalismo contemporâneo.

O que é curioso no *lead* é o tratamento linguístico que recebe. Os dados são apresentados por ele numa articulação que faz com que o leitor leia até o fim a notícia, funcionando como uma espécie de “rede” que envolve e segura o leitor/receptor da informação. O *lead*, portanto, exerce uma série de funções no relato, como demonstra Pena (2008): apontar a singularidade da história, informar o que se sabe de mais novo sobre os acontecimentos, apresentar lugares e pessoas de importância para entendimento dos fatos; provocar no leitor o desejo de ler o restante da matéria, articular de forma racional os diversos elementos constitutivos dos acontecimentos; resumir a história, da forma mais compacta possível, sem perder a articulação.

Há uma criação brasileira, o *sublide*, da década de 1950 que corresponde, da mesma forma que o *lead*, em colocar no segundo parágrafo alguns elementos essenciais deslocados do primeiro, os quais, em razão de sua complexidade, não puderam ser ali resumidos.

Com o emprego dessas técnicas, a linguagem desse grupo tem como norte saber falar entre as fronteiras, tanto de classes, étnicas, sociais e políticas. Para isso, precisam atingir um público heterogêneo e possuir traços que sejam compreensíveis por todos: frases curtas, parágrafos curtos, palavras simples (o mais próximas do coloquial), sintaxe direta e econômica, concisão, utilização de metáforas para ilustrar o texto e assim se fazer compreendido. O discurso jornalístico é aquele que provoca o desejo no outro de ler. Para tanto, é um discurso na voz ativa e direta. Dependendo do gênero jornalístico (posteriormente aqui explicados), essa linguagem pode ter algumas características peculiares.

### 2.2.2 Mitos jornalísticos

A cultura jornalística é uma das mais ricas em mitos, símbolos e representações sociais. A própria ideologia jornalística é um mito que coloca os membros dessa comunidade profissional no papel de servidores públicos, como “cães de guarda”, que protegem os cidadãos contra os abusos de poder ou como membros de um “Quarto Poder”. Esse é o primeiro mito, originário de uma teoria democrática que aponta os meios de comunicação como “mercado de ideias”, numa democracia em que diversas opiniões podem ser ouvidas e discutidas, uma realidade que se aproxima ao jornalismo empregado nos *blogs*. A ideia do “jornalista como guardião dos cidadãos” (TRAQUINA, 2005, p. 129) argumenta que o jornalismo deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão de suas preocupações. Uma visão errônea do jornalismo, tida como se fosse uma verdade que, somente por meio dos jornalistas, os cidadãos pudessem ter acesso às informações ou ter a liberdade de acesso a elas.

Com o desenvolvimento do “direito à informação”, como norma numa democracia, o jornalista foi reconhecido como agente social que tem como função informar o público; como se somente por ele, os cidadãos pudessem ter acesso à informação. Hoje, com a Internet e, em particular, com os *blogs*, isso não é mais um mito, mas um fato real.

Segundo a cultura profissional do jornalismo, esta comunidade caracteriza os jornalistas como um grupo que cumpre o serviço numa dedicação total e exclusiva. Estabelece um lado sagrado da profissão, até mesmo comparando sua dedicação à categoria dos médicos e dos padres. Sendo assim, a profissão é um objeto de culto, provavelmente em razão da ausência de horários fixos de trabalho, que permite que surjam diversas ideias errôneas sobre a profissão, tais como: “o jornalista casa-se com a profissão, o jornalismo exige dedicação total, o jornalista trabalha 24 horas por dia, o jornalista não tem tempo (TRAQUINA, 2008, p. 53)”.

Nessa profissão, há um culto à verdade e principalmente à notícia, e um conseqüente mito do “*scoop*” (“furo”), o “mito da grande estória” (TRAQUINA, 2008, p. 55). O “furo” é uma conquista que está mais associada com a vaidade profissional, fornecendo prestígio para os jornalistas profissionais que o conseguem. Contudo, em tempos de Internet, onde há diversos canais de informação (principalmente *blogs*) fica cada vez mais difícil se conseguir esse “furo” ou contar essa “grande estória”, pois o jornalismo é marcado pela rotina.

Há outros mitos do jornalismo como a “aventura” e a figura do repórter que reforçam essa mitologia. O repórter é aquele que desfruta da sensação de poder ser testemunha ocular da história do seu tempo, o que sempre acontece em campo, não numa redação de jornal. Numa dimensão ainda mais antológica, temos a representação do jornalista na figura do “grande repórter”, o correspondente estrangeiro ou de guerra.

Exemplos de grandes repórteres como Bob Wodoord e Carl Bernstein, no escândalo Watergate, em Washington; Skeets Miller na tragédia da gruta *Sand Cave*, no Kentucky; Peter Arnett na Guerra do Golfo e Tim Lopes no mercado do tráfico da Favela da Grota, no Rio de Janeiro, reforçam essa mitologia do “grande repórter”, do “jornalismo como aventura”, mas que na verdade passam por muitos perigos, como no caso do jornalista Tim Lopes que teve um fim trágico.

Nessa mesma trama, está o mito do jornalista como “detetive”, aquele que procura a verdade, reforçado também pelos repórteres, como no episódio do *Watergate* na década de 1970. Hoje, o profissional jornalista e sua identidade está em processo de mudança, principalmente quanto à sua identidade. Outra gama dessa mitologia é o jornalista como o “caçador”, que invade toda a cultura jornalística, como aquele que vai atrás do acontecimento, da notícia, revela a verdade e caça a presa. Todos esses mitos colocam o jornalista num pedestal, num lugar reservado aos heróis, portanto, o “jornalista é o herói”, impondo-se como a figura indispensável do desenvolvimento democrático da sociedade.

### 2.2.3 Gêneros jornalísticos

Há um senso comum em dizer que o jornalista é um especialista em generalidades. A intenção dessa afirmação é sugerir a necessidade de o profissional ter habilidades e conhecimentos ecléticos para a prática profissional.

Para Melo (1994), é fundamental estudar os gêneros jornalísticos como campo do conhecimento e configuração da própria identidade do jornalismo, bem como entender, a partir dos estudos do gênero, a sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação na atualidade.

O primeiro a sistematizar os gêneros jornalísticos foi o editor inglês Samuel Buckley, que separou o fazer jornalístico em categorias: *news* e *comments*, e não em gêneros.

Dessa forma, esses dois critérios passaram a serem discutidos. A diferenciação em categorias de jornalismo opinativo e informativo emerge das necessidades sócio-políticas em distinguir os fatos (em *news/stories*), nas suas versões (*comments*), ou seja, delimitar os textos que continham opiniões explícitas. Gêneros jornalísticos são formas de busca do jornalista para se expressar, e seu traço de estilo está na linguagem utilizada, que tem como objetivo relatar a informação e tornar a leitura agradável e motivadora.

Dentro dessa ideia de gênero, surge a correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público, ou seja, fazer o relato do cotidiano usando uma linguagem em sintonia com esse público e com o seu dia-a-dia. Se os gêneros são determinados pelos estilos, e estes dependem da relação que o jornalista mantém com seu público, apreendendo com esse, seus modos de expressão e suas expectativas (temáticas), sua classificação se restringe a universos culturais limitados.

Ao longo do tempo, os autores que estudam os gêneros seguem a dicotomia entre informação e opinião e, dessa forma, criam uma classificação dos gêneros jornalísticos a partir da intenção do autor. Por essa classificação, o jornalista realiza uma função, que pode ser opinar, interpretar ou entreter. As funções, como dito anteriormente, podem ser analisadas a partir da relação com os leitores ou com as instituições.

Melo (1994, p. 40-42) aponta algumas classificações de gêneros jornalísticos ao redor do mundo e posteriormente, propõe uma nova classificação. Suas sistematizações levam em consideração a geografia e o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento. A seguir, algumas das classificações de gêneros jornalísticos apontados pelo autor:

Classificação francesa para gêneros jornalísticos (por Joseph Foliet)

- 1) Editorial
- 2) Artigos de Fundo
- 3) Crônica geral (resenha dos acontecimentos)
- 4) Despachos (reportagem e entrevistas)
- 5) Cobertura setorial
- 6) *Fait divers*
- 7) Crônica especializada (Crítica)
- 8) Folhetim (ficção)
- 9) Fotos e Legendas

10) Caricaturas

11) *Comics*

Nessa classificação, há a inclusão de “unidades redacionais”, que pertencem ao âmbito do imaginário (folhetim, caricatura, *comics*) que não seria exatamente jornalismo.

Classificação norte-americana (por Fraser Bond):

A) Noticiário

1. Notícia
2. Reportagem
3. Entrevistas
4. História de interesse humano

B) Página Editorial

5. Editorial
6. Caricatura
7. Coluna
8. Crítica

A classificação acima caracteriza o padrão do jornalismo norte-americano da década de 1940, mas Melo (1994) questiona se ela seria válida para classificar o dinamismo do jornalismo demonstrado na sua atividade diária. Na época de Bond, a Segunda Guerra Mundial era uma realidade e explodia a tendência do *interpretative journalism*. Nesta classificação, não fica evidente a maneira como essa renovação do processo jornalístico atendia (ou não) às expectativas do público. Dessa forma, configurou-se uma classificação dos gêneros jornalísticos equilibrando a competição entre jornalismo impresso e o eletrônico, e como isso alterou a classificação dos gêneros jornalísticos.

Erbolato (2003) organiza didaticamente as noções usuais do processo de codificação jornalística, atendendo à classificação do jornalismo em categorias funcionais, mas não na categoria de gêneros. Para o autor, há a separação clara das categorias informação e opinião, que dividem o jornalismo. O autor aponta uma característica do jornalismo, que se pode classificar hoje como um gênero, e se aproxima do que é feito nos *blogs*, o qual seria um jornalismo que traz para o seu fazer a técnica da ficção.

Esse gênero, o Novo Jornalismo, ficou famoso a partir de Truman Capote na década de 1960 ao publicar a obra *A Sangue Frio*, que combinava a técnica do romance com o estilo

jornalístico, ou seja, um estilo mais livre. Capote classificava sua obra como uma novela de não-ficção, baseada em dados reais e na qual narra o assassinato da família Clutter, ocorrido em Holcomb, Kansas. O relato começava na data do crime, em 14 de novembro de 1959, e terminava seis anos depois, com o enforcamento dos dois homicidas, Perry Smith e Richard Hickok. Nesse gênero, ainda novo para o jornalismo na época, o repórter passava a não ser mais um observador distante, mas procurava viver o ambiente e os problemas envolvidos na história, ao observar tudo e ao mesmo tempo se fazer presente em certos momentos de seu relato. Hoje esse gênero é inviável quanto à logística e não quanto ao estilo. Essa prática de jornalismo leva tempo e poucos podem se dedicar durante semanas ou meses escrevendo uma história, como é o caso das grandes reportagens. O jornalismo dos *blogs*, em certos momentos, busca um pouco disso, um relato através de uma linguagem pessoal e intransferível.

Retomando as classificações de gêneros jornalísticos propostas por Melo (1994, p.50):

Classificação latino-americana de gêneros jornalísticos (por Juan Gargurevich):

- 1) Notas informativas
- 2) Entrevistas
- 3) Crônicas
- 4) Testemunho
- 5) Gêneros gráficos (fotografia, mapas, diagramas, caricatura)
- 6) Campanha
- 7) Folhetim
- 8) Coluna
- 9) Resenha
- 10) Editorial
- 11) Reportagem

Essa classificação, segundo o autor, não é uma lista fechada, pois o dinamismo do jornalismo latino-americano é tão característico quanto o da própria cultura latina. A sua tendência é para gêneros híbridos em que o jornalismo praticado na mídia desses países latinos pode, às vezes, ser enquadrado em mais de um gênero, como se observa na prática jornalística dos *blogs*. Conforme a proposta apresentada por Alex Primo (2008), em artigo apresentado no Intercom 2008, há uma tipificação dos gêneros dos *blogs*. Esses gêneros são

assim definidos, a partir de fatores como: a produção e do número de repórteres (e suas relações), o impacto de condicionamentos profissionais, além do estilo dos textos (reflexivos ou simplesmente informativos). Dessa maneira, Primo (2008) classificou dezesseis gêneros de *blogs*, os quais serão abordados mais adiante.

Finalmente, uma proposta de classificação de gêneros de Melo (1994, p. 64-65) que pode ser um modelo de gêneros presentes hoje no jornalismo:

Classificação de gêneros jornalísticos brasileiros (José Marques de Melo):

*Jornalismo Informativo*

1. Nota
2. Notícia
3. Reportagem
4. Entrevista

A) *Jornalismo opinativo*

5. Editorial
6. Comentário
7. Artigo
8. Resenha
9. Coluna
10. Crônica
11. Caricatura
12. Carta

A distinção entre nota, notícia e reportagem está na progressão dos acontecimentos e na sua captação. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e são mais frequentes em meios como o rádio e a televisão; a notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social; e a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu e produziu alterações. Em relação aos gêneros opinativos, algumas das diferenciações se assemelham quanto à estrutura narrativa dos acontecimentos, mas assumem identidades diversas, a partir da autoria e do ângulo empregado, como por exemplo, o comentário e o editorial. Estes se estruturam segundo um ângulo temporal, que exige continuidade e imediatismo. O mesmo não ocorre com a resenha e o artigo.

As classificações de gêneros jornalísticos na internet, entretanto, não têm um modelo concluído, em razão variedade de tipos de produção jornalística muito maior do que nos demais veículos de comunicação.

# 3 Dos primórdios do “novo jornalismo” digital aos *blogs*

### 3 Dos primórdios desse “novo jornalismo” digital aos *blogs*

Os blogs são o primeiro passo para que todas as pessoas alfabetizadas tenham sua própria plataforma do mundo.

John Batelle (AMORIM, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. 2006, p. 103)

Acredita-se que este novo jornalismo teve sua origem da união de jornalismo e literatura, na década de 1960. Um dos responsáveis por essa união e que a praticou foi Truman Capote, ao publicar “*A Sangue Frio*”, livro que combinava as técnicas do romance com o estilo jornalístico. O gênero praticado por Capote (assim como outros autores e jornalistas) era uma não-ficção, com histórias baseadas em fatos reais, mas com uma escrita mais livre, que deu origem ao tipo de linguagem empregada atualmente nos *blogs*.

Após a exploração das ideias de base do jornalismo, descritas a partir das teorias da comunicação e do jornalismo, no capítulo anterior, fez-se uma breve passagem na história do jornalismo digital ou *online*. O relato partiu dos estudos de Brambilla (2006), Nicola (2004), Ferrari (2004) e Schittine (2004); esta última com o estudo dos *blogs* como instrumento de um novo jornalismo em ascensão.

O jornalismo na rede teve início a partir do momento que os jornais impressos norte-americanos passaram a fornecer resumos de notícias aos seus leitores via fax. O que condicionou o então leitor de uma mídia impressa a um novo meio eletrônico. De acordo com Nicola (2006), o primeiro jornal da grande imprensa que forneceu serviço *online* foi o *New York Time*, em meados da década de 1970, por intermédio da sessão *New York Times Bank*. Enquanto as mídias impressas desenvolviam publicações eletrônicas como extensão dos serviços editoriais de seus cadernos, floresciam no meio universitário americano um jornalismo digital.

No mundo acadêmico norte-americano, a existência de equipamentos digitais de última geração possibilitava a transferência de dados por excelentes conexões e a presença de pessoal altamente qualificado para a criação e operacionalização de *softwares*. Enquanto os serviços *online* da mídia impressa exaltavam os cadernos segmentados, os jornais *online* propunham estabelecer uma dinâmica com a atividade jornalística e a nova mídia que surgia.

As primeiras publicações em meio universitário, tinham os aspectos de quadros escolares e pareciam boletins. A distribuição era gratuita devido a um sistema informático de rede, que ficou conhecido como *Bulletin Board System* (BBS), ou seja, sistema de quadros de mensagem. Os BBS proliferaram em muitos *campus* universitários americanos, devido a

facilidade e a propagação dos meios de instalação e execução do sistema. A desvantagem do BBS era a impossibilidade de navegação com muitos recursos e os textos eram hiperdocumentos extensos que somente pesquisadores e alunos tinham paciência de acessar. De acordo com Nicola (2006, p.31), o primeiro boletim deste tipo foi o *The Bucknellian*, que disponibilizava texto e *links* não muito precisos. Ele ainda permitia ao usuário a busca de notícias e, ao mesmo tempo, realizar cruzamento de informações através de vários tipos de fontes.

Com a evolução tecnológica inserida no jornalismo impresso pela editoração eletrônica, como o *software Page Maker 1.0*, que se disseminou nas redações, serviu de base para a execução do editorial do BBS universitário. Em paralelo aos BBS, a grande imprensa, representada pelos jornais *The New York Times*, *USA Today* e *The Washington Post* passaram a oferecer aos seus leitores seções inteiras *online* por meio do protocolo *Usenet* e *Gopher*, isso em meados da década de 1980 e início da década de 1990 (Nicola, 2006, p. 33).

A comparação aos jornais universitários, ricos em qualidade de conteúdo, os primeiros jornais *online* comerciais não dispunham nem de conteúdo e nem de produção visual. O retorno financeiro levou a mídia impressa empresarial a pensar na disponibilização de conteúdo na sua versão digital, por considerar que o suporte *online* ser apenas mais uma opção ao leitor. Até hoje é discutido a disponibilização de conteúdos na internet por parte dos veículos tradicionais de comunicação, que temem que isso os prejudique em retorno financeiro.

Na versão *web*, os jornais naquele momento, se assemelhavam a sua versão impressa. Quanto aos seus conteúdos no meio digital, estes perderam muito em qualidade. Já em 1993, segundo Nicola (2006, p. 34), o número de jornais *online* nos Estados Unidos, já era vinte. Muito dessa evolução, segundo o mesmo autor, se deve aos custos baixos de produção, em relação a sua versão impressa. Além disso, o mundo digital oferece serviços diferenciados o que vem motivando leitores a procurá-los mais que os jornais impressos, por isso também a sua expansão.

Vale aqui uma hierarquização entre os modos de fazer jornalismo, proposto também por Brambilla (2006, p. 35), as quais: o jornalismo tradicional, jornalismo *online* e jornalismo *open source* (que será aprofundado no momento mais a frente, exemplificando com os *blogs* jornalísticos). Segundo a autora, não há uma equivalência de uma das instâncias sobre a outra, mas “uma interdependência das partes que, mesmo em integração, conservam suas peculiaridades” (idem, 2006, p. 35). Dessa forma, é possível entender que o jornalismo

tradicional, o *online* e o *open source* compartilham valores, princípios entre eles. Mas de outro lado, cada um dos modelos mantém sua autonomia.

Diferente do que aconteceu nos Estados Unidos, onde o surgimento do jornalismo na rede se deu por meio dos BBSs, no Brasil, começou dentro das empresas jornalísticas. O primeiro *site* brasileiro, como aponta Ferrari (2004), foi o do Jornal do Brasil, criado em maio de 1995, seguido pela versão eletrônico do jornal O Globo. Na mesma época, a Agência Estado, agência de notícias do Grupo Estado, também colocou na internet sua página. Segundo Ferrari (2004, p. 28), para entender o surgimento do jornalismo na *web* é necessário rever um pouco a história da imprensa brasileira, composta por grandes conglomerados familiares. Os grupos familiares dominam os *sites* e portais de notícia, o que Ferrari chama de “barões da Internet” (2004, p. 25).

Continuando com as ideias de Ferrari (2004), as empresas tradicionais de mídia se mantêm como os maiores conglomerados de mídia do país, tanto em audiência como em receita com publicidade. Os grandes conglomerados deram os primeiros passos na internet brasileira, seguidos do *boom* mercadológico de 1999 e 2000. Nesta época, todas as atenções se voltaram para a *National Association of Securities Dealers Automated Quotation* (Nasdaq). Muitos portais no Brasil, atraíram a atenção para investidores estrangeiros, como os projetos, IG, *ZipNet*, Cidade Internet e *StarMedia* que contaram com altos investimentos de fora (FERRARI, 2004, p. 28).

Ferrari (2004) aponta que, de 1997 a 2000, os grandes *sites* de conteúdo brasileiros, assim como os norte-americanos, focaram na oferta abundante de conteúdo, voltados para os volumes de notícias do que em aprofundamento das mesmas. Havia nos idos de 2000, o que Ferrari (2004) chama de *glamour*, quando os proprietários de *sites* achavam que ficariam ricos com pouco investimento e muita criatividade. Posteriormente, o mercado ficou preocupado com a integração entre conteúdo de qualidade, design acessível e viabilidade financeira para fazer tudo isso. Para obter o investimento necessário, seria preciso aporte de capital de investidores e obtenção de receita de publicidade (FERRARI, 2004, p. 28)

Apesar das adversidades do mercado naquele momento, muitas empresas decidiram ampliar a atuação na internet para estreitar os relacionamentos com os clientes/leitores. Dessa forma, estas empresas reforçaram o *marketing* e a publicidade de suas marcas. Exemplo de estratégias realizadas pelo *Yahoo*, *MSN*, *Times Warner*, *AO*, e no Brasil, o IG (FERRARI, 2004, p. 28).

O IG lançou-se no mercado em 2000, com a missão “de desenvolver um portal de larga escala, com abrangência nacional e capacidade de atrair o maior número de usuários no menor tempo possível” (FERRARI, 2004, p. 29). Junto com o surgimento dos primeiros *sites* de notícia e esse investimento na internet, houve a criação de portais gratuitos, aliados à expansão da rede fixa, o que fez que o número de internautas no Brasil crescesse como aponta Ferrari (2004). De acordo com pesquisa realizada pelo Ibope em março de 2000, o número de usuários brasileiros de internet havia crescido 1,2 milhão nos últimos dois primeiros meses do ano, o que aumentou a oferta de emprego na área (FERRARI, 2004, p. 29-30).

Os portais foram as primeiras fontes de informação na internet brasileira, muito antes das atuais comunidades virtuais e outras fontes de informação na *web*. Segundo Ferrari (2004, p. 30), os portais tentam atrair e manter a atenção do internauta com a mesma fórmula que acontece até hoje, “apresentar na página inicial chamadas para conteúdos díspares de várias áreas e de várias origens” (idem, 2004, p. 36). Segundo a pesquisa Ibope/*NetRating*, realizada entre janeiro de 2007 a janeiro de 2008, apontavam que os Portais e Comunidades concentram maior interesse por parte dos internautas<sup>16</sup>. Porém, pode-se dizer que essa pesquisa tem algumas alterações se incluirmos as comunidades de relacionamentos, que são hoje opções fora dos portais. Hoje, há também mudanças significativas quanto a esse leitor, que não é passivo à informação, possuindo mais liberdade tanto na recepção como também de criação. O que constitui essa liberdade foi a própria estrutura do ciberespaço, na qual o leitor (ou ciberleitor) manipula esta cibermídia, ao contrário do que acontecia com as mídia de difusão em massa, que permitem apenas a condição de leitor/telespectador/ouvinte passivo.

Dessa maneira, há uma mudança na audiência. Pela primeira vez na história do jornalismo, esta tem a possibilidade de contextualizar a notícia como desejar. Ou seja, uma participação não só na recepção da informação, mas até mesmo personalizar o conteúdo, ordenar e determinar a quantidade de informação que deseja ler/ouvir/assistir. A aproximação do leitor com o jornalista, segundo Barbosa (2002), torna o público mais fiel e mais confiante naquilo que lê, uma vez que o autor das matérias passa a ser um sujeito mais acessível, com quem se pode conversar no mesmo ambiente, no qual as notícias são publicadas.

---

<sup>16</sup> DESTAK. São Paulo, 23 fev. 2008. P. 8. A pesquisa aponta em relatório a categoria Portais e Comunidades concentram os principais interesses dos brasileiros e que um total de 19,8 milhões de pessoas navegam por esse tipo de site durante 5 horas e 48 minutos.

Há muitos modos de interagir no ambiente do ciberespaço, o que demonstra que o ciberleitor não é o mesmo dos meios de massa. Há espaços que convidam esse receptor a ser também emissor e autor de suas próprias informações, como os *blogs*.

### **3.1 Origem dos *blogs*: do diário do papel para o diário da tela**

A história dos *blogs* se confunde com a do público e do privado na história da humanidade. Mas basicamente o que aconteceu foi a mudança, no decorrer dos séculos, da relação com o Outro, aquele que olha e observa.

De acordo com Schittine (2004, p. 47), no século XVII, as cortes francesas e inglesas, estimulavam as relações do indivíduo com o público. Naquele momento, não era raro conhecer alguém pelo seu nome, seus feitos. Ao mesmo tempo em que esse indivíduo era exaltado, sua reputação era avaliada, gerando um relacionamento dúbio. Dessa forma, não era permitido a não invasão de sua intimidade. No século seguinte, os “outros” passaram a ser vistos como estranhos, a partir do momento que as cidades cresciam. A invasão do outro em suas vidas pessoais, passou a ser encarada como um problema. Mas ao mesmo tempo em que este indivíduo buscava uma maior privacidade, este queria que o outro acreditasse nele. A solução encontrada foi o desempenho de papéis ou tomarem emprestado comportamentos tidos “adequados”, uma representação social. Esta questão dúbia entre o público e privado ainda é enfrentada hoje no mundo virtual. No século XVIII, por exemplo, era comum em obras literárias a descrição de forma escancarada e em detalhes a vida doméstica, a vida privada do indivíduo, o que era comum naquele tipo de sociedade. Como exemplo dessas obras está “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen.

No século XIX, delineava-se uma sociedade mais íntima, na qual o privado se sobrepunha ao público. A intimidade tornou-se um valor, algo defendido e cada vez mais as pessoas passaram a desempenhar papéis diferentes na vida pública e outro na vida privada. O principal fator que determinou essa super valorização da intimidade foi o crescimento das cidades. Nesta mesma época, mudava o papel da família, que deixava de ter funções públicas para participar somente da vida privada do indivíduo. Já no início do século XX, fortificava-se a fronteira do público e do privado, que posteriormente se misturariam.

Como aponta Prost (1992, p. 62-63), no início do século XX, até a década de 1950, existiam contrastes que separavam os lares burgueses e populares, ou seja, como estes

encaravam o privado (da esfera íntima) e o público. Nos primeiros lares, havia amplas salas de visitas, uma cozinha, dependência de empregados e quartos para cada membro da família. Em oposição a essas casas burguesas, haviam as populares, na qual existiam apenas um ou dois cômodos. Nesta condição de aglomeração das habitações populares, era difícil ter um objeto pessoal, um canto próprio e até mesmo esconder algo dos familiares. Neste contexto, que surge o diário do papel e, dessa forma, a vida privada se refugiava nos segredos. Através do que Schittine (2004, p. 61) aponta como a escritura do segredo, o diário do papel funcionou como uma fuga da vigilância familiar presente nos lares no início do século XX.

A palavra “intimidade” é uma criação tipicamente burguesa e que se afirmou a partir da ascensão desta classe e, com isso, floresceu o diário do papel. Outro fator que determinou o aumento deste individualismo, como aponta Schittine (2004, p. 53-55), foi o aumento do conforto material que tem relação com o estilo de vida burguês. Anos depois, esse estilo de vida individual foi reforçado com a vinda dos primeiros aparelhos eletrônicos, como a televisão, além da popularização, dos mesmos. Com o barateamento dos aparelhos de televisão, estes permitiram que cada indivíduo tivesse o seu, escolhesse os seus próprios programas e assim, isolando-se.

Com o surgimento do computador este individualismo fica cada vez maior. Mesmo que uma família dispusesse de um único computador, este foi concebido para uso individual. Quando, cada membro de uma família passa a dispor de um computador para cada um, o aparelho toma dimensões individuais como: ter programas que cada indivíduo escolhe, de acordo com sua necessidade; seus arquivos e pastas, ferramentas escolhidas por ele etc. Dessa forma, como aponta Schittine (2004, p. 55) todos esses elementos formam um diário íntimo da vida de cada pessoa.

Posteriormente, as classes altas (principalmente a burguesia), de acordo com Schittine (2004), que lutaram tanto para separar o público do privado, agora começam a confundir essas duas dimensões. O aumento do trabalho começa a roubar o tempo de vida privada de cada indivíduo, o que se vê até hoje. Para poder ganhar mais, o indivíduo trabalha mais e, portanto, vê-se seu tempo com a família ou para si mesmo comprometido. O indivíduo, como aponta Schittine (2004, p. 56-57), “se vê cada vez mais roubado de sua vida privada”. Em função dessa situação, o indivíduo criou válvulas de escape e os diferentes espaços começaram a se confundir. Este passou a criar amizades no próprio ambiente de trabalho, já que tempo para conhecer pessoas novas fora desse ambiente é impossível. Para Schittine (2004, p. 57), o indivíduo cria uma forma de driblar essa falta de tempo e, dessa

forma, as pessoas passaram a desdobrar o mesmo. Ou seja, estar em dois lugares ao mesmo tempo, em um ambiente que possam estar trabalhando, com os amigos e a família e também cuidando de seus próprios interesses. Este lugar existe, pelo menos no mundo virtual e o computador foi o aliado neste sentido.

Ao mesmo tempo, segundo a autora citada, o computador permite “isolamento” do meio que se vive, da vida real, mas abre a possibilidade deste indivíduo abrir para relações em outros meios. Cada indivíduo pode realizar uma série de atividades privadas no computador que quem mora com ele não tem a mínima noção. O diário virtual, que é o espaço virtual que cada indivíduo trilha, e as relações que “desenvolve” neste meio, têm um destinatário real, mas distante fisicamente. Cria-se assim, uma segunda vida, em que a ausência de presença física é um requisito que facilita as relações, já que fica mais fácil se posicionar sem ser questionado. Como diz Schittine (2004, p. 60) essa “interação social anônima” que encoraja o indivíduo a incrementar seu espaço privado em um meio público, que é a Internet. Por isso, é uma situação paradoxal, em que se procura conquistar cada vez mais privacidade, mas ao mesmo tempo, uma sociedade que abre sua vida privada na Internet. Um dos fenômenos dessa interação social anônima são os *blogs*, assim como outras redes sociais na *web*.

O termo *blog* é originário da contração da palavra em inglês *web* (página na internet) e *Log* (diário de navegação) que resulta na palavra *weblog*, que posteriormente ficou conhecida somente como *blog*. Segundo Schittine (2004), este é um desdobramento, uma adaptação virtual de um refúgio que o indivíduo já havia criado anteriormente, o diário do papel, o “diário íntimo” (2004, p. 60). A natureza do diário do papel era o íntimo, mas, ao entrar na Internet, gera-se uma situação paradoxal, já que tem a presença do Outro. Porém, como afirma a autora, o diário do papel já pressupunha a presença de um leitor, mesmo que esta fosse uma presença velada, pois mesmo que escondesse seu diário das pessoas ao seu redor, no fundo tinha o desejo de ser lido. Agora, isso é possível com os *blogs*, que é uma escrita criada em outros termos, que não pressupõe um envolvimento do diarista virtual com o leitor, este último é visto como um aliado menos perigoso. Esta era a idéia inicial dos *blogs*, serem diários virtuais, que como chama Schittine (2004, p. 60-64), era uma intimidade sob medida, em que os blogueiros expunham sua vida através dos escritos para um público desconhecido. Mas por que a vida de estranhos interessa (ou interessaram) a tantas pessoas?

Como aponta Schittine (2004), primeiro pelo *voyeurismo*, que é uma consequência de um processo de identificação, já que este blogueiro busca no outro um espelho, a partir dos pontos em comum entre eles. Para a autora, muitas vezes também, essa ilusão de se dirigir ao

outro é um pretexto para falar de si: “é um exibicionismo tímido, mas que no fundo tem o objetivo de tornar o público mais do que a vida, ideias privadas que nunca teriam difusão ou platéia que não por meio da internet” (SCHITTINE, 2004, p. 67).

Recuero (2003b, p. 6) afirma que pode existir uma comunidade virtual estruturada em torno de um círculo de pessoas que lêem e interagem através dos *weblogs* todos os dias, o que ela chama de *Webrings*. Este conceito gira em torno de outro, o de *Virtual Settlement*, ou de que existe um lugar demarcado no ciberespaço, no qual os indivíduos participantes de comunidades virtuais encontram-se para estabelecer relações sociais. Porém, para discutir a ideia dos *blogs* como agregadores sociais, a autora propõe a discussão da ideia de identidade que é expressa pelo indivíduo através do *blog* e este é uma representação do seu próprio eu. Para Recuero (2003b, p. 8): “(...) os *weblogs* podem funcionar também (...) como ‘janelas’ para que o outro possa ‘conhecer’ o indivíduo, permitindo que a interação aconteça entre as pessoas”. A ideia de que o *blog* constrói a identidade é, para a autora, importante para entendê-lo e o porquê das pessoas de forma ambígua, se preservar na “vida real” e na virtual exporem seu eu.

Na pesquisa realizada por Recuero (2003b, p. 9), a autora mostra através de *blogs* analisados, que seus autores mudam constantemente o *layout* de seus *blogs*. Isso demonstra para ela, que o *blog* é mutante, constantemente modificado, reformulado, reconstruído, o que também a identidade do indivíduo da mesma forma o é. Dessa maneira, o indivíduo pode revelar, esconder e exarcebar facetas que não teria oportunidade na vida real. Por isso, tornou-se um diário virtual (posteriormente falar-se-á de outros tipos de *blogs* presentes na *web*) onde o indivíduo é reconhecido e percebido pelos demais, além de se sentir representado por esse outro que o lê e o observa.

Quanto à origem dos *blogs* no ciberespaço, não há uma referência precisa de quando surgiu o primeiro, mas o jornalista americano Justin Hall é considerado um dos pioneiros na blogosfera. Em 1994, ele criou o *Justin Links from the underground*, um *site* de *links*, que era uma tendência na blogosfera, assim como o *blog* como diário íntimo. A primeira lista de *blogs* foi criada em 1999 e o primeiro com público significativo foi o do programador americano Dave Winer, com o *Scripting News*, de 1997. John Barger foi editor do *blog* original *robotwisdon* e concedeu o termo em 1997. Posteriormente, o termo foi alterado por Peter Merholz, usando o termo “*wee-blog*”, em português, “nós blogamos” (ARAÚJO, 2006, p. 20).

Inicialmente, como aponta Araújo (2006, p. 21), os *blogs* eram rudimentares quanto ao *design* e o conteúdo. Esta situação mudou, quando em 1999 diversas empresas passaram a desenvolver *softwares* para automatizar a publicação. Como até 1999 não havia uma ferramenta específica e conhecimento técnico para a publicação de *blogs*, os primeiros blogueiros eram programadores. O *Blogger* foi um dos pioneiros nessa democratização da transmissão da informação, com sua interface simples que privilegiava o acesso das pessoas à ferramenta e à escrita espontânea. Devido a esta nova ferramenta, que a difusão dos *blogs* aconteceu e o conhecimento técnico deixou de ser um requisito para a manutenção e publicação de conteúdos na *web*.

A partir da expansão dos *blogs*, saindo do reduto dos programadores é que se observou a expansão da blogosfera. Por isso, a frase acima mencionada de John Batelle, um dos colaboradores do *Boing Boing* (*blog* mais popular do mundo) fazem sentido na sociedade que se vive. O *blog* veio para ser um meio de democratização, para que, as pessoas que tenham acesso a essa ferramenta e saibam escrever, possam ser sua própria plataforma de informação (ARAÚJO, 2006, p. 21-22).

A ideia de o *blog* ser uma ferramenta de democratização, só foi possível a partir da aceitação da filosofia *open source* no meio social e de produção do conhecimento. Segundo Araújo (2006, p. 10-15) a filosofia *open source*<sup>17</sup> originou do mundo do desenvolvimento de *software* e originária do conceito de *free software*. A principal ideia desta é de que o autor solitário hoje ocupa pouco espaço na cultura humana e que a produção é regida pela criação coletiva. Hoje, há muitos exemplos dessa cultura colaborativa, como: os *sites* noticiosos colaborativos, em que o internauta publica (ou replica) notícias e depois as comentam dentro de fóruns específicos, como o *site Slashdot*<sup>18</sup> e o sul-coreano *Oh my news*<sup>19</sup>. A ideia é que qualquer um pode enviar uma notícia para a publicação ou produzir seus próprios conteúdos. Por esses motivos acima mencionados, que o jornalismo colaborativo também é chamado hoje, de jornalismo *open source*. O que faz Brambilla (2006, p. 69) indagar se, este tipo de jornalismo seria um integrante desta terceira geração do jornalismo *online*?

---

<sup>17</sup> A filosofia *open source* (ou de fonte aberta) é originária do conceito de *free software* (ou software livre), que é relacionado a cinco liberdades: liberdade de o usuário rodar o programa para qualquer fim; liberdade de mudar o programa para adaptá-lo às suas necessidades; acesso ao código-fonte; liberdade de discutir versões modificadas do programa para que a comunidade se beneficie dos seus aprimoramentos; direito de distribuir versões modificadas do programa;

<sup>18</sup> Disponível em: < <http://slashdot.org/>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://english.ohmynews.com/>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

A partir de uma cultura colaborativa na *web* que proporcionou também a expansão dos *blogs* no ciberespaço, assim como outros fatores, estes foram se diversificando em vários tipos/ ou gêneros.

### 3.1.1 Tipos de *blogs*

O *blog* surgiu como ferramenta simples de publicação e de criar conteúdos mais dinâmicos do que em um *site*. Ele é baseado em dois aspectos, segundo Recuero (2005, p. 2): o microconteúdo, ou seja, pequenas porções do texto colocada de cada vez, por isso, mais dinâmico que os *sites* presentes na *web*; e a atualização frequente, quase diária. A atualização mais recente, sempre aparece no topo da página e a mesma é feita através de pequenos textos, conhecidos como *posts*.

Para Recuero (2003b), apesar da tendência narcísica dos autores dos *blogs* em falar de si mesmo, se distinguem, de acordo com a sua pesquisa, em três tipos. A categorização a seguir mencionada foi obtida por Recuero (2003b, p. 2-3) a partir da análise de 22 *blogs* que a autora acompanhou durante quatro meses. Para ela os tipos de *blogs* são: Diários eletrônicos, que são os atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida do blogueiro; publicações eletrônicas, que são os que se destinam à informação; e as publicações mistas, que como diz o próprio nome, são uma mistura dos dois gêneros anteriores.

Outras observações são apontadas por Recuero (2003b) quanto aos gêneros de *blogs*. Estes do tipo publicações eletrônicas, geralmente possuem um tema central, como por exemplo, cultura pop, política ou tecnologia. Eles podem também criar *clippings* de informações ou assuntos e publicá-las (republicá-las). As publicações eletrônicas, como aponta a autora, podem ser considerados rivais ao jornalismo, devido a sua característica de “filtro” das informações na Internet. Já a categoria diário eletrônico, não busca a informação, os donos desse tipo de *blog* preocupam-se apenas em contar pequenos fatos cotidianos, funcionando como “janelas para a vida do indivíduo” (2003b, p. 4).

Em outro momento, Recuero (2003c, p. 2) aponta mais duas categorias a esta categorização já mencionada: os *blogs* literários, que são os destinados a contar histórias ficcionais, com personagens criados pelo seu autor, ou um conjunto de crônicas; e *clippings*, que são os que se destinam somente a fazer um apanhado de *links* e recortes de outras

publicações, com o objetivo de filtrar as informações publicadas em outros veículos de comunicação.

Já para Primo (2008a), com a popularização dos *blogs* busca-se encontrar um meio ou gênero que ofereça pistas para a compreensão desse fenômeno. Por isso, em dois estudos do autor, ele se propôs a levantar os gêneros de *blogs* presentes no ciberespaço. A principal problemática que o autor aponta é a associação destes como diários virtuais. Para ele, “a principal distinção entre diários e *blogs* se opõem de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o interpessoal, tem como destinatário o próprio autor. *Blogs*, por outro lado, visa o interpessoal, o grupal” (2008a, p.122). O autor ainda afirma que o uso da interface do *blog* para a escrita íntima e sigilosa é apenas um entre tantos outros processos interativos possíveis para a blogosfera. Por isso, o interesse do autor em desmistificar essa associação romântica de *blogs* e diários virtuais.

Em outra pesquisa, Primo (2008b) identificou 16 gêneros de *blogs* a partir da avaliação estatística de 5233 *posts* publicados em agosto de 2007, nos 50 *blogs* mais populares do Brasil. A avaliação de popularidade foi feita com base no *ranking* publicado pelo blogueiro Edney Silva<sup>20</sup>, os 100 *blogs* mais populares do Brasil a partir da classificação atribuída pelo serviço Technorati<sup>21</sup>, um mecanismo de busca especializado em *blogs*. Desses 50 *blogs* e *posts* selecionados, foram identificados quatro grandes grupos: Profissional, Pessoal, Grupal e Organizacional. Dentro desses quatro grupos, foram identificados os 16 gêneros a seguir especificados.

O grupo profissional corresponde aos *blogs* escritos por uma pessoa com especialização em determinada área na qual atua profissionalmente, o que na escrita dos *posts* não garante a precisão inquestionável e nem que o blogueiro não possa expressar suas opiniões pessoais sobre os assuntos que segmentam o *blog*. Este tipo de *blog* é classificado assim, pois o seu autor busca lucros através da vinculação de publicidade, mas, contudo, este não é um padrão necessário para a classificação de um *blog* como profissional, pois hoje, outros tipos com mais frequência incluem material publicitário em seus *blogs*; porém, o que determina se este é ou não um do tipo profissional é se o lucro é um objetivo de manutenção. De acordo com Primo (2008b, p. 4), dentro da blogosfera o autor desse tipo de *blog* é chamado de *problogger*, que pode atuar basicamente na atualização do mesmo, como mantê-lo paralelo a outras atividades. Exemplo de *problogger* é o blogueiro Edney Silva, que é autor

---

<sup>20</sup> Autor do *blog* Interney. Disponível em: <<http://www.interney.net/?p=9759413>>. Acesso em: 24 mar. 2010.

<sup>21</sup> Technoratti. Disponível em: <http://technorati.com/>. Acesso em: 24 mar. 2010.

do Interney (referência na pesquisa de Alex Primo, para determinar os 16 gêneros de *blogs* existentes, a partir de um *ranking* criado pelo blogueiro) e é considerado um dos poucos a ter como fonte de rendimentos o seu próprio *blog*. Dentro desse grupo estão: o profissional auto-reflexivo, em que determinado autor reflete sobre suas próprias atividades em seu segmento de atuação; profissional informativo interno: é como afirma Primo (2008b, p.6), um diário de bordo, para simples registro e divulgação de suas atividades profissionais; profissional informativo volta-se para a divulgação de textos sobre a área de atuação do profissional e/ou reprodução de notícias sobre tal tema veiculado em outros lugares; profissional reflexivo é marcado por opiniões e críticas sobre temas relativos à área de atuação do profissional. Exemplo desse tipo de *blog* são dos jornalistas que se focam em determinado segmento e que cuja atividade se aproxima do colunismo-articularismo de jornais e revistas.

Os *blogs* pessoais, o segundo grande grupo da classificação de Primo (2008b, p. 6-7), tratam-se de uma produção individual, mas que se diferencia dos *blogs* profissionais, por não ser guiada por objetivos e estratégias bem definidos e em concordância com o trabalho de seu autor. As principais motivações para quem escreve esse tipo de *blog* é o prazer de “*blogar*” e de interagir com o outro. Embora não descarte a possibilidade de retorno de publicidade, mas o lucro não é sua principal preocupação, tratando-se apenas de uma possibilidade adicional. Dentro deste grupo estão: pessoal auto-reflexivo, voltado para manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si. Os *blogs* deste tipo são os mais referenciados na academia e permanecem sendo o mais comum na blogosfera; pessoal informativo interno, os *posts* são dedicados para o simples relato das atividades do blogueiro; pessoal informativo, para registro de informações que despertam interesse do seu autor, e que, funciona, como afirma Primo (2008b, p. 8), como repositório de informações para uso futuro ou compartilhar interesses atuais de seu autor; e o pessoal reflexivo, o blogueiro comenta as informações que recebe, analisa criticamente as notícias da mídia e demonstra suas opiniões sobre produtos culturais. Pode se tratar de um *blog* temático ou de comentários generalistas.

De acordo com Primo (2008b, p. 9), os *blogs* grupais são os produzidos por pelo menos duas pessoas e o foco está em interesses do grupo. A publicação de *posts* desse tipo de *blog* pode ser individual, quando cada membro deste tem um *login* e os textos têm assinaturas individuais ou assinadas pelo grupo. O que os unem são os gostos pessoais, os laços que podem ser por amizades, familiares e interesses comuns. Dentro deste grupo distinguem-se quatro gêneros: grupal informativo interno, que é o simples relato de atividades do grupo; grupal informativo, usado para a divulgação de informações e notícias sobre interesses

partilhados, o material publicado pode ser de autoria do grupo ou sugestões de *links* ou reprodução de vídeos, que são, nessa classificação, considerados dentro desse gênero; grupal reflexivo, nesse gênero o grupo manifesta suas avaliações críticas sobre temas de interesse que aproxima os participantes que compõem o grupo.

O quarto e último grupo maior da classificação proposta por Primo (2008b, p. 10) são os *blogs* organizacionais que são identificados como os sujeitos a restrições como na criação dos *posts* e a interação com a audiência. Muitos desses não são abertos para comentários do público geral ou até mesmo disponíveis além do ambiente corporativo. A participação de seus membros não é determinada em torno de desejos individuais, mas em virtude de estratégias definidas para o sucesso da organização. Estão inseridas neste tipo de *blog* as questões políticas e econômicas da empresa que condiciona a forma como estes se apresentam. Dentro deste grupo estão os *blogs*, organizacional auto-reflexivo, que reflete sobre as atividades da empresa, discute projetos, serviços ou bens que oferecem; organizacional informativo interno, voltado para a publicação de notícias e avisos aos funcionários e, quando se dirige ao público externo, foca-se na divulgação de produtos e serviços; organizacional informativo serve para registros de informações sobre o segmento de atuação da empresa, sem a manifestação de opiniões sobre os fatos; e o organizacional-reflexivo manifesta suas opiniões sobre os temas de seu interesse.

Quanto a esta classificação, Primo (2008b, p. 16) afirma que não pretende generalizar as classificações de *blogs* presentes na blogosfera, mas apenas mostrar os tipos hoje presentes no ciberespaço.

Primo (2008a, p. 123) aponta também para alguns tipos de *blogs* presentes na *web* usados para determinados fins, como os organizacionais, como ferramenta de comunicação dentro dessa organização (que pode ser empresarial, educacional, de pesquisa etc.) e, neste caso, funciona como estratégia de comunicação. Primo (2008a, p. 122) desmistifica a associação mais comum de *blogs* como uma forma de escrita espontânea e confessional. Neste caso, também cai a defesa de que os *blogs* são uma interface para a expressão pública e global, pois no caso dos organizacionais, estes são usados no contexto de uma equipe de trabalho e ambientes científicos e educacionais.

Outros tipos de *blogs* apontados por Primo (200 a, p. 123) são os *splogs* e *flogs*. O primeiro é uma combinação de *spam* e *blog* e são criados em grande quantidade e de forma automatizada. Os *splogs* reúnem conteúdo de outros *blogs*, o que visa atrair tráfego para os anúncios publicitários lá publicados. Os *floggers* são os *fake bloggers* que se fazem passar por

blogueiros independentes, mas na verdade escrevem sob o domínio de um ou mais anunciantes. Este tipo de *blog* pode ser financiado por uma instituição. O conteúdo deste visa o ataque de concorrentes de determinado anunciante que comanda aquele *blog*. Portanto, nesses dois casos são modelos mercadológicos e usos dos *blogs* para esses fins.

As categorias aqui propostas pelos autores não são estanques como Primo (2008 a e 2008b) afirma, mas uma classificação pessoal que tem o objetivo de compreender as múltiplas facetas dos *blogs*, que é por si, um fenômeno complexo. Evidentemente, que estas categorias passarão no futuro por novas reformulações.

### 3.2 As características dos *blogs*

Os *blogs* têm características que os colocam na categoria de comunidades virtuais. Estas não são somente agrupamentos humanos no ciberespaço. Como aponta Recuero (2003a, p. 5) há alguns elementos formadores destas comunidades, como as discussões públicas, o contato que as pessoas mantêm via Internet, o tempo e o sentimento. Estes elementos, associados ao ciberespaço são formadores de redes de relacionamentos sociais na *web*, as quais os *blogs* se incluem. Um elemento fundamental destes é a interatividade que é também importante no contexto informacional e de escrita nos *blogs* (posteriormente aprofundados).

A permanência para Recuero (2003a) é um elemento importante e característico das comunidades virtuais e, portanto, dos *blogs*. Para ela: “sem a existência em um plano de tempo, as relações entre as pessoas não poderão ser aprofundadas o suficiente para que constituam uma comunidade” (RECUERO, 2003a, p. 8). O pertencimento é outro elemento da comunidade virtual, e também dos *blogs*. Este é também um sentimento, em que o indivíduo tenha consciência de que faz parte dessa comunidade e sinta-se responsável por esta.

Em outro momento, Recuero (2003b) caracteriza os *blogs* como *webrings*, definido como círculos de blogueiros que lêem mutuamente e interagem, formando um “anel de interação diária”, através da leitura e do comentário do *post*, assim como discutir os comentários uns dos outros. Dessa forma, “o *blog* funciona como uma representação do blogueiro no ciberespaço” (RECUERO, 2003b, p.6).

A ferramenta de comentários é essencial como característica dos *blogs*, como um meio que permite a interação e que, portanto, faça sentido para que esse espaço exista. A ferramenta funciona da seguinte forma: a cada *post* (ou texto de um *blog*) aparece logo embaixo um *link* para que o leitor comente o que leu. Para comentar, basta clicar no *link* e escrever o que se deseja. Os comentários são importantes, pois permitem o dinamismo e a interatividade, constituindo um diálogo, uma comunicação. Os comentários dos *posts* nos *blogs* funcionam como *feed back* do que é escrito pelo blogueiro e, dessa maneira, são travados conhecimentos e relações.

O princípio básico e que caracteriza os *blogs* é o do microconteúdo, que se refere aos *posts*, que são textos curtos (na maioria das vezes), colocados de modo padrão e atualizados de forma frequente. Os textos mais recentes vêm no início do *blog* e os mais antigos embaixo.

Outra característica é a personalização da informação, que como diz Recuero (2003c, p. 2) é a que está imbuída da *persona* de seu autor. Além disso, os *blogs* têm uma estrutura personalizada, na qual seu autor define cores, figuras e fontes etc., (pelo menos em alguns casos). O *blog*, por mais visual que seja, priorizam o texto, a informação.

Recuero (2004a, p. 11) aponta que o *blog* pode ser considerado um “*hub social*” uma vez que as pessoas se relacionam entre si através dos comentários. Essas relações, segundo Recuero (2004a) são necessárias para a visibilidade, algo presente e necessário para quem pretende ou tem um. De acordo com Schittine (2004, p. 80), o número cada vez maior de *blogs* disputa um público que precisa ser atraído e para isso, a linguagem é a forma que estes encontraram para conseguir isso, através da conquista, cumplicidade e sinceridade através da escrita.

A partir dessa aproximação do blogueiro e o seu público, é importante discutir a ideia de identidade expressada pelo indivíduo através do *blog*, como proposta por Recuero (2003b). Para a autora: “os *weblogs* podem funcionar também como elementos de representação do ‘eu’ de cada um, e como ‘janelas’ para que os outros possam ‘conhecer’ o indivíduo, permitindo que a interação aconteça entre as pessoas” (RECUERO, 2003b, p. 8).

Como aponta Turkle (1997, p. 263), o elemento da cultura do computador contribuiu (e até permite) que se veja a identidade de forma múltipla, o que possibilita a criação de personalidades alternativas entre muitas outras diferentes. Uma das facetas que permitem essa multiplicidade de “eus” são os *blogs*, em particular aqueles que seus autores expõem sua vida

íntima, em que Sibilia (2008, p. 12) chama de “diários extimo” (sendo ex= expor, exposição; e timo= íntimo).

### 3.2.1 A informação nos *blogs*

Vive-se numa era da informação na qual, para atrair os leitores, o autor de um *blog* preocupa-se com a forma que irá transmitir a informação, em particular os jornalistas.

Os *blogs*, além de fenômenos na internet, assim como outras redes sociais, têm influenciado na maneira como a informação, matéria-prima do jornalismo é repassada nesse espaço.

Muitos destes são escritos por não-jornalistas que, como afirma Schittine (2004, p. 160-161), desejam ser jornalistas e de jornalistas que buscam no *blog* um meio de fugir de sua rotina profissional, até mesmo escrevendo algo não noticioso.

Uma das características principais nos *blogs* em geral, como afirma Recuero (2003c), é a personalização da informação, que está presente não só no conteúdo, mas na assinatura do autor e no formato gráfico da página (como cores, formatos, fontes, foto de seu autor etc.). De acordo com Recuero (2003c):

Aquilo que é veiculado em um blog não tem a pretensão de ser uma informação ‘neutra’. (...) existe o pressuposto claro de que alguém escreve e que a informação corresponde ao relato, à visão ou a opinião deste alguém sobre o evento. (RECUERO, 2003c, p. 2).

Dessa maneira, segundo Recuero (2003c), a informação nos *blogs* são discursos pessoais, informação opinativa, com a discussão e o debate de um tema veiculado na mídia tradicional e esse debate é estimulado através da análise e opinião nos textos e nos *links* para outros *posts*.

O estímulo ao debate é uma característica quase constante nos *blogs*, até mesmo nos jornalísticos, o que Recuero chama de “contextualização da informação” (2003c, p. 4) realizada a partir de um trabalho de pesquisa, coleta e discussões em cima da informação já transmitida por outros meios de informação.

A contextualização da informação feita pelos *blogs* vai de encontro com a opinião daqueles que achavam (ou acham) que estes não têm credibilidade. Segundo Borges (2007), a velha imprensa para se defender do fenômeno dos *blogs* afirmavam que a falta de organização das notícias, limitação das fontes, pouca periodicidade, baixa confiabilidade e ausência de compromisso com o leitor seriam as características que fariam os *blogs* serem pouco confiáveis, o que se mostra contrário. Ainda mais pela característica de contextualização da informação, já que os *blogs* se valem do trabalho dessa mídia mais tradicional, ou seja, seus métodos e processos de produção jornalística.

Os argumentos propostos pela “velha imprensa” são vazios, ainda mais com as ferramentas de comunicação atualmente presente nos *blogs* e a crescente profissionalização dos blogueiros, o que inclui muitos jornalistas, que além de trabalharem em um veículo tradicional, tem seus *blogs* ou vivem exclusivamente deste último, como é o caso do jornalista Ricardo Noblat<sup>22</sup>.

Outra característica do *blog* em relação à informação é que com este acabou à exclusividade do jornalista quanto à divulgação desta. Hoje, com a comunicação em via dupla, o cidadão é um novo personagem que possibilita isso. Dessa forma, no jornalismo surge outro gênero: o jornalismo cidadão.

Como exemplo desse fim do monopólio da informação, em relação ao jornalista, em 2001, com o atentado terrorista nos Estados Unidos e, posteriormente em Londres, em 2005, os primeiros a noticiarem a tragédia foram os cidadãos comuns que presenciaram os acontecimentos e escreveram informações por meio dos *blogs*. Portanto, os blogueiros exerceram nesses acontecimentos e no cenário comunicacional, uma função jornalística de transmitir informações, antes mesmos que os meios de comunicação tradicionais pudessem fazê-lo. Estes se deparavam com dificuldades de transmissão das informações, devido ao desencontro destas que precisavam ser mais bem apuradas. A Internet, com os *sites* e portais de notícia, que poderiam nesse momento ser uma alternativa rápida e eficaz, se deparava com congestionamento de pessoas em busca de informações. Devido a essa demanda por informação, muitos *sites* e portais tiraram seus conteúdos do ar, pois tecnicamente não suportaram o excesso de pessoas que acessavam ao mesmo tempo. Já no atentado à Londres,

---

<sup>22</sup> O jornalista Ricardo Noblat foi um dos pioneiros na blogosfera no Brasil. Ele é um jornalista-blogueiro desde 2004. O *blog*, ao longo desses anos, passou por diversos portais de comunicação ou veiculados a alguns dos principais veículos de comunicação. Atualmente o *Blog* do Noblat está veiculado ao Globo.com. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>>. Acesso em: 27 mar 2010.

em 2005, o *site* Technorati registrou no momento da tragédia, 1,3 mil posts sobre o atentado<sup>23</sup>.

Os *blogs*, a partir dos fatos descritos acima, vieram a se transformar em fontes de informação e também de entretenimento. Segundo a pesquisa Blogosfera Brasil<sup>24</sup>, os *blogs*, de acordo com os entrevistados na pesquisa, 70% acham que o *blog* é diversão/entretenimento; 61,4% que é uma imprensa alternativa e 57,1% que é um suporte de informação. Nesta mesma pesquisa, analisou-se a relação das pessoas com a blogosfera: 80,6% já leram e/ou já tiveram um *blog*; e 39,7% delas lêem diariamente de 2 a 5 *blogs*.

Dessa maneira, este virou fonte de informação e de entretenimento na *web*, principalmente através de uma informação diferenciada, mais opinativa. A forma (escrita) dessa informação é um atrativo para esse outro, através de uma cumplicidade e aproximação deste, o que será mais bem explorado a seguir.

### 3.2.2 A escrita nos *blogs*

“Quando mais eu chegava perto da escada, mais conseguia sentir o cheiro. Fumaça pode ter vários odores, mas esse era o tipo do cheiro que me dizia que algo estava muito errado – um odor ácido, afiado”. O trecho é de autoria do americano Bob Doyle e parece que foi escrito em uma coluna de jornal, mas foi publicado em um *blog*. O americano criador do *The fine line*<sup>25</sup>, cujo trecho acima foi resultado de seu relato sobre o 11 de setembro em Nova York. Doyle escreveu este a partir de sua experiência de ter vivenciado o que acontecia naquele momento, exatamente quando ele saía de uma estação de metrô, a dois quarteirões do *World Trade Center*. Dessa maneira, muitos blogueiros mostraram, posteriormente, que a supremacia dos jornalistas como detentores da informação chegou ao fim.

---

<sup>23</sup> **LONDRES:** da tragédia real a repercussão virtual. Intermezzo. Disponível em: <<http://imezzo.wordpress.com/2005/07/07/londres-da-tragedia-real-a-repercussao-virtual/>>. Acesso em: 17 mar. 2008.

<sup>24</sup> A pesquisa é uma iniciativa de uma organização não-governamental, a *Verbeat*, que disponibilizou em seu site, no período de 10 a 25 de novembro de 2005, um questionário dividido em 64 questões e em quatro grupos. Participaram da pesquisa 697 pessoas, entre 12 e 71 anos e dos mais variados graus de instrução e locais do Brasil. Disponível em: <<http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/>>. Acesso em: 3 set. 2008.

<sup>25</sup> *Blog* já extinto e cujo trecho foi retirado de SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. P. 158.

Hoje, em parte pela sociedade em que se vive e pelas possibilidades propostas pelo ciberespaço quanto à interação e acesso à informação, os blogueiros e demais internautas tornaram-se formadores de opinião. A mídia atualmente é gerada pelo consumidor, como aponta Queiroz (2004), que ainda afirma que um simples comentário em um *blog* pode ganhar um efeito devastador sobre uma marca. Mas, o que faz um conteúdo em um *blog* ser atrativo ao público e ter esse efeito que as marcas estão prestando mais atenção?

Como afirma Schittine (2004), a escrita em um *blog* é pensada e repensada em função de vários fatores, entre eles, o público. Para definir essa relação mais próxima com o público, instituiu-se entre os blogueiros uma escrita mais informal, em tom de diálogo. Para Schittine: “a internet possibilita e exige uma escrita sem formalidades, acima de tudo fragmentária” (2004, p. 155).

Para essa escrita sem formalidades, o blogueiro precisa escrever um texto mais rápido e em cápsulas, que servem como uma forma de atrair a atenção do leitor (mas que não é uma regra absoluta entre os *blogs* posteriormente aqui analisados). Outra forma de atrair o público/leitor, é a mistura de informação e subjetividade por parte do blogueiro. Para Schittine (2004, p. 161), é essa subjetividade que dá autenticidade na escrita do blogueiro, um estilo pessoal que vai determinar, a princípio, a qualidade do seu texto e a influência do autor que poderá vir a exercer sobre o seu leitor.

Segundo o blogueiro Sérgio Faria, do *blog* Catarro Verde<sup>26</sup>, em entrevista à autora do livro “*Blog: comunicação e escrita íntima na internet*”, afirma que este *boom* da nova forma de escrita nos *blogs* surgiu da vontade de fazer algo independente das grandes corporações, mas que ao mesmo tempo, este blogueiro reclama um espaço nelas. Sergio afirma que este blogueiro tem a pretensão, não confessa, de que faz um “*site* de autor” (SCHITTINE, 2004, p. 162).

Já entre os jornalistas blogueiros, que não fogem muito da afirmação de Sergio Faria, acredita-se que sua forma de escrita no *blog* tenha suas origens no Novo Jornalismo e que, de certa forma, segue os ensinamentos desta forma.

Joaquim Ferreira dos Santos, em posfácio no livro “*Radical Chique*” (WOLFE, 2005, p. 235-245), afirma que o estilo de escrita do “novo jornalismo” apresentam “truques básicos de manter o olhar fresco sobre as coisas”, que se pode fazer referência ao jornalismo praticado

---

<sup>26</sup> *Blog* Catarro Verde. Disponível em: <<http://www.catarro.blogspot.com/?zx=6c209b215ac6615c>>. Acesso em: 30 mar 2010.

nos *blogs*. Para Joaquim Ferreira dos Santos, “o novo jornalismo não tem leis que digam que o narrador tem de falar em tom bege, ou num ‘jornalês’. O jornalista tenta se incorporar a cena como alguém dentro dela” (WOLFE, 2005, p. 240). Destacam-se outros truques que Joaquim chama de básicos para esse “novo jornalista”, como: mudar o ponto de vista quantas vezes quiser, ir dentro “das órbitas oculares das pessoas da história” e, a partir daí, “conte o que vê; avançar nos limites convencionais do jornalismo, aqui se refere às normas técnicas e procedimentos típicos da profissão; dar uma descrição objetiva completa dos fatos e mais alguma coisa, o que normalmente os leitores não acham nos meios de comunicação tradicionais (WOLFE, 2005, p. 240-241).

Uma afirmação de Joaquim Ferreira dos Santos no posfácio do livro de Wolfe (2005) é de que o novo jornalismo desconhece gêneros. Pode-se fazer uma referência ao jornalismo praticado nos *blogs*, no qual se encontram várias formas de escritas e estilos, e nos quais se pode afirmar que há uma mistura de gêneros.

### 3.2.3 Os *blogs* e a possibilidade de diálogos

A possibilidade de diálogos nos *blogs* está para Recuero (2005, p. 1), na constituição de espaços discursivos que estes promovem. Os elementos que constituem esse espaço são o próprio discurso (por meio da linguagem) e da relação de poder. A autora descreve algumas das características principais dos *blogs* quanto às discursivas: atualização frequente e o microconteúdo, através de textos curtos (chamados de *posts*) e atualizados de forma frequente, sempre com a última atualização no início do *blog*.

Para essa possibilidade de diálogo, além dos elementos como, atualização frequente e microconteúdo, que são fundamentais as ferramentas de comentários e de *trackback*. A primeira permite que sejam acrescentados comentários de leitores aos blocos de textos e a segunda, permite que os *posts* sejam referenciados em outros *blogs*. Dessa forma, a troca de informação comumente na blogosfera, torna a estrutura da rede mais evidente, formando o que Recuero (2005, p. 3) chama de *webrings*. Estes são:

[...] círculos de blogueiros que leem seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são linkados uns aos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário do *post* entre os vários indivíduos [...].

Para Recuero (2005, p. 2), os *blogs* são elementos de diálogo, de co-produção discursiva (que estão presentes no gênero jornalismo colaborativo), na medida em que ambos, tanto blogueiros como leitores participem da construção deste discurso. Dessa maneira, como aponta Recuero (2005, p. 2): “é, portanto, um discurso coletivo, construído e modificado o tempo todo pelo blogueiro, pelos demais blogueiros e comentaristas”.

Além disso, como aponta a autora, os *blogs* são discursos pessoais, já que estes são formatados para que se percebam as marcas do sujeito em todos os lugares. Como por exemplo, os blocos de textos são assinados pelo autor e muitos dos textos são “reflexões e opiniões, voz e pensamento de alguém construídos do ponto de vista de alguém” (RECUERO, 2005, p. 2).

Para que esse discurso pessoal nos *blogs* funcione, é fundamental a interação e para que esta exista, são necessários que os interagentes se reconheçam enquanto sujeitos na relação comunicativa. Para Recuero (2005), cada *blog* representa um sujeito (ou uma pluralidade de sujeitos, em relação aos *blogs* coletivos), que é reconhecido pelo Outro, o leitor-interagente (RECUERO, 2005, p. 3).

Recuero (2005) compartilha de ideias semelhantes à Schittine (2004) quando afirma que o desejo de ser lido se revela na escrita do *blog* e que, o número cada vez maior destes presentes na *web* aumenta a disputa em relação à conquista de um público. Dessa maneira, seus autores buscam “novas saídas expressivas usando o teclado e a imaginação” para conquistar o Outro. Essa conquista é realizada através do diálogo, a interação e principalmente pela linguagem empregada. Entre as novas saídas expressivas, segundo Schittine (2004, p. 66), são “as maiúsculas e minúsculas, a acentuação, a profusão de onomatopéias e as tradicionais carinhas”. Do ponto de vista do leitor, para Schittine (2004, p. 71), é permitido se colocar, dar a sua opinião e se aproximar de quem está escrevendo. A partir do momento que o blogueiro responde ao comentário do leitor, se estabelece o que a autora denomina, “relação de cumplicidade”. Esta se estabelece não somente entre dois indivíduos, mas entre várias pessoas que formam uma “confraria”, um grupo enorme com gostos semelhantes. O que é chamado por Recuero (2005, p. 3) de “*Webrings*”.

Para Schittine (2004, p. 86), o diálogo entre os *blogs* e leitores é possível através das listas de *links* que muitos apresentam e que são páginas que o blogueiro gosta de visitar. Assim como de *links* e comentários de outros *blogs* dentro do texto. Isso comumente faz com

que os leitores de determinado *blog* possa traçar o caminho percorrido pelo blogueiro, o que garante o estabelecimento de uma dupla cumplicidade.

Uma das características do discurso nos *blogs*, como aponta Recuero (2005, p. 3), é o que ele se constitui em três espaços distintos: “o espaço do próprio *blog*”, no qual o sujeito pode escrever; “entre os vários *blogs* que perfazem o que a autora denomina de *webrings*” e “no espaço dos comentários”, no qual, os leitores podem também escrever, trocar experiências entre leitores e autores, entre leitores e leitores, num espaço de “troca discursiva” (RECUERO, 2005, p. 3).

Para se pensar no diálogo existente nos *blogs*, parte-se da proposta de Recuero (2005) de se discutir interdiscurso e a interação, que são dois elementos que se complementam. O interdiscurso é explícito através de *links*, comentários e interações entre *blogs*, o que é a essência dos “*webrings*” (RECUERO, 2005, p. 3). O interdiscurso se estabelece com a interação e esta é “uma interpelação entre o discurso e o seu meio exterior, que pressupõe uma relação de poder” (GNERRE, 1987).

Recuero (2005, p. 3-4) estabelece duas categorias de interdiscursos: o interdiscurso construtivo e o interdiscurso silenciador. O primeiro é construído uma relação de poder, com discursos com outros discursos, que gera debate, diálogo, construção e cooperação. Como ocorre em muitos *blogs*, inclusive os jornalísticos e dentro do gênero de jornalismo colaborativo. A segunda classificação de interdiscurso, o silenciador, visa como o próprio nome conota, o silenciamento do discurso original gerando resistência e luta. Para o estudo em questão, nos interessa o primeiro tipo de interdiscurso, já que para Recuero (2005, p. 40), os *blogs* são espaços revolucionários porque são caracterizados pelo diálogo, reciprocidade e troca.

O *blog*, observado sobre o prisma de diálogo, é visto sob duas perspectivas por Recuero (2005, p. 4): existência de um espaço específico de interação com os leitores, através da ferramenta de comentários, mas esses espaços são diferentes entre os *blogs*, em relação ao espaço disponível ao blogueiro, que é bem maior, em relação ao espaço destinado aos leitores e seus comentários. Enquanto o blogueiro tem um espaço enorme para expor sua opinião, o comentarista dispõe de uma janela menor que só pode ser lida pelo leitor ou acessada, se este clicar no *link* “comentários”. A outra perspectiva observada pela autora em relação ao diálogo presente nos *blogs*, é que, quem escreve nesses, o faz em relação a um Outro, ao leitor, que pode ser real ou imaginário. Neste contexto, o blogueiro deseja dar uma determinada percepção de si mesmo enquanto sujeito (RECUERO, 2005, p. 5). A personalidade de um

*blog* é construída, como determina Recuero (2005, p. 6), a partir deste Outro e pela importância da constituição deste, que é um “instrumento polifônico”. O que é importante observar é que, este espaço de polifonia presente nos *blogs*, não se dá no mesmo espaço discursivo, pois o espaço do blogueiro para expor suas opiniões é bem maior que em relação ao do interagente, são dessa forma, “espaços discursivos diferenciados” (RECUERO, 2005, p. 9).

Outra categoria de interdiscurso apontada por Recuero (2005, p. 10) é o silenciador, que apresenta alguns pontos negativos, como o que ela chama de “*Stalkers* ou *ciberstalker*”. Estes são indivíduos que se utilizam das facilidades de comentários nos *blogs* e das prerrogativas do anonimato (já que é possível fazer comentários de forma anônima ou usando um apelido) para construir um discurso de crítica, ridicularização e até mesmo de perseguição, gerando um conflito com o blogueiro (RECUERO, 2005, p. 10). “Esse tipo de interdiscurso é chamado de silenciador, já que em vez de aproximar blogueiros gera o silêncio e extinção de vozes e não o diálogo e construção de relações capazes de gerar comunidades virtuais” (RECUERO, 2005, p. 11).

A interatividade é outro conceito relacionado à possibilidade de interação dos indivíduos no ciberespaço. Em um primeiro momento, a interatividade conota a ideia de diálogo. Segundo Primo (2001), a interatividade e seu estudo são fundamentais para o estudo da comunicação e de áreas que lidam com a interação homem-máquina e homem-homem via computador. Porém, como aponta o autor, grande parte do uso da expressão interatividade não se refere de fato ao seu significado e, dessa forma, vulgariza-o. Por isso, Primo propõe uma revisão no conceito de “interatividade”. As artes, por exemplo, utilizaram o termo “multimídia” para designar o uso simultâneo de diversos meios de comunicação. Para Primo (2001, p. 2) algo semelhante ocorre com o vocábulo “interatividade”, pelo menos entre os que o usam e estudam as interfaces informáticas.

Para Primo (2001), o foco principal quando se fala de interação é a relação homem e máquina e o interagente humano é mostrado como “vítima da tecnologia que restringe suas ações” (PRIMO, 2001, p. 13). O autor sugere uma perspectiva mais ampla do conceito de interação que inclui, segundo ele, “as relações que se dão de forma mútua e negociada”. A proposta dele é tirar o foco da interação da máquina e dar importância sobre o agente humano que, dessa forma, valoriza a própria interação (PRIMO, 2001, p. 13).

Dessa maneira, valoriza-se o que ocorre entre os interagentes, as mediações. Primo (2001, p. 14) propõe, a partir dessa relação entre interagentes, dois modelos de interação: o

primeiro, a interação reativa, que se caracteriza por um sistema fechado; e uma segunda, a interação mútua, que é caracterizada por um sistema aberto, cujos elementos são interdependentes, no qual cada um é afetado pelo outro. Diferente da interação reativa, que são sistemas fechados, portanto, com características opostas. Este último, por ser um sistema linear e unilateral, o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o sistema.

Em relação ao processo, como afirma Primo (2001, p. 15), na interação mútua se dá através de negociação e na interação reativa, através de estímulo-resposta. Quanto à operação, a mútua se dá através de ações interdependentes, por cooperação. Cada agente modifica o comportamento do outro e também tem o seu comportamento alterado. Já nos sistemas reativos, se fecham na ação e reação.

Quanto à relação, a interação mútua se vale do que Primo (2001, p. 15) chama de “construção negociada”, quanto que esta é “rigidamente causal” na interação reativa, sendo uma relação de causa e efeito. Na primeira interação, a relação é constantemente construída pelos interagentes, ou seja, um sistema aberto. Quanto à interface, os sistemas interativos mútuos se interagem virtualmente, enquanto os sistemas reativos possuem uma interface potencial, resume-se ao possível.

De acordo com Primo (2001), para uma interface ser de fato interativa ela precisa trabalhar na virtualidade, que possibilita que problemas ocorram e que sejam viáveis atualizações. Portanto, o autor valoriza a interação não só como uma variação quantitativa ou de velocidade de resposta do computador, mas a valorização da bidirecionalidade, aquilo que ocorre entre os interagentes e a “evolução inventiva e criativa dos relacionamentos” (PRIMO, 2001, p. 16).

Em outro momento, Primo (2003) discute o hipertexto e a interação mediada por computador, a partir da perspectiva da relação entre os interagentes, bidirecionalidade, usuário, não-linearidade e autoria compartilhada. Para o estudo em questão, a autoria compartilhada é importante para a reflexão do jornalismo praticado na contemporaneidade.

Primo (2003) analisa o hipertexto e suas diversas relações interativas por ele motivadas. Para isso, interessa ao autor a escrita coletiva, a colaboração e a cooperação no ciberespaço. Para ele, estudar a interação mediada por computador vai além da mera transmissão de informação. Confunde-se também ao associar interatividade com a bidirecionalidade, que seria o fluxo de mensagens em mão dupla.

Sfex (1994) afirma que a interatividade é apenas uma ilusão de expressão, já para Primo (2003, p. 3-4) esta é usada pelo mercado ou como argumento de venda, já que pouco se propõe de diálogo, no sentido de ações no ciberespaço que modifiquem os interlocutores, seus comportamentos, suas mensagens e a própria relação entre eles.

A sociedade atual herdou, segundo Primo (2003), o conceito de usuário, mas com foco tecnicista, voltado ao desempenho de *hardware* e *software*. Neste sentido, usuário é aquele que simplesmente faz uso do que já está pronto e lhe é oferecido. Dessa forma, visto como consumidor apenas. Para o autor, há a necessidade daqueles dos que povoam o ciberespaço sejam vistos como sujeitos e não apenas “visitantes indiferenciados de um parque temático” (PRIMO, 2003, p. 6-7).

O termo usuário é derivado da teoria da informação, que por sua vez, foi desenvolvida para o estudo da telefonia e que teve seus conceitos generalizados para a comunicação humana, com a criação de um termo similar a usuário, o de “receptor”. Para Primo (2003, p. 8), “falar-se ‘usuário’ é antes de mais nada (sic) partir-se de uma relação empresa-cliente”. A proposta do autor é que, tanto o conceito de receptor e de usuário seja substituído por interagente, que tem origem na ideia de interação, “ação ou relação que acontece entre os interagentes” (PRIMO, 2003, p. 8).

Já o conceito de hipertexto, pouco se discutem a sua estrutura não-linear e que, o seu leitor se transforma em autor. Segundo Primo (2003, p. 10), a tecnologia informática veio potencializar essa participação do leitor e a criar histórias hipertextuais. O autor faz uma diferenciação dos diversos tipos de escrita coletiva, como o hipertexto colaborativo, que se refere mais à organização de informações do que a construção conjunta; e o hipertexto cooperativo, que depende do debate (PRIMO, 2003, p. 12). Como afirma Piaget (1973, p. 22), cooperar envolve “operações efetuadas em comum ou em correspondência recíproca”.

De acordo com Primo (2003, p. 13), são poucos os hipertextos construídos através da cooperação. Até mesmo os *blogs*, que para ele tem uma tecnologia que permite a escrita coletiva e que cada trecho escrito seja comentado por outras pessoas, mas que apresenta raro uso deste método. Para ele, trabalhar cooperativamente exige um novo aprendizado e uma nova postura, pois a autoria é vista como algo individual. Portanto, o *blog* não permite o diálogo através de hipertextos cooperativos, é mais um espaço colaborativo, portanto, um diálogo que depende de alguém que coordene essa “conversa”. Isso acontece porque o *blog* ainda é visto como algo de autor (ou autores)

### 3.3 Os *blogs* e o jornalismo

Inicialmente, os *blogs* se destinavam a publicar lista de *links* de outros sites. A fórmula destes era a atualização frequente e frases curtas com *links*. Porém, os pioneiros nestes *blogs* eram programadores. Como não havia ferramentas de publicação de *blogs*, seus primeiros autores eram pessoas com conhecimento técnico na área de desenvolvimento de *websites* (ARAÚJO, 2006, p. 20). A situação começou a mudar em 1999, com o surgimento das ferramentas de publicação automática de *blogs*. A primeira delas foi o *Pitas* seguido do *Groupsoup* e o *Blogger*, este último o mais popular até hoje, como aponta Araújo (2006, p. 21).

Inicialmente, com a popularização desta ferramenta de publicação, os *blogs* eram diários virtuais em tom confessional. Hoje, há uma mistura de tipos ou gêneros, dos diários virtuais a *blogs* jornalísticos. Nos Estados Unidos, essa ferramenta foi usada no jornalismo a partir de dois fatos que mudaram a forma de cobertura jornalística: os atentados Terroristas Nos Estados Unidos<sup>27</sup>, em setembro de 2001; e os atentados a Londres<sup>28</sup>, em julho de 2005.

Um ano depois dos atentados terroristas nos Estados Unidos, o jornal *The Guardian*, se antecipando ao fenômeno dos *blogs*, contratou um blogueiro iraniano para escrever o cotidiano de Bagdá; uma forma inversa de se fazer jornalismo, este não vai mais à fonte (no caso o blogueiro iraniano), mas a fonte vira o meio de informação. No *blog* Diário de Bagdá, seu autor usava o pseudônimo de Salam Pax e estreou uma coluna em 2003. Os textos publicados neste *blog* foram reunidos posteriormente em um livro, publicado no Brasil com o título “O *Blog* de Bagdá” (Cia das Letras). Os *blogs*, como afirmam Recuero (2003c) é a semente de importantes mudanças dentro do jornalismo de um modo especial, o que será mais bem explorado no tópico seguinte.

---

<sup>27</sup> Os ataques terroristas nos Estados Unidos em setembro de 2001 foram uma série de ataques suicidas contra alvos civis nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001 e atribuído à organização fundamentalista Al-Qaeda. Na manhã deste dia, quatro aviões foram sequestrados, sendo que dois atingiram propositalmente as torres do *World Trade Center*, em Nova York. O terceiro avião sequestrado foi direcionado para uma colisão no Pentágono, na Virgínia. O quarto avião, que atingiria o Capitólio, colidiu num campo próximo a *Shanksville*, na Pensilvânia. Os atentados causaram a morte de 2.993 pessoas e o desaparecimento de 24.

<sup>28</sup> Os atentados de 7 de julho de 2005 em Londres ou Atentado ao metrô de Londres refere-se a uma série de explosões que atingiram o sistema de transportes público da capital britânica na manhã de 7 de julho de 2005. No centro de Londres, houve quatro explosões em menos de uma hora, atingindo três trens do metrô e um ônibus de dois andares. O número de mortos foi de cerca de 50 pessoas e de 700 feridos.

Em outro acontecimento, o atentado terrorista em Londres, em julho de 2005, o *blog* teve sua função jornalística. Estes estavam novamente sendo os primeiros a descrever a tragédia. O jornal *The Guardian* novamente se destacava nesta transmissão. De acordo com o Technorati, o serviço de busca para *blogs*, registrava no momento da tragédia, 1,3 mil *posts* sobre o fato<sup>29</sup>. Diferentemente da cobertura cheia de problemas do atentado nos EUA, a cobertura das informações dos atentados em Londres explorou todos os recursos multimidiáticos possíveis. A cobertura dos fatos caracterizou-se pela boa comunicação, combinação de agilidade e abrangência com profundidade que gerou conteúdos relevantes, por permitir também a participação do público na construção deste. A cobertura levou em conta a necessidade dos internautas, o uso de recursos multimídia, como texto, imagem, foto, infográfico e áudio. Além de conceitos como interatividade, comunidade, identidade que convidam as pessoas a enviar suas fotos, vídeos e colocar seus comentários, registro de testemunhos da tragédia. A transmissão de informações do atentado em Londres pela BBC ofereceu à comunidade informações úteis, como por exemplo, a situação dos transportes públicos em Londres. A BBC, assim antecipou-se aos meios impressos, em funções antes exclusiva destes, como a análise e aprofundamento dos fatos e ocupou o lugar dos rádios em temas como serviço à comunidade (SOUZA, 2008, p. 60).

Outro uso jornalístico no qual os *blogs* tiveram importante papel ocorreu na Copa do Mundo de Futebol de 2006, considerada a copa dos *blogs*. Se em 1970 aconteceu a primeira transmissão ao vivo e em cores, portanto, foi uma copa televisiva, 2006 foi a dos *blogs* e da internet. Houve uma transmissão única e autônoma de transmitir de forma direta e simples a escrita e/ou imagem. E, assim, não só jornalistas tiveram esse espaço autônomo, mas também outros autores não-jornalistas, no caso, os jogadores de futebol. Entre os *blogs* de profissionais da mídia que se destacaram na transmissão da Copa foram: o *Blog* do Juca Kfour<sup>30</sup>, da Cora Rónai (colunista do jornal O Globo), com o *Blog Internetetc*<sup>31</sup>, entre outros profissionais e *blogs*. O diferencial da cobertura da Copa de 2006 foram os *blogs* que permitiram a liberdade do autor postar, escrever sem censura. Além de permitir uma escrita mais livre, um diálogo com o leitor, o que, naquele momento (que se concretiza atualmente) era (e é) frequente nos *blogs* e na sua forma de escrita (SOUZA, 2008, p. 60-61). Segundo

---

<sup>29</sup> LONDRES: da tragédia real a repercussão virtual. Disponível em: <<http://imezzo.wordpress.com/2005/07/07/londres-da-tragedia-real-a-repercussao-virtual/>>. Acesso em: 17 mar. 2008.

<sup>30</sup> *Blog* do Juca Kfour. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

<sup>31</sup> *Internetetc*. Disponível em: <<http://cora.blogspot.com/>>. Acesso em: 24 jun. 2010.

John Bartelle, um dos fundadores da revista *Wired*, em entrevista a revista *Época*, de 2006, (*apud* Amorim, 2006, p. 103) os *blogs* são conversas entre pessoas e ganharam importância justamente por isso.

De acordo com Borges (2007, p. 41), não é a primeira vez na história da imprensa tradicional que um novo meio de comunicação questiona o seu futuro. Alguns veículos tradicionais têm como defesa ao fenômeno digital, a desqualificação dos blogueiros e da própria ferramenta afirmando que estes apresentam falta de organização das notícias, limitação de diversas fontes, pouca periodicidade, baixa confiabilidade e ausência de compromisso com o leitor, sendo que muitas dessas queixas são infundadas. Como explicar o fato de muitos jornalistas, profissionais, até mesmo dessas mídias tradicionais aderirem a essa ferramenta e as próprias mídias associarem a sua marca a um grupo de *blogs*?!

Muitos desses *blogs* jornalísticos se baseiam na repercussão de fatos noticiados pela imprensa tradicional, para depois disso, escreverem seus comentários. Dessa forma, demonstra infundada as queixas dos críticos da blogosfera com relação à falta de credibilidade e fontes. O que demonstra também que é necessário ainda um jornalista que apure, cheque a informação, entreviste fontes, ouça os vários lados da notícia, escreva e edite e dessa maneira, os blogueiros terem as informações para então tecerem seus comentários.

Os *blogs* jornalísticos estão em processo de aprender a lidar com a aproximação maior de seus leitores e alimentar o seu *feedback*, elemento fundamental e presente na blogosfera.

Ao mesmo tempo, que o próprio ciberespaço permite que várias pessoas escrevam, opinem, deixa o questionamento de qual seria o papel do jornalista neste contexto? O jornalista tem de pensar não só no seu fazer jornalístico, mas neste público leitor, que também é uma fonte de informação. Segundo Briggs (2006, p. 28), os editores da *web* (que incluem os jornalistas) criam plataformas e os leitores é que criam conteúdo. Dessa maneira, torna-se necessária uma revisão da profissão que será a seguir explorada.

### **3.3.1 Revisão do jornalismo na internet e nos *blogs***

Antes de fazer uma revisão do jornalismo, seus conceitos e práticas, faz-se necessário esclarecer que o jornalismo tradicional, o *online* e o *open source* compartilham de

valores e princípios entre si. Além da necessidade de esclarecer alguns conceitos, como o de jornalismo *online* e *open source*.

O jornalismo *online*, como afirma Brambilla (2006, p. 36), não se refere apenas ao noticiário produzido na *web*, mas também àquele que utiliza de tecnologias de transmissão de dados em rede, envolvendo apuração, produção e veiculação da notícia através de conexões digitais com acesso instantâneo e simultâneo entre os autores e leitores. O jornalismo *online* faz parte do chamado jornalismo *open source*. Ambos tiveram início com a popularização da *internet* comercial, em 1995. Naquele momento, produziu-se uma série de jornais impressos que lançaram suas versões digitais, estas consistiam na mera transposição do conteúdo do meio impresso para a tela. A mesma situação aconteceu nas emissoras de rádio e televisão, quanto aos seus conteúdos digitais.

Apesar deste modelo de transposição de conteúdos persistir, o mesmo permitiu que surgissem a *web* notícia, com sua estrutura hipertextual e não-linear, que alterou (e ainda altera) a maneira do jornalista trabalhar e do público ler/ouvir/assistir a mensagem. Segundo Brambilla (2006, p. 37), ao aliar texto, áudio e imagem em movimento, o noticiário na *web* tem a obrigação de criar uma linguagem própria, que é diferente daquela das mídias tradicionais.

Quanto ao viés da interação, o jornalismo *online* traz esse diferencial, com espaços que permitem que os leitores interajam com o jornalista em canais como: enquetes, comentários após as notícias, canais de contato (como o *e-mail* do próprio jornalista) e fóruns (BRAMBILLA, 2006, p. 37). Nos *blogs*, há muitas destas ferramentas de interação, como foi exposto no item 3.2.3. Enquanto que, nos meios tradicionais de informação, o público tinha uma participação limitada, se restringindo ao instante de contato com a mensagem, para Brambilla “a demanda criada pela notícia no ciberespaço traz em si outro perfil humano que servirá de audiência” (2006, p. 37-38). Portanto, esta demanda obrigatoriamente será repassada ao jornalista e produtores de conteúdo informativo e que exigirá uma escolha minuciosa do conteúdo noticioso e/ou informativo a ser veiculado.

A interferência do público sobre o conteúdo do noticiário *online* não se dá, como aponta Brambilla (2006, p. 40), na navegação e criação de sua “própria pirâmide invertida”<sup>32</sup> ou do seu próprio caminho de notícias na *web*, mas a interferência do público está

---

<sup>32</sup> De acordo com descrição de Pena (2008, p. 48), pirâmide invertida consiste em um relato que prioriza não a sequência cronológica dos fatos, mas a escala decrescente, do elemento mais importante e termina com aqueles de menor apelo.

segundo a autora, numa interação reativa sobre caminhos previamente estabelecidos pelos programadores dos jornais *online*. Barbosa (2002, p. 2) afirma que há uma interação paralela à notícia, que se dá entre leitor e jornalista por meio de outro canal, como os e-mails. Nos *blogs*, como aqui apontado, há canais para essa interação, seja por meio do espaço de comentários ou por e-mail, que o seu autor disponibiliza.

Barbosa (2002) afirma que, num esquema tradicional de comunicação de um para muitos, as funções do jornalista e do seu público estão claramente estabelecidas. Enquanto que, no ambiente do jornalismo *online*, em que os leitores têm acesso, por vezes, as mesmas fontes de informação que os jornalistas, as relações e procedimentos nos dois grupos estão se redefinindo. A partir dessa relação em definição que a autora investiga a transformação do trabalho do jornalista. Barbosa (2002, p. 2) afirma que a tecnologia alterou a forma como os jornalistas fazem o seu trabalho, a natureza do conteúdo da notícia, a estrutura e organização da redação e indústria noticiosa.

As tecnologias, segundo Barbosa (2002), vieram fomentar o contato direto do jornalista e do leitor, criando uma comunicação em dois sentidos, na qual, não só leitores são influenciados pelos jornalistas, mas estes profissionais sofrem a influência dos leitores (2002, p. 3).

A máxima apontada por Canavilhas (2001, p. 2), “nós escrevemos vocês leem” não cabe mais, principalmente numa sociedade com acesso às múltiplas fontes de informação e com espírito crítico. Assim como a possibilidade de interação direta com o produtor da notícia ou opiniões é o que mais caracteriza o *web* jornalismo. Para o autor, a própria natureza do meio faz com que o leitor interaja de imediato, funcionando como um fórum ou uma via de mão dupla. Para Canavilhas (2001, p. 2), a notícia deve ser encarada como “o tiro de partida para uma discussão com os leitores”. Desta forma, ao enriquecer a notícia com vários pontos de vista há, conseqüentemente, maior número de visitas, o que é apreciado pelos jornalistas e leitores.

Canavilhas (2001) cita um estudo realizado por Jacob Nielsen sobre o texto e o hipertexto no *web* jornalismo, que são dois elementos do jornalismo *online*. Para ele, não faz sentido na *web* utilizar a pirâmide invertida para a elaboração das notícias e, portanto, questiona uma das técnicas mais importantes do jornalismo. Para o autor, convém criar um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si, sendo que um primeiro texto introduziria o essencial da notícia e os demais estariam disponíveis por hiperligação com o primeiro. Segundo o estudo de Nielsen, citado por Canavilhas (2001), este apontou que a maioria das

peessoas que navegam na internet não leem a notícia palavra por palavra, mas fazem um varrimento visual à procura de palavras ou frases. Por isso, no estudo de Nielsen é sugerida a utilização de um texto “esquadrinhável” usando algumas regras: “destacar palavras-chave através de hiperligações ou cores, por exemplo; utilização de subtítulos; exprimir uma ideia por parágrafo; ser conciso” (CANAVILHAS, 2001, p. 3).

Outra característica deste meio é o aumento da velocidade/rapidez na produção da notícia e a perda de valores fundamentais do jornalismo, como a precisão e a objetividade. Para Moretzsohn (2002, p. 120), a notícia no contexto atual esconde o processo pelo qual foi produzida e vende mais do que informação ali apresentada. Vende também, e principalmente, a ideologia da velocidade. A autora relaciona o conceito de fetichismo de Marx e de notícia, ou seja, a notícia fetiche, a partir de dois aspectos. Primeiro relacionado à ideia de “os fatos falem por si”, algo defendido pelos meios de comunicação, mas que escondem o processo de produção do sentido. Já o segundo aspecto, se refere à relação da imprensa com o seu público, conferindo à notícia um valor de uso (MORETZSOHN, 2002, p. 120). O valor de uso, segundo a autora, jamais se consome o produto apenas, mas todos os valores extras que lhe são atribuídos: “status, bom gosto, poder, beleza, o mesmo acontece com a notícia” (MORETZSOHN, 2002, p. 121). Neste contexto é interessante fazer um paralelo a abordagem que Virilio (1996, p. 109) faz sobre o tempo real, encarando-o como um componente essencial do complexo informacional contemporâneo. O autor criou o neologismo “*dromologia*” (do grego *dromos*, relativo à corrida, curso, marcha) para apontar a lógica das sociedades pós-modernas e, desta forma, mostrar como equivalente geral não mais a riqueza, mas a velocidade.

A abordagem de Virilio permite fazer uma relação com a notícia como mercadoria e com a ideia de fetiche proposta por Moretzsohn (2002): “é através da velocidade que o capital se realiza no ‘espaço de fluxo’ do mercado financeiro global. [...] Neste contexto, tudo se transforma em informação, inclusive o corpo humano [...]” (MORETZSOHN, 2002, p. 126-127). A velocidade é o que caracteriza o jornalismo *online* e também carrega a possibilidade de oferta de informações a cada instante, porém esta é uma ilusão bastante difundida. Moretzsohn, a partir de um artigo chamado “Tudo igual ponto com” afirma que os textos veiculados na internet são idênticos e oriundos na sua maioria, de duas fontes, as agências internacionais de notícias e o que ela chama de “rapinagem pura e simples” entre sites e das reportagens de rádio e TV (MORETZSOHN, 2002, p. 133-134). O mesmo acontece com os *blogs* analisados, nos quais se comentam o que foi veiculado nas mídias tradicionais.

As novas tecnologias alteram as rotinas de trabalho na redação. O advento do computador, a princípio, sofreu resistência, pois alguns jornalistas temiam pelo seu emprego. De certa forma, sofreram esta resistência, que tinha fundamento, já que o computador permitiu o enxugamento do quadro de pessoal. Uma das rotinas modificadas com a nova tecnologia foi o tempo de elaboração de uma notícia.

Como aponta Moretzsohn: “se antes havia condições de retornar a redação para redigir a matéria até o horário de fechamento, hoje é preciso fornecer *flashes* para o serviço ‘em tempo real’ do jornal [...]” (2002, p.137). Além disso, como aponta a mesma autora, o profissional do jornalismo *online* se tornou polivalente devido a um modo de produção no qual cada mídia procura utilizar os produtos das outras mídias para melhorar sua oferta.

Hoje, une-se rapidez e qualidade, assim como qualidade e cumprimento de prazos como prioridades na produção da notícia. Dessa maneira, como afirma Moretzsohn, o fetiche revela-se com mais clareza, a lógica da velocidade é incapaz de ser seguida, uma vez que o “tempo real é o tempo de ontem” (MORETZSOHN, 2002, p. 140).

O imediatismo faz parte das rotinas de produção jornalística, principalmente no jornalismo *online* e tem provocado a sujeição do jornalista às suas fontes e a divulgação de notícias sem fundamento. O que é uma justificativa para isentar a imprensa dos seus erros. A “corrida contra o tempo” é a regra da atividade jornalística empresarial que associa rapidez com eficiência e que “traduz necessariamente o tempo lento como morosidade relacionada à incompetência ou à má fé” (MORETZSOHN, 2002, p. 148).

Então, essa “corrida pelo tempo” e imediatismo dos meios *online* produzem um número cada vez maior de notícias em “tempo real”, mas que apontam para o que Ramonet (1999) chama de “mimetismo midiático”, que é uma característica da era da informação visual. Para ele, o mimetismo é o que as mídias tem feito ao cobrir de forma excessiva um determinado acontecimento sob o pretexto de que os meios de comunicação, principalmente as mídias de referência, lhe atribuem grande importância. “Quanto mais os meios de comunicação falam de um assunto, mais se persuadem, coletivamente, de que este assunto é indispensável, central, capital [...]” (RAMONET, 1999, p. 21).

Para Moretzsohn, a informação, matéria-prima do jornalismo nunca deixou de ser uma mercadoria, “especialmente a partir da consolidação do jornalismo enquanto atividade industrial produtora de um artigo de consumo de massa” (MORETZSOHN, 2002, p. 154). A autora aponta que, neste sistema de notícias como mercadoria, o que importa é a velocidade.

O que vale no jornalismo *online* é o espírito “atire primeiro e pergunte depois” (MORETZSOHN, 2002, p. 160). O que é raro neste meio é o jornalista decidir segurar a informação (para não perder a chance de ser o primeiro a publicar algo “novo”), quando o bom senso recomenda que segure a informação e a publique em outro momento. Para Ramonet (1999, p. 32), significa dizer que “a máquina comunica e não que ela informa”.

No meio jornalístico (principalmente no meio digital) torna-se comum a afirmação de que o jornalista não tem tempo para pensar, mas como é possível admitir isso? Parece uma justificativa prévia da imprensa pelos seus erros publicados, devido esta corrida frenética contra o tempo que marca a profissão. Cabe ressaltar neste contexto, a associação entre o fazer (a prática jornalística) e o modo de fazer (correndo contra o tempo). Além disso, pensar que a imprensa se faz de pensamento e da história de seu tempo, mas como isso é possível se o profissional não tem tempo para pensar? (MORETZSOHN, 2002, p. 163-164).

A valorização da informação instantânea no meio jornalístico digital questiona o sentido de mediação exercido pelo jornalista, já que este não é o único detentor da informação, o que se tornou uma realidade com o desenvolvimento de um modelo de jornalismo, o *open source* ou colaborativo.

Para Brambilla (2006), o jornalismo *online* assume algumas características do modelo *open source*, que está inserido em um ambiente marcado pela “cultura da liberdade” (BRAMBILLA, 2006, p. 57), que desde os anos 1970, nos Estados Unidos, anunciava uma tendência de comportamento. As raízes deste modelo estão no modelo de livre produção, que é uma “regra” das comunidades de desenvolvimento de *softwares* de código aberto. Brambilla (2006) cita o artigo de Raymond, no qual o autor resume os principais traços da filosofia *open source*. A filosofia em questão vai além do acesso a cópias dos arquivos de código de fonte dos *softwares*. A autora faz um paralelo do modelo de livre produção de *softwares*, que trata as pessoas leigas em programação como co-desenvolvedoras, o mesmo acontece no jornalismo *open source*. No jornalismo, como já apontado, a relação de temporalidade entre a publicação de uma notícia equivocada e sua retificação é cada vez menor, o mesmo acontece com a correção de *bugs*<sup>33</sup> no trabalho dos criadores de *software* livre. A partir deste contexto, há a importância da participação de leigos no aprimoramento dos *softwares* e em identificar esses *bugs*. Uma referência pode-se ser feita aos *blogs* que, com a partilha de recursos e serviços através da troca de informações entre leitores e jornalista, inaugura uma forma de jornalismo, o *open source*. Este permite que várias pessoas (e não apenas o jornalista)

---

<sup>33</sup> *Bugs* em jargão da informática refere-se a um erro no código, problema de funcionamento de um *software*.

escrevam e deem suas opiniões, o que impede a difusão de um pensamento único, difundido pela maioria dos veículos da mídia (BRAMBILLA, 2006, p. 66-69).

O que se pode vislumbrar como um jornalismo praticado na contemporaneidade, que tem elementos oriundos do jornalismo tradicional, mas adaptados às particularidades do meio digital, no caso dos *blogs*. Desta forma, há uma modificação do jornalismo e do jornalista.

### **3.3.2 Os *blogs* permitem a transformação do jornalismo?**

As tecnologias da informação e a internet possibilitam mudanças na rotina jornalística, mas também na própria identidade da profissão. Como mostrado no segundo capítulo desta pesquisa, o jornalista tem como definição ser “o porta voz da opinião pública” ou como “contador de histórias”, esta última definição é algo trazido de uma longa tradição de contadores de histórias, em uma época que sequer havia mídia. Com a profissionalização da profissão, o ofício ganhava autonomia e consciência de poder, mas ao mesmo tempo, reduzia o trabalho do jornalista ao domínio da técnica da linguagem definida por cada mídia. A arte de narrar histórias, que faz parte da identidade do jornalismo, está em decadência, como afirma Benjamin (1975, p. 67). Segundo o autor, quase nada mais do que acontece é abrangido pela narrativa e sim pela informação, matéria prima do jornalismo. Para Benjamin (1975, p. 67), a capacidade de narrar reside no poder de contar histórias sem ilustrá-las com explicações, ou seja, além de descrições e informações.

Para Traquina (2005, p. 26), consideram-se os jornalistas “participantes ativos na definição e na construção das notícias e, por consequência, na construção da realidade”. Dessa forma, o autor abre a discussão também para a responsabilidade social do profissional que é difícil, perigosa, pois exige do jornalista enfrentar decisões sob intensas pressões (idem, 2005, p. 31). Mas como se define o jornalismo no qual usuários de uma nova geração comentam e colaboram com os conteúdos publicados na *web* e também colocam seus próprios materiais originais em espaços como os *blogs*?

Como afirma Brambilla (2006), o jornalista (e também o jornalismo) protagoniza uma revisão dos elementos que norteiam suas atividades. Para Moretzsohn (2002, p. 169), o termo jornalista designa “analista de um dia”. Com a dimensão do tempo alterada, agora pode ser denominado um “instantaneísta” ou “imediatista”, o que toca o imediatismo, uma característica do jornalismo da atualidade. Como é impossível a análise de um instante, para a

autora o papel do jornalista tende a desaparecer. Desta maneira, o jornalista se reduz à uma função de mediadores perante a informação.

Os *blogs*, assim como outras mídias digitais, revolucionaram não só por permitir que usuários criem conteúdos, mas serem um filtro de informações na *web*, que peneira e “poupa tempo de quem busca um determinado dado” (MATTOSO, 2003, p. 30). Outra característica dos *blogs* como meio de transformação para o jornalismo é que este se assemelha a função de um *ombudsman*, muito comum nas redações dos jornais, mas no caso dos *blogs*, permite uma personificação do conteúdo publicado, com comentários, discussões do seu editor e até dos leitores.

Os *blogs* jornalísticos e seus textos giram em torno de questões pessoais e uma visão de mundo particular de seu autor. Este não imprime somente uma visão pessoal, algo antes inimaginável em mídias tradicionais que defendem a imparcialidade como valor. Os *blogs* ainda discutem e debatem a notícia, que muitas vezes foi trabalhada por esta mesma mídia tradicional (MATTOSO, 2003, p. 33).

Como afirma Mattoso (2003, p. 33), os *blogs* estão alimentando uma “prática metajornalística” aliados a grande quantidade de *links* oferecidos neles que direcionam para outros *sites* e *blogs*. Estes podem ser assim denominados, no contexto do jornalismo uma espécie de metajornalismo, pois alinham fontes distintas num mesmo *post*, confrontam veículos concorrentes e pontos de vistas conflitantes.

O tipo de jornalismo praticado nos *blogs* não se baseia diretamente nas fontes de informação, mas nas notícias, nas opiniões e no próprio trabalho realizado pela imprensa tradicional (MATTOSO, 2003, p. 33-34). Aliado a essa forma de jornalismo diferenciado e até questionadora dos valores do jornalismo tradicional, há uma linguagem mais pessoal e descompromissada, presente nos *blogs* jornalísticos. Dessa maneira, se questiona a transformação do jornalismo quanto ao próprio saber de narração, termo de Traquina (2008, p. 43), que se refere ao modo de narrar uma informação. Em suma, transformações referentes à identidade da profissão e de suas práticas.

As regras são diferentes, o jornalista não é mais aquele que vai à rua, mas “checa” a informação encontrada *online* e liga com artigos e outras fontes que poderiam ser vistos como concorrentes, mas que fazem parte de uma comunidade virtual ao conversarem sobre o mesmo assunto (BRIGGS, 2007, p. 55). Como afirma este mesmo autor, os *blogs* são uma conversa permanente ou como afirma Mattoso (2003, p. 35) é o que chega mais perto do

diálogo ou de uma conversa informal e por isso, os grandes conglomerados se interessam em agregá-los a sua marca. Desta forma, os *blogs* criam uma proximidade com o público e conquistam audiência por meio da ferramenta prática e convidativa que estes são.

Os *blogs*, inserido no contexto maior das novas tecnologias e da internet, permitem que a notícia e sua transmissão aconteçam sem a mediação do jornalista. Como afirma Ramonet (1999, p. 51), o futuro do jornalismo está em vias de extinção ou que o jornalista consente que o seu trabalho seja secundário, o de “funcionário na rede” ou de “retocadores de transmissões de agências” (Ibid., p. 51).

Anteriormente, a relação informacional se apresentava esquematicamente sob uma forma triangular e constituída de três pólos: o evento (o fato), o jornalista e o cidadão. O evento era trabalhado pelo jornalista que o verificava, filtrava, analisava; agora este triângulo é um eixo que tem, de um lado, o evento, e de outro o cidadão. A função do jornalista desapareceu, como afirma Ramonet (1999, p. 60).

Em *blogs* como o do jornalista Ricardo Noblat, a função do jornalista é a de um filtro de informações na *web* ou que discute a notícia já trabalhada em outras mídias e, desta forma, alimenta uma prática metajornalística.

Nos *blogs* em geral também se observam a mudança do status das fontes. Um grande volume de informações é oferecido pelas fontes aos jornalistas e desta maneira, se transformaram de simples fontes à produtoras de notícias (PEREIRA, 2004, p. 11). O jornalista, submerso neste volume de informações perde o espírito de iniciativa tão característico da profissão. Pode-se afirmar que não só os *blogs* transformaram o jornalismo, mas os adventos de novas mídias sobrepondo à anterior geraram (e geram) transformações constantes no jornalismo. Com a internet e em particular os *blogs*, geraram uma transformação na comunicação, que passou a ser direta em relação à notícia e o cidadão. A comunicação nos *blogs* transformou o jornalismo da contemporaneidade.

Como afirma Mattoso (2003), o surgimento, expansão e massificação dos *blogs* não é um fenômeno isolado. A ferramenta está inserida num intrincado contexto, intimamente relacionado ao desenvolvimento da microeletrônica, do computador pessoal, da internet e da cibercultura. A ferramenta é um reflexo do que Mattoso chama de “emergência pós-moderna, do ‘tudo aqui e agora’ que alimenta uma imensa máquina produtora de informação” (MATTOSO, 2003, p. 43).

Os *blogs*, dentro deste contexto maior de uma sociedade de consumo, é uma voz “que pode e deve ser ouvida”, que busca transformar a lógica da padronização da informação solidificada através de conceitos e convenções e que são alternativas de informação frente “aos grandes impérios midiáticos” (MATTOSO, 2003, p. 43-44).

Neste espaço dos *blogs* que os editores da *web* (no caso os jornalistas) com os *links*, recursos multimídia, a customização da notícia, a interatividade, o hipertexto contribui para a construção de um modelo informacional em constante mudança.

Senra (1993, p. 171) ressalta que a crise vivida pelo jornalismo (e pelo jornalista), na sociedade de mercado atual já o transformou em uma imagem. A autora afirma que, este momento de ruptura e de constante transformação tecnológica deve impor também uma reflexão no conjunto de práticas jornalísticas, quanto aos conceitos e dualidades como: “de verdade e mentira, imagem e coisa, intuição e técnica”. As práticas jornalísticas modificadas, neste contexto, sustentam a atuação do jornalismo.

No contexto contemporâneo, o jornalismo e o jornalista precisa se desvencilhar de sua identidade de “herói retardatário” e o medo de ser substituído por essas tecnologias para que o jornalismo possa estar pronto para acolher as novas tecnologias e o que elas propiciam.

### **3.3.3 Trabalho de campo**

Após as reflexões em estudos teóricos sobre a sociedade pós-moderna, o estudo comunicacionais, do jornalismo, da internet e dos *blogs* passa-se para a comprovação dos objetivos desta pesquisa. Para isso, foi necessário um trabalho de campo para a comprovação e verificação de dados a partir de um *corpus* bem definido.

Para esta pesquisa, a metodologia utilizada foi a análise qualitativa com base comparativa de *blogs* de cunho informativo/opinativo selecionados. O tipo de pesquisa de campo empregada foi a exploratória que, como afirma Marconi e Lakatos (2002), tem como objetivo a formulação de questões para o desenvolvimento de hipóteses para modificar e clarificar conceitos. O procedimento empregado neste tipo de pesquisa (e aqui empregado) foi a análise de dados, no caso material encontrado nos *blogs* que compõe o *corpus*, que se constituíram a partir daqueles com características em comum, entre outras, serem escritos por jornalistas. Isso porque o objetivo da pesquisa é a busca da identificação de uma linguagem

jornalística específica para os *blogs* e, dessa forma, partir de textos escritos por esses profissionais.

Com a pesquisa de campo exploratória geralmente obtêm-se descrições tanto quantitativas como qualitativas do objeto de estudo, no caso específico, restringiu-se às descrições qualitativas. Como procedimento de coleta de dados foi a observação, que consistiu não somente em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se quis estudar (MARCONI E LAKATOS, 2002, p. 88). A técnica de observação empregada foi a não-estruturada assistemática, também chamada de informal, simples, livre e que consiste em recolher e registrar fatos da realidade sem que o pesquisador precise utilizar meios técnicos especiais. Os dados coletados foram transformados na análise a seguir.

Para melhor visualização dos *blogs* e suas características, como o uso de textos, imagens-textos-vídeos, alguns conteúdos selecionados foram anexados em cd (em anexo a esta pesquisa); pois este parece ser o suporte mais adequado.

### **3.3.3.1 Os *blogs* analisados**

Os *blogs* aqui analisados em sua maioria começaram a ser escritos no período de 2004-2006, em um momento delicado no cenário político brasileiro, com a eclosão do escândalo do mensalão no governo Lula. A maioria destes tem como foco de notícias a política (com algumas exceções que abrem espaços para outros temas), possuem uma audiência significativa dentro da blogosfera e estarem ligados a grandes veículos de comunicação ou portais na internet. Os *blogs* analisados têm também como características em comum, algo que se tornou frequente na blogosfera, o ato de citar e até mesmo “copiar” o que é escrito em outras mídias; entre os *blogs* aqui analisados é também comum a presença de uma escrita personalizada. A partir da análise qualitativa comparativa da pesquisa, abordaram-se quatro *blogs*: *Blog* do Josias de Souza (Folha de S. Paulo, sitiado no Portal UOL); *Blog* do Noblat, um dos jornalistas pioneiros na blogosfera (Globo.com); *Blog* do Reinaldo Azevedo (Veja); e *Blog* do Luis Nassif (Portal IG e posteriormente, no momento desta pesquisa, mudou para o Portal Brasilianas.org). O período escolhido para análise foi janeiro de 2010, por ter sido um mês de vários acontecimentos relevantes no meio jornalístico: enchentes e tragédias no Rio de Janeiro e em São Paulo, Terremoto no Haiti, a

polêmica do Programa Nacional de Direitos Humanos; e eleições presidenciais 2010, que já era discutido no mês de análise.

#### a) *Blog do Josias de Souza*

O jornalista Josias de Souza exerce o jornalismo desde 1984, portanto, mais de 25 anos de profissão. Atualmente ele se encontra na Folha de S. Paulo, em que trabalha desde 1985. Neste período, ocupou cargos como repórter até secretário de redação do jornal. O *blog* dele foi inaugurado em outubro de 2005 e está hospedada no site da Folha *Online*, versão eletrônica do jornal Folha de S. Paulo. Além de editar o *blog*, Josias é colunista de política do jornal impresso<sup>34</sup>.

#### b) *Blog do Noblat*

O jornalista Ricardo Noblat é um dos pioneiros da blogosfera brasileira. O jornalista criou o seu *blog* em 2004, em uma época de transição na carreira. Neste período, Noblat passava pela demissão no jornal Correio Brasiliense e posteriormente do jornal carioca O Dia. Após a saída do jornal carioca, Noblat continuou a atualização da página do *blog* por conta própria. Antes disso, quando ainda estava no jornal O Dia, o *blog* servia para veicular as matérias que não podiam ser publicados na sua coluna do jornal. Depois de sair do veículo, manteve o *blog*, por insistência de seus leitores. Neste período, o *Blog* do Noblat ficou hospedado no portal Blig, serviço de hospedagem gratuita do Portal IG. Ao descobrir que seu *blog* possuía uma audiência de cerca de 150 mil visitantes por mês, Noblat viu que o negócio dava certo (SOUZA, 2008, p. 73). Posteriormente, negociou com o IG um contrato de remuneração para continuar com o *blog* nesse portal. Em 2005, o *blog* recebeu uma grande visibilidade durante os acontecimentos políticos referentes ao escândalo do mensalão. Na ocasião, Noblat publicou em primeira mão a saída do ex-deputado José Dirceu da Casa Civil e a prisão do publicitário Duda Mendonça, envolvido em rinhas de galo. Em 2005, o *blog* foi

---

<sup>34</sup> Josias de Souza. Wikipédia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Josias\\_de\\_Souza](http://pt.wikipedia.org/wiki/Josias_de_Souza)>. Acesso em 19 mai 2010; Perfil. Blog do Josias de Souza. Disponível em:< <http://josiasdesouza.folha.sites.uol.com.br/perfil.html>>. Acesso em: 19 mai 2010.

transferido para o portal de internet Estadão, pertencente ao grupo que edita os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde. No ano de 2008, o *Blog* do Noblat foi para o Portal Globo.com, no qual permanece até hoje.

O *Blog* do Noblat possui outros canais de comunicação com os leitores, que podem acompanhar as últimas notícias via Twitter (rede social de *microblogs*) e por celular.

Noblat propõe com frequência enquetes em seu *blog*, que podem ser visualizadas na lateral esquerda deste. No período de análise do *blog* em questão, o jornalista mantinha uma sessão chamada “Pois é”, com fotos de pretendentes a namorados de sua neta Luana de 2 anos. Há mais ou menos 2 anos, Noblat criou uma sessão chamada “Diário de um avô”, em que o jornalista nos remetia aos primórdios dos *blogs* como diário. Nessa sessão, o jornalista relatava suas expectativas a se tornar (naquele momento) em breve avô de sua primeira neta.

### **c) *Blog* do Reinaldo Azevedo**

O jornalista Reinaldo Azevedo, atualmente colunista da revista *Veja*, tem o *blog* com o seu nome desde 24 de junho de 2006. Antes de trabalhar na *Veja*, foi redator-chefe das revistas *Primeira Leitura* e *Bravo!*, editor-adjunto de política da *Folha de S. Paulo*, coordenador de política da sucursal de Brasília do mesmo jornal e editor-chefe do jornal *Diário do Grande ABC*, de Santo André, entre 1991 e 1993. Hoje, articulista da *Veja* e com *blog* hospedado no site da revista, é conhecido pelo seu posicionamento crítico, anti-governista, irônico e mordaz.<sup>35</sup>

A *Primeira Leitura* foi revista e site, uma publicação mensal de política, economia e cultura e sua última edição circulou em junho de 2006. A *Primeira Leitura* tinha um viés assumidamente liberal e anti-governista, como é a característica de Azevedo. Em seus textos, o jornalista é contra o aborto e as pesquisas com células embrionárias, assim como qualquer tipo de imprensa estatal. Ele também é a favor da Lei de Anistia do Brasil, mas contra as indenizações concedidas a presos políticos. O posicionamento do jornalista rendeu uma boa discussão atualmente em seu *blog*, com o Programa Nacional de Direitos Humanos do governo Lula.

---

<sup>35</sup> Reinaldo Azevedo. Wikipédia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo\\_Azevedo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Azevedo)>. Acesso em: 20 mai 2010.

O jornalista é também católico praticante, admirador do papa Bento XVI e opositor da teoria da libertação, o que ele chama de “escatologia da libertação”. Outra característica do jornalista é o uso de apelidos irônicos e mordazes aos seus criticados. Além disso, por sua crítica às vezes cruel e sua defesa a posições polêmicas, tem conquistado muitos desafetos, inclusive no meio da imprensa. A exemplo do jornalista Luis Nassif, que em 2008 publicou uma série de textos, chamado “Dossiê Veja”, nos quais critica a revista de maior circulação do país, a Veja. Nessa coleção de textos, Nassif aponta Reinaldo Azevedo como a cara da publicação: “a imagem de Veja tornou-se irremediavelmente ligada à de Azevedo, o ‘tio Rei’. É o exemplo mais acabado do processo de deterioração moral e editorial que tomou conta da revista”<sup>36</sup>.

#### **d) *Blog do Luis Nassif***

O jornalista Luis Nassif começou a trabalhar profissionalmente em 1970, após ingressar no curso de jornalismo, como estagiário da revista Veja, na qual foi efetivado em 1971. Em 1974, já era repórter de economia da Veja. Em 1979, transferiu-se para o Jornal da Tarde, na função de pauteiro e chefe de reportagem de economia. Neste jornal, criou a seção “Seu dinheiro”, primeira experiência de economia pessoal na imprensa brasileira, e o “Jornal do carro”. Por conta disso, como ele mesmo se denomina no seu *blog*, foi o introdutor do jornalismo de serviço no Brasil. Em 1985, criou o seu próprio programa na TV Gazeta chamado “Dinheiro Vivo” e, dois anos depois, a partir do programa, nasceu a Agência Dinheiro Vivo, de informações de economia e negócios, existente até hoje. Em 1986, ganhou o Prêmio Esso, categoria principal com a série de reportagens sobre o Plano Cruzado<sup>37</sup>.

Nassif começou a escrever o seu *blog* em 2005 e ganhou notoriedade com este em 2008, com a série de textos publicados este ano, chamado “Dossiê Veja”, na qual criticava a revista Veja e sua forma de fazer jornalismo. Como ele afirma:

---

<sup>36</sup> NASSIF, Luis. O caso de Veja por Luis Nassif. Disponível em: <http://sites.google.com/site/luisnassif02/>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

<sup>37</sup> Luís Nassif. Wikipédia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs\\_Nassif](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Nassif)>. Acesso em: 20 mai. 2010.

[...]o maior fenômeno anti-jornalismo dos últimos anos foi o que ocorreu com a revista *Veja*. Gradativamente, o maior semanário brasileiro foi transformado em um pasquim sem compromisso com o jornalismo, recorrendo a ataques desqualificadores contra quem atravessasse seu caminho [...]<sup>38</sup>.

Para ele, a revista, que adotou o estilo dos “*neocons*” americanos se caracteriza por uma antipatia da classe média midiática em relação ao governo Lula. Por isso, um dos alvos de sua crítica foi o colunista da mesma revista e também blogueiro Reinaldo Azevedo.

Segundo Nassif, em entrevista a revista *Caros Amigos*, o *blog* é algo que veio para ficar e mudou a forma de fazer jornalismo. Segundo ele, no século 21 o conhecimento é mais difuso, no qual todos podem ser transmissores de informação, e que essa troca é muito rica do que você consegue captar na imprensa tradicional (ARBEX, 2008, p. 31). O que se percebe no seu *blog*, no qual há uma participação ativa de leitores-colaboradores.

Apesar de no “Dossiê *Veja*” o jornalista enfrentar a revista de maior circulação do país, ele é adepto da tolerância na forma de escrita, diferente de Reinaldo Azevedo que tem um posicionamento mais polêmico, até na sua forma de escrita.

### 3.3.3.2 Análise

#### a) *Blog* do Josias de Souza

O *blog* do jornalista Josias de Souza trata predominantemente de assuntos da política brasileira e internacional. Em comparação aos *blogs* aqui analisados, este é mais modesto quanto ao número de *posts* diários. O *blog* possui algumas sessões: colunas, entrevistas, reportagens, secos & molhados (que em sua maioria são compostos de *posts* de vídeos).

Observa-se que o colunista se expõe mais nos textos de seu *blog*, e percebe-se a sua opinião em algumas linhas; além de um estilo pessoal de escrita:

---

<sup>38</sup> NASSIF, Luis. O caso de *Veja* por Luís Nassif. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/luisnassif02/home>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

25/01/2010

### **Mais eficaz que a oposição, São Pedro mela *pa©mício*<sup>39</sup>**



Desde o ano passado, PSDB, DEM e PPS já protocolaram no TSE meia dúzia de representações contra os *pa©mícios* da dupla Lula-Dilma. E nada.

Pois bem. Nesta segunda, São Pedro realizou o sonho de todo opositorista: melou uma inauguração oficial.

Deu-se no Rio, em Jacarepaguá. Todo mundo reunido: o governador Sérgio Cabral, o prefeito Eduardo Paes, a ministra-candidata Dilma e Lula.

Entregavam uma creche e uma praça. Caiu um pé d'água. E as autoridades tiveram de enxugar os discursos.

Lula disse: “Eu vou ser muito breve porque não é justo vocês continuarem tomando essa chuva...”

---

<sup>39</sup> Mais eficaz que a oposição, São Pedro mela *pa©mício*. *Blog* do Josias de Souza. *Post* de 25 jan. 2010. Disponível em: < [http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai 2010.

“...Nós íamos fazer uma festa grande aqui, mas não deu. Fica para a próxima”.

Castigo divino. Horas antes, numa cerimônia promovida pela prefeitura de São Paulo, Lula falara de enchentes em casa de alagado.

- *PS.*: Siga o blog no twitter.

Escrito por Josias de Souza às 00h42

No texto acima, observa-se o estilo pessoal do jornalista desde o título: “Mais eficaz que a oposição, São Pedro mela *pa©mício*”. Neste, Josias de Souza já exprime sua opinião quanto aos comícios de Lula e sua então ministra da Casa Civil, Dilma Roussef. Além de brincar com a palavra comício, resultando em *pa©mício*.

Josias de Souza se detém ao fato: comício de Lula e Dilma fracassado por causa da chuva. A informação está mais diluída em todo o texto. Além de que, no último parágrafo observa-se um tom opinativo.

O que se observa no *Blog* do Josias de Souza são textos interligados, ou seja, o uso de hiperlinks, a integração de textos multimídias, com o uso até mesmo de texto+imagem; texto+som; texto+imagem+som. Isto possibilita ao leitor uma leitura multilinear, ou seja, saltar de um documento ao outro, fazer tanto uma leitura linear clássica, como um percurso individual.

Exemplos de textos multilineares no *Blog* do Josias de Souza são: “Ana Zizi demonstra a Jobim que eufemismos existem”<sup>40</sup>, *post* de 20 de janeiro de 2010, sobre o resgate surpreendente de uma haitiana soterrada nos escombros no Haiti, após nove dias do terremoto que arrasou o país. Para contar a “história”, Souza utilizou texto, imagens e som.

No exemplo acima, uma observação importante é que o jornalista possui outros canais de comunicação com o seu leitor, convidando-o a acessar o Twitter do *blog*<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> Ana Zizi demonstra a Jobim que eufemismos existem. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em: <[http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai. 2010.

<sup>41</sup> O Twitter do *blog* do Josias de Souza tem o endereço @*blogdojosias*. Disponível em: <<http://twitter.com/blogdojosias>>. Acesso em: 17 aug. 2010.

Outro destaque no *Blog* do Josias de Souza é o fato deste citar outras mídias, principalmente os veículos impressos de comunicação. Souza, em seu *blog*, tem uma sessão chamada “Manchetes do Dia”, na qual ele destaca as manchetes dos principais veículos de comunicação impresso como: Globo, Estado de S.Paulo, Jornal do Brasil, Correio Brasiliense, Valor Econômico, Jornal do Commercio, Folha de S. Paulo, entre outros. Muitos destes veículos ele utiliza o seu nome mais conhecido, exemplo de “Folha de S. Paulo”, que ele destaca apenas como “Folha”, que faz o leitor deduzir que se trata do jornal paulista de maior circulação no país.

#### As manchetes desta quarta<sup>42</sup>



- **Globo:** Haitianos fogem em massa e deixam os EUA em alerta
- **Estadão:** EUA e ONU ampliam força militar no Haiti
- **JB:** Brasil perde trampolim para os EUA
- **Correio:** Em meio ao caos, um pouco de esperança
- **Valor:** Grande empresa volta a investir em tecnologia
- **Jornal do Commercio:** TRE pressionado a anular concurso

Leia os destaques de capa de alguns dos principais jornais do país.

Escrito por Josias de Souza às 02h54

Entre os assuntos tratados no *blog* estão: “Terremoto no Haiti” (que aconteceu no dia 12 de janeiro de 2010), Eleições presidenciais no Brasil; cenário político brasileiro, como eleições na Câmara do Distrito Federal após “escândalo da meia” entre vice-governador e

---

<sup>42</sup> Manchetes desta quarta. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em: <[http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai. 2010.

governador do Estado, entre outros assuntos. A maioria destes assuntos são pautados pelas outras mídias, principalmente a imprensa, uma característica aos *blogs* jornalísticos brasileiros. Quando não são pautados, estes *blogs* publicam textos idênticos aos veiculados em outras mídias. Os textos nos *blogs* possuem em sua maioria dois tipos de fontes, as agências internacionais de notícias e os veículos de comunicação (jornais, revistas, TV, rádio, e outros *sites* ou *blogs*).

O conteúdo no *Blog* do Josias de Souza é personalizado e contém um tom irônico e pessoal do seu autor, como no *post* “Congresso aprova reforço da tropa do Brasil no Haiti”<sup>43</sup>, de 25 de janeiro de 2010, mostrando imagem em movimento de deputado dormindo em plenário, onde se discutia o envio ou não de soldados do Brasil ao Haiti.

Como dito anteriormente, os textos nos *blogs* são multimídias e podem conter num mesmo espaço, texto, imagem (vídeo) e foto, como nos *posts* “Em Pernambuco, Lula diz que rivais fazem politicalho”<sup>44</sup> e “No Haiti de hoje, até simples enterro vira ‘saga’”<sup>45</sup>. Este último há dois vídeos e texto, os quais falam da situação precária do Haiti, além de publicar, neste contexto, imagens do Fórum Social Mundial e o discurso do presidente Lula no Fórum, no qual ele sugeriu um ano de solidariedade ao povo do Haiti. Outra observação percebida não só no *Blog* do Josias de Souza é que a mídia “esfriou” o assunto do Haiti, logo após o país em questão declarar oficialmente encerrada as buscas por sobreviventes nos escombros, no dia 29 de janeiro.

No *post*, “De volta ao Haiti, militares ‘assassinam’ as saudades”, de 31 de janeiro, logo no título é usada uma figura de linguagem para descrever o momento que soldados brasileiros retornam do Haiti após missão.

---

<sup>43</sup> Congresso aprova reforço da tropa do Brasil no Haiti. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em: <[http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai. 2010.

<sup>44</sup> Em Pernambuco, Lula diz que rivais fazem politicalho. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em: <[http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai. 2010.

<sup>45</sup> No Haiti de hoje, até simples enterro vira ‘saga’. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em: <[http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em: 22 mai. 2010.

31/01/2010

### De volta do Haiti, militares ‘assassinam’ as saudades<sup>46</sup>

Lula

Marques/Folha



Por mais que evolua, a ciência ainda não conseguiu inventar uma vacina contra a saudade.

Para matar a saudade, por ora, só mesmo a presença física, o afago, o boca a boca...

De volta do Haiti, 50 militares brasileiros promoveram em Brasília um "massacre" à saudade.

O repórter Lula Marques registrou o "ataque". Repare lá no alto.

Por sorte, a tropa estava inteira. Passara incólume pelo terremoto de 19 dias atrás.

- *PS.*: Siga o blog no twitter.

Escrito por Josias de Souza às 23h18

---

<sup>46</sup> De volta ao Haiti, militares “assassinam” as saudades. *Blog* do Josias de Souza. Disponível em:< [http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01\\_2010-01-31.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-01-01_2010-01-31.html)>. Acesso em:22 mai. 2010.

A figura de linguagem é empregada como estratégia do jornalista para conseguir determinado efeito em seus leitores e quem sabe aproximar deste. Desta forma, tornar o texto uma espécie de diálogo, com o uso de expressões mais coloquiais.

### **b) Blog do Noblat**

A principal observação ao se analisar o *blog* do jornalista Ricardo Noblat é a quantidade de *posts* diários, cerca de 40 a 45. Com exceção do dia 13 de janeiro, um dia após o terremoto no Haiti, em que o *blog* teve mais de 60 *posts* publicados. A quantidade significativa de *posts* se deve ao fato do jornalista ter uma equipe que colabora no *blog*, além de outros colaboradores convidados para escrever textos em uma das sessões do mesmo. No *blog*, boa parte dos textos publicados são republicações do que foi veiculado em outros veículos de comunicação.

Entre as sessões do *blog* estão: “Frase do Dia”, “Artigo” (geralmente de algum convidado), “Hora do Recreio” (vídeos do *Youtube*), “Enquete”, “Deu na Folha de S. Paulo”, “Cartas de Berlim” (escrito por jornalista e ilustradora brasileira que mora na Alemanha desde agosto de 2009), “Obra prima do dia” (textos sobre obras de arte); “Deu em O Globo”; “Comentário”, “Charge”, “Deu no Correio Brasiliense”, “Música do Dia”, “Agenda do Lula”, “Poema da Noite”, “Deu em Época” “Vale a pena acessar” (dicas de *blogs*, *sites*), “Calçada da fama”, “Em primeira mão”, entre outras.

Nem sempre o conteúdo no *Blog* do Noblat é noticioso. O jornalista permite-se publicar assuntos sobre sua vida pessoal, como a sessão “Pois é”, com fotos de “futuros pretendentes” de sua neta Luana de 2 anos. Desta forma, o *blog* do jornalista cria, a partir deste exemplo, um discurso pessoal (RECUERO, 2005, p. 2). O exemplo do dia 18 de janeiro de 2010, o jornalista escreve o post “Diário de Avô – Memorial de Luana”<sup>47</sup>, com fotos atuais da neta, relatando sobre as travessuras dela. Em 2008, Noblat escreveu uma sessão chamada “Diário do Avô”, no qual contava, em forma de diário, suas expectativas e memórias sobre a sua então futura situação de avô e sobre a infância da filha, que lhe daria sua primeira neta.

---

<sup>47</sup> Diário de Avô – Memorial de Luana. Blog do Noblat. Post de 18 jan. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/18/memorial-de-luana-258308.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

Assim como no *post*, “Diário de Avô – E assim se passaram dois anos”<sup>48</sup>, no qual Noblat recorda do aniversário de 2 anos da neta e publica uma seleção de músicas que foram a trilha sonora que ele criou para ela.

Assim como os demais *blogs* aqui analisados, o *Blog* do Noblat tem como foco principal o tema política, porém não se restringe a ele. Os principais assuntos abordados no período analisado foram: o terremoto no Haiti; os acidentes em Angra dos Reis (RJ), e a consequente falta de pronunciamento, num primeiro momento, do governador do RJ, Sérgio Cabral; enchentes em São Paulo; Eleições presidenciais 2010 (a disputa pelo cargo de Presidente da República), doações e eleições; Lançamento do filme sobre o Presidente Lula; Escândalo Político de Arruda, governador do Distrito Federal (e os desdobramentos deste fato); Demissão do presidente do Banco Central argentino; Programa Nacional dos Direitos Humanos (e sua polêmica); *Fashion Rio*.

Inclusive, com este último assunto ligado à moda, este é pouco explorado no *Blog* do Noblat. No dia 8 de janeiro de 2010, Noblat publica na sessão, Foto do Dia, uma imagem do ator Rodrigo Santoro desfilando para o evento de moda no Rio de Janeiro:

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**8.1.2010 - | 22h59m**

**A foto do dia**

**Rodrigo Santoro abre desfiles do *Fashion Rio***<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Diário de Avô – E assim se passaram dois anos. *Blog* do Noblat. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/23/e-assim-se-passaram-dois-anos-258757.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

<sup>49</sup> Rodrigo Santoro abre desfiles do *fashion Rio*. *Blog* do Noblat. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/08/rodrigo-santoro-abre-desfiles-do-fashion-rio-256076.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.



Rodrigo Santoro desfilou para a Ausländer (Foto: **Flavio Moraes/G1**)

Do **G1**:

O ator Rodrigo Santoro surpreendeu o público ao aparecer na passarela na abertura do *Fashion Rio*, nesta sexta-feira (8), no *Pier Mauá*. Santoro encerrou o desfile da grife Ausländer, que trouxe uma coleção inspirada no rock gótico.

Ao som de “*I wanna rock’n’roll all night*”, do Kiss, o ator desfilou vestindo calça jeans, tênis e camiseta preta com os dizeres “*There isn’t life without Blackberry*” (Não existe vida sem *Blackberry*), além de acessórios em couro e espinhos de metal, nos ombros e nas mãos.

A Ausländer trouxe referências ao sadomasoquismo, com espinhos adornando as cabeças dos modelos, botas pretas de cano alto e salto agulha e máscaras negras de tricô. A marca também apostou em jeans escuros, peças em couro e transparências.

Outra característica do *Blog* do Noblat é a republicação das matérias que saíram em outras mídias, o que também explica a quantidade significativa de *posts* publicados por dia. Exemplo do *post* acima destacado, que foi uma notícia publicada originalmente no portal de notícias G1.

Neste período de análise, o *blog* deu ampla cobertura à tragédia no Haiti, e a maioria dos *posts* publicados sobre o fato eram republicações de outras mídias:

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**12.1.2010**

**/ 22h24m**

### **Tremor de magnitude 7,3 atinge o Haiti**<sup>50</sup>

De **O Globo**, com **Agências Internacionais**:

Um forte terremoto de magnitude 7,3 atingiu o litoral do Haiti nesta terça-feira, informou o Serviço Geológico dos Estados Unidos. Um réplica e uma tréplica de magnitudes 5,9 e 5,5 foram sentidas na região logo em seguida.

Há informações de que prédios, entre eles um hospital em Petionville, desmoronaram logo em seguida. Ainda não há número oficial de vítimas, mas a imprensa local já fala em pelo menos 50 feridos. Telefones fixos e celulares não estão funcionando, segundo o porta-voz do departamento de Estado dos Estados Unidos, Charles Luoma-Overstreet.

O embaixador do Haiti para os Estados Unidos, Raymond Joseph, conversou, de seu escritório em Washington, com o chefe de gabinete do presidente Rene Preval, Fritz Longchamp, logo após o primeiro tremor.

Segundo Joseph, Longchamp disse que "edifícios estavam ruindo por todos (sic) lados" próximo ao palácio nacional. Joseph disse que o tremor é uma "catástrofe de enormes proporções".

Leia mais em: [Tremor de magnitude 7,3 atinge o Haiti](#)

Após cada publicação (que é uma republicação em alguns casos) o jornalista coloca um “Leia Mais”. A característica de republicação, presente no *Blog* do Noblat, reconfirma o fato de que muitos textos na internet são idênticos (no caso de Noblat é uma cópia) de conteúdos oriundos na sua maioria de fontes como agência de notícias e outros sites e/ou veículos de comunicação.

Quanto ao conteúdo, fora os *posts* que são republicações, Noblat inova com algumas sessões, como o concurso que ele promoveu no *blog* no início do ano chamado, “Onde está Cabral?”. Nesta sessão, o jornalista ironiza (muito raro perceber essa característica nos textos dele) o fato do governador do Rio de Janeiro ter sumido bem no momento mais crítico vivido pela população fluminense, com a tragédia em Angra dos Reis e em outras cidades do Estado. Neste contexto, o jornalista publica fotos que lembram “onde está o Wally?”.

---

<sup>50</sup> Tremor de magnitude 7,3 atinge o Haiti. *Blog* do Noblat. Disponível em:<  
<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/12/tremor-de-magnitude-7-3-atinge-haiti-257093.asp>>.  
Acesso em: 24 mai. 2010.

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**1.1.2010**

**/ 22h48m**

**Concurso - Onde está Cabral?**<sup>51</sup>

Lula tentou, hoje, falar com o governador Sérgio Cabral sobre a tragédia de Angra dos Reis. Não conseguiu. Falou com o vice Luiz Fernando Pezão.

Outros governadores tentaram - sem sucesso. Queriam prestar solidariedade a Cabral e oferecer seus préstimos.

A assessoria de Cabral informa que ele estará amanhã cedo em Angra dos Reis - mas não diz onde ele está agora.

Onde você imagina que possa estar Cabral?

Responda no espaço de comentários deste post.

Atualização das 22h59min - Do Kibeloco: "A única desculpa aceitável para o sumiço do governador Sérgio Cabral é ter passado o réveillon na Ilha Grande."

Atualização das 23h09min - Engrossa a corrente dos que estão preocupados com o paradeiro de Cabral. Acaba de ser postado no site **Eramos6**:



<sup>51</sup> Concurso – Onde está Cabral? *Blog do Noblat*. Disponível em:<  
<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/default.asp?periodo=20100101>>. Acesso em:24 mai. 2010.

Atualização das 23h10min - Sugestão do jornalista **Altino Machado**, do Acre: "Por que o governador José Roberto Arruda não faz como o governador Sérgio Cabral?"

Atualização das 23h24min - Contribuição do leitor **Raimundo Facó**, do Ceará, aos esforços para a localização de Cabral:

Outra percepção no *blog* é a atualização frequente, como no exemplo do *post* acima, no qual há contribuições de outros *sites*, *blogs* e de leitores.

O *post* "Isso é uma vergonha, Boris"<sup>52</sup>, mostra outra inovação no *Blog* do Noblat, no caso, o jornalista faz uma analogia ao bordão utilizado pelo apresentador Boris Casoy. O *post* de 1º janeiro de 2010 refere-se ao *off* (no caso, uma locução sem imagem) do apresentador que fala mal e de forma preconceituosa aos garis de uma mensagem de feliz ano novo apresentada no intervalo comercial da TV Bandeirante.

A sessão "Primeira mão" é uma inovação de veicular a informação no *Blog* do Noblat. Aparentemente, o jornalista publica nesta sessão, notícias em primeira mão, como o exemplo do *post* abaixo:

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**2.1.2010**

**/ 10h08m**

**EM PRIMEIRA MÃO**

Com vocês, a voz romântica de Roberto Jefferson...<sup>53</sup>

<sup>52</sup> Isso é uma vergonha. *Blog* do Noblat. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/01/isso-uma-vergonha-boris-254135.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

<sup>53</sup> Em Primeira mão – Com vocês a voz romântica de Roberto Jeffersson. *Blog* do Noblat. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/02/com-voces-voz-romantica-de-roberto-jefferson-254189.asp>>. Acesso em:24 mai. 2010.



Está pronto e será mixado em breve o cd gravado pelo ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) para distribuição entre amigos.

Jefferson fará 500 cópias dele. São 12 canções americanas, acompanhadas por orquestra, todas elas cantadas em inglês.

Tem "My Way", sim, que dá nome ao cd. Como não haveria de ter?

Tem "New York, New York", sim senhor. E tem "She".

No segundo semestre de 2005, entre audiências em CPIs sobre o escândalo do mensalão e depoimentos no Conselho de Ética da Câmara, Jefferson treinou a voz cantando trechos de óperas.

Os vizinhos de apartamento dele em Brasília não parecem ter gostado. Mas ele gostou. A idéia do cd nasceu depois.

Sem mais delongas, na voz de Jefferson, um dos sucessos gravados por Frank Sinatra - Fly Me To The Moon

Outro exemplo da participação do leitor no *Blog* do Noblat é na sessão “Calçada da fama”, com textos de leitores enviados ao jornalista. No *post* a seguir destacado, do leitor que assina “Boca de Sifão”, é sobre um evangelho criado para o Presidente Lula:

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**3.1.2010**

**/ 18h53m**

**Calçada da Fama**

**O novo Evangelho**<sup>54</sup>

Do leitor que se assina **Boca de Sifão**:

<sup>54</sup> O novo evangelho. *Blog* do Noblat. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/03/o-novo-evangelho-254361.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

1. No princípio Lula criou os céus e a terra.
2. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Lula se movia sobre a face das águas.
3. E Lula disse: Haja luz; e houve luz.
4. E Lula viu que era boa a luz; e Lula fez a separação entre a luz e as trevas.
5. E Lula chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.
6. E disse Lula: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.
7. E Lula fez a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.

No *Blog* do Noblat, pouco se vê do jornalista quanto a textos de sua autoria. Mas quando ele publicar algo escrito por ele vê-se algo bastante pessoal e crítico. No texto de 11 de janeiro de 2010, Noblat faz crítica ao governo de Lula e adapta no título, um bordão criado pelo então ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, Rubens Ricúpero.

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**11.1.2010**

**/ 14h45m**

**Comentário**

**O bom a gente assume, o ruim divide com os outros**<sup>55</sup>

Os pelos do governo Lula se eriçam quando se diz que ele deu continuidade à política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso e a várias de suas ações.

Não, não deu. O governo Lula inaugurou o país. É pelo menos como gostaria de ser visto.

Mas no caso do Programa Nacional dos Direitos Humanos, que sofre forte oposição da Igreja, das Forças Armadas, da mídia e até de ministros de Estado, a conversa é outra.

Apressa-se o governo a declarar por meio de seus porta-vozes habituais que se trata de mero desdobramento do programa criado pelo governo passado.

Agiria assim se o programa não tivesse sido tão mal aceito?

Claro que não.

---

<sup>55</sup> O bom a gente assume, o ruim divide com os outros. *Blog* do Noblat. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/11/o-bom-gente-assume-ruim-divide-com-os-outros-256537.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

O que é bom a gente assume, o que é ruim divide com os outros - esse parece ser o caso.

Uma adaptação da máxima cunhada no passado pelo então ministro da Fazenda do governo Itamar Franco, Rubens Ricúpero:

- O que é bom a gente mostra, o que é ruim esconde.

Coerência, de fato, não é o forte dos governos - de nenhum deles.

O *Blog* do Noblat é também um canal de comunicação do jornalista com seus leitores. Como afirma Recuero (2005, p. 1), Noblat cria um espaço discursivo com o leitor. Muitas vezes essa comunicação é até de forma um tanto agressiva, como no *post* “Pai, perdoai! Eles não sabem o que dizem”<sup>56</sup>, de 5 de janeiro de 2010, sobre a falta de paciência que ele têm com os comentários e críticas maldosos ao seu *blog*. Outras vezes são textos que comunicam o número de comentários alcançados pelo *blog*, como no *post* do dia 6 de janeiro de 2010, destacado a seguir:

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**6.1.2010**

**/ 11h42m**

**Como vocês trabalham!**<sup>57</sup>

**2007**

total de comentários: 464.490

**2008**

total de comentários: 339.433

**2009**

total de comentários: 482.961

Em 2008 tivemos uma queda de 26,92% no número de comentários em relação a 2007. No ano passado, um crescimento de 42,28% em relação a 2008.

Média de comentários por dia

**2007 - 1.272**

**2008 - 929**

**2009 - 1.323**

Agradeço a todos.

<sup>56</sup> Pai, perdoai! Eles não sabem o que dizem. *Blog* do Noblat. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/05/pai-perdoai-eles-nao-sabem-que-dizem-254908.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

<sup>57</sup> Como vocês trabalham. *Blog* do Noblat. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/06/como-voces-trabalham-254948.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

O jornalista também se utiliza de outras redes sociais como canal de comunicação com seus leitores. O *Twitter* é o outro canal da rede no qual o jornalista se comunica com seus leitores. A troca de informação entre jornalistas e leitores e vice versa, torna evidente a estrutura desta rede. Em 27 de janeiro de 2010, Noblat anuncia que o seu *Twitter*<sup>58</sup> tem mais de 25 mil seguidores.

**Enviado por Ricardo Noblat -**

**27.1.2010**

**/ 19h48m**

**Twitter do blog atrai mais de 25 mil seguidores**<sup>59</sup>

O twitter do blog do Noblat bateu, esta tarde, a casa dos 25 mil seguidores. Agradeço o interesse e a confiança de todos.

Pelas características e análise apresentadas acima, pode-se afirmar que o *Blog* do Noblat, em boa parte, é do tipo *clipping*, ou seja, filtra a informação. O mesmo pode ser um repositório de informações. O jornalista é um *problogger*, como afirma Primo (2008 b, p. 4), é aquele que atua basicamente na atualização e manutenção do seu *blog*.

### **c) *Blog do Luis Nassif/ Luis Nassif online***

No momento de análise desta pesquisa, Luis Nassif mudou de portal ao qual seu *blog* estava vinculado. Anteriormente este estava no Portal IG e depois, (no período de finalização desta pesquisa) transferiu-se para o Portal Brasileira.org e passou se chamar Luis Nassif *online*. Diferente de Noblat, Luis Nassif publica *posts* com menor quantidade, mas estes são freqüentes (assim como no *Blog* do Noblat).

O jornalista, assim como Ricardo Noblat, tem paixão pela música e diariamente publica vídeos musicais. Tanto Luis Nassif como Ricardo Noblat se pautam e publicam *posts* com a mesma temática. O jornalista fez cobertura sobre a tragédia no Haiti, ocorrida naquele

<sup>58</sup> Twitter do Blog do Noblat é @Blog donoblat. Disponível em:< <http://twitter.com/BlogdoNoblat>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

<sup>59</sup> Twitter do *blog* atrai mais de 25 mil seguidores. *Post* de 27 de janeiro de 2010. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/27/twitter-do-blog-atrai-mais-de-25-mil-seguidores-261168.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

país no dia 12 de janeiro de 2010, assim como o *Blog* do Noblat. A característica de um *blog* pautar o outro, ou de pautar outro veículo de comunicação, ter esse interdiscurso, é o que caracteriza a blogosfera. Assim como textos originários de outros veículos de comunicação, como o *post* abaixo destacado, no qual o jornalista pauta a CNN World. Como afirma Moretzsohn (2002, p. 133-134), os textos escritos na internet são idênticos e oriundos na sua maioria de duas fontes, as agências internacionais de notícia, ou são “rapinagem pura e simples”. O mesmo se pode aplicar no caso dos *blogs* e no exemplo abaixo:

### **Painel internacional**

Enviado por Luis Nassif, qui, 14/01/2010 - 09h09min.

#### **Ajuda da República Dominicana ao Haiti alivia tensões históricas<sup>60</sup>**

A República Dominicana foi o primeiro país a dar ajuda ao Haiti no rescaldo do devastador terremoto de terça-feira. Algumas das primeiras imagens de vídeo da capital haitiana Port-au-Prince vieram de uma equipe de televisão dominicana. Diante disso, a rápida reação do vizinho do Haiti não parece surpreendente, dada a sua proximidade. Mas, historicamente, um intervalo muito mais amplo nas relações tem existido entre o Haiti e a República Dominicana desde os tempos coloniais. A manifestação de apoio da República Dominicana ao Haiti é um lembrete de como o legado menos que amigável entre as duas nações foi profundamente enterrado. Algumas tensões ainda existem entre cidadãos dos dois países. Os dominicanos lembram como estiveram sob o regime haitiano, no período de meados de 1800, e como repetidamente lutaram contra as agressões haitianas. Hoje, os haitianos fornecem mão de obra barata na República Dominicana, tendência que causou ressentimento em ambos os lados, não diferente do debate sobre imigração ilegal nos Estados Unidos. Mas, tanto quanto os próprios países estão oficialmente ligados, "as relações estão em um ponto alto, comparado com 20 ou 30 anos atrás", disse à CNN Ernesto Sagas, professor associado de estudos étnicos da Colorado State University, "As relações entre os países, em nível presidencial, estão elevadas".

O *blog* de Luis Nassif tem algumas sessões: “Fora de pauta”, “Vídeos do dia”, “Trivial de...”, “Painel Internacional”, uma semelhança também com o *Blog* de Noblat que segue este formato semelhante dos meios impressos.

O conteúdo, em sua maior parte é noticioso, mas há muita participação dos leitores com conteúdos produzidos por estes. O Luis Nassif *Online* permite que o seu conteúdo seja compartilhado em outras redes sociais na *web*. No final de cada texto, observam-se pequenos

---

<sup>60</sup> Painel Internacional - Ajuda da República Dominicana ao Haiti alivia tensões históricas. Luis Nassif *Online*. Disponível em: < <http://www.advivo.com.br/archive/201001?page=3>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ícones com “caminhos” que levam os usuários às redes sociais como: *Facebook*, *MySpace*, *Twitter*, *Bookmark*, entre outras. A forma de comunicação dos blogueiros jornalistas com seus leitores por meio de outras redes sociais demonstra o *blog* como espaço de compartilhamento de informações e um espaço de troca.

Assim como o *Blog* do Noblat, Luis Nassif tem no final de cada *post* um “leia mais”. Diferentemente do “leia mais” de Noblat, que leva o usuário a notícia em outro sítio, no Luis Nassif *Online* direciona os leitores aos comentários.

O *layout* do Luis Nassif *Online* tem uma estrutura mais limpa e apresenta em sua barra lateral direita apenas informações sobre o jornalista, os mais lidos da semana, arquivo do *blog* e uma janela para pesquisa de palavras-chave ou conteúdo específico.

A principal característica presente no Luis Nassif *Online* é a presença dos leitores que mais parecem seus colaboradores, como especificado acima. A partir desta característica, fica clara a existência do interdiscurso construtivo no Luis Nassif *Online*, que gera o debate, diálogo, construção e cooperação (RECUERO, 2005, p. 3-4). Os leitores do jornalista são também autores de textos do *blog*, como exemplo do *post* abaixo:

**O sistema prisional brasileiro<sup>61</sup>**

Enviado por luis nassif, qua, 27/01/2010 - 12h08min

**Por luzete**

Prisões

O advogado criminalista mostra no livro “A Prisão” as falhas do sistema prisional brasileiro e traz dados que nos permitem comparar e compreender a situação nos Estados Unidos.

Destaco de artigo publicado na folha, estas passagens:

“Nossos números (referência ao Brasil) são aparentemente modestos se o parâmetro de comparação é o sistema prisional dos Estados Unidos da América, que, em 30 de junho do ano 2000, abrigava 1.931.859 presos.

...

Além da população encarcerada, uma quantidade assombrosa de homens e mulheres, mais de 4,5 milhões, estava sob a vigilância do sistema punitivo norte-americano (ameaçados de prisão no caso de não-cumprimento das exigências impostas pela Justiça), em regime de suspensão da pena privativa de liberdade (*probation*) ou em liberdade condicional (*parole*) em dezembro de 2000.

////

---

<sup>61</sup> O sistema prisional brasileiro. Luis Nassif *Online*. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/archive/201001?page=1>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

O jornalista também se utiliza como já mencionado, a republicação de matérias de outros veículos. No caso, Nassif se utiliza de várias fontes: O Globo, O Estado de S. Paulo, Valor Econômico, *The Guardian*, *New York Times*, entre outros.

A inovação que se percebe no *blog* do Luis Nassif quanto à forma de fazer jornalismo, é quando este dá espaço para os seus leitores, não só com comentários, mas com vários textos publicados de autoria destes; sugestões e ideias como foram mostrados no exemplo acima e no texto seguinte, que apresenta como inovação, a forma diferenciada de estruturar o *post*:

***Trivial de Garrincha***<sup>62</sup>

Enviado por luis nassif, qua, 20/01/2010 - 18h16min

***Por Evandro Duarte***

Olá, nassif!

Hoje se completam 27 anos sem Garrincha, o anjo de pernas tortas – considerado por muitos o maior do mundo até hoje. Vale uma lembrança, não?

***Por Marco Nascimento***

A família do meu pai veio da cidade de Pau Grande para o Rio. Foi onde meu avô, paraense, conheceu minha avó, filha de italianos. Ambos trabalhavam na fábrica de tecidos América Fabril. Minha avó, Hilda, trabalhava nos teares.

No texto acima, este está estruturado em várias partes com comentários dos leitores sobre o aniversário de morte de Garrincha. Nassif vai além dos assuntos pautados pelos demais *blogs*.

Diferente de Noblat, Josias de Souza e de Reinaldo Azevedo (posteriormente aqui analisado) Nassif não expõe tanto a sua opinião. Em seu *blog*, vê-se o discurso pessoal com a abertura que o jornalista dá aos seus leitores, quando publica *posts* da autoria destes e quando publica sobre a sua temática preferida: música. O Luis Nassif *Online* é um espaço pessoal e este permite que seu autor crie uma plataforma ao invés de conteúdos. Os seus leitores, como aqui exemplificado, são os criadores de conteúdo (BRIGGS, 2006, p. 28).

---

<sup>62</sup> Trivial de Garrincha. Luis Nassif *Online*. Disponível em: <  
<http://www.advivo.com.br/archive/201001?page=2>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

#### d) *Blog do Reinaldo Azevedo*

Diferente de seus colegas blogueiros, o jornalista Reinaldo Azevedo assume uma postura mais egocêntrica. No *blog*, observa-se pouca participação de seus leitores, presentes em sua maioria nos comentários. Uma exceção em relação à postura egocêntrica dele é no *post* de 11 de janeiro de 2010, “O *Blog* e vocês- A carta compromisso de 2010”, uma espécie de compromisso do jornalista com seus leitores para o ano de 2010. No mesmo *post*, o jornalista afirma que, apesar de ser o seu retorno oficial das férias, nunca esteve afastado do *blog*, já que compareceu esporadicamente neste período direto de seu retiro.

No mesmo *post* aqui destacado, o jornalista anuncia o número de leitores que comentaram no período de suas “férias”.

#### **O BLOG E VOCÊS – A CARTA-COMPROMISSO DE 2010**<sup>63</sup>

**segunda-feira, 11 de janeiro de 2010 | 05h35min**

Estou de volta! Sem nunca ter ido, é bem verdade. Escrevi um texto me despedindo de 2009 e anunciando o meu retiro na praia. E afirmei que compareceria aqui de vez em quando. Pois é. Publiquei, no período das “férias”, 22 artigos, aos quais vocês acrescentaram, até agora, **7.116** comentários — não tenho como contabilizar centenas de outros em textos mais antigos. E, como se supõe, uns dois mil e poucos foram deletados: ou a indignação de muitos fez com que o bom pensamento fosse tisonado pela violência da linguagem, ou se tratava de manifestações vindas de lá, do mundo das sombras... E isso me dá o gancho para renovar um compromisso.

Em 2010, os petralhas continuarão longe do *blog*. Porque continuo a não querê-los aqui. Não posso impedir que me leiam, é claro, mas posso impedir, e o faço, que usem este espaço para o seu trabalho ou de pichação da divergência ou de mero proselitismo político-partidário. Para tanto, eles dispõem dos *blogs* dos subjornalistas a soldo. Por que insistem em ocupar este espaço? A minha pergunta é retórica. Eu conheço muito bem a resposta: nem eles próprios suportam o grotesco espetáculo de mistificações a que se dedicam os *blogs* oficialistas. Se fosse sexo, diria que eles já não conseguem mais se excitar só com o auto-erotismo. Então tentam vir aqui em busca de emoções. E eu lhes colo o pé no traseiro. Viciados em rejeição, voltam sempre.

Alguns ainda tentam: “Ah, então você não aceita a divergência?” Aceito, e os leitores que me interessam sabem disso. Divergimos aqui sobre muitos assuntos — especialmente sobre aqueles que dizem respeito ao campo ético-religioso. E o debate é sempre respeitoso. Mas tenho um desprezo nada solene pela mentira, pelo engodo, pela mistificação. Tentam, por exemplo, em nome do dissenso, invadir esta página com suas

<sup>63</sup> O *blog* e vocês – A carta – Compromisso de 2010. *Blog* do Reinaldo Azevedo. *Post* de 11 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-blog-e-voces-%E2%80%93-a-carta-compromisso-de-2010/>>. Acesso em: 26 mai. 2010.

comparações estúpidas entre os governos FHC e Lula. Repetem o procedimento daquele coitado intelectual e moral que escreveu com artigo na página do outrora respeitado Diap (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar) exibindo números que seriam da revista *Economist* e que demonstrariam a suposta e estupenda superioridade da gestão petista. Os números eram da militância petista, não da revista inglesa. Eram falsos. O tal coitado assumiu que havia vendido o peixe conforme comprara e, aí sem número nenhum, continuou a sustentar a vantagem do governo petista. Corolário: seu compromisso era com o partido, não com a verdade.

Não quero isso aqui. Repudio esse tipo de vigarice. Não usarão, em nome do “outro-ladismo”, o meu blog para espalhar mentiras. E peço que vocês me ajudem na vigilância. São milhares de comentários por dia. Às vezes, um ou outro escapam do mata-burro. E conto com vocês para me ajudarem na faxina moral. Só lhes peço que, ao denunciar uma invasão, me dêem a indicação da data (importante!) e da hora.

Não quero esses tontos aqui. E não quero aqueles que sabem que estão violando princípios inegociáveis desta página. Este blog defende a democracia representativa, a economia de mercado, as liberdades públicas, as liberdades individuais, a pluralidade política e o estado de direito. Este blog acredita que a transgressão da lei democraticamente instituída em nome da justiça social só resulta em mais injustiça social e em menos democracia. É por isso que, por exemplo, invasões patrocinadas pelo MST são aqui tratadas segundo aquilo que são: banditismo. Esta página não reconhece a legitimidade política de quem não aceita o princípio constitucional do direito à propriedade. Este blog entende que não cabe ao Sr. João Pedro Stedile e a seus sequazes definir qual propriedade cumpre e qual não cumpre a sua “função social”.

Assim, em nome da dita “divergência”, é inútil tentar invadir o meu blog para defender as ilegalidades do MST, que buscam solapar o estado democrático e de direito. Este blog tem dono, é terra produtiva e estou armado com a tecla “deleta”. Eu não tenho compromisso nenhum com esse “outro lado” porque se trata do “outro lado da democracia”. E o outro lado da democracia é a tirania. O outro lado das leis democráticas é o crime. E eu quero que os tiranos e criminosos todos se danem, sejam eles de esquerda ou de direita.

Como já lembrei aqui, quando Pinochet morreu, encomendei a sua alma ao diabo. Mas os petralhas e as esquerdas certamente se preparam para tentar canonizar o quase-morto Fidel Castro tão logo ele receba o recado de que já era. A diferença entre os dois pode ser contada também em número de cadáveres: a ditadura chilena matou 3 mil pessoas; a de Fidel matou 100 mil. No entanto, Chico Buarque, por exemplo, o “guri” do comunismo do Leblon, certamente repudia Pinochet, mas toca violão — só porque não sabe tocar tuba — para Fidel. Pedem-me que tenha respeito intelectual por esse tipo de vigarista intelectual? Não mesmo!!! E isso nada tem a ver com a sua música. Ou tem: gente como Chico usa a sua competência numa área para tentar vender a sua delinqüência em outra. E eu tenho o mau hábito (para alguns) de chamar as coisas pelo nome que elas têm. E de dar nome aos bois e aos chicanos.

### **Confrontos**

Muitos dizem em momentos assim: “Pô, mas você ainda está com isso? Esse debate já não existe mais!” Respondo assim: “Uma ova!” Qual é o caldo de cultura intelectual que dá origem a uma estupidez como o tal Programa

Nacional de Direitos Humanos III? Por que um grupo de pessoas se considera no direito de impor a outros a sua versão da história, de esbulhar as leis, de propor a censura, a perseguição, a cassação da divergência? “Eles” continuam por aí e se consideram os ungidos, embora o seu discurso possa ter outra vestimenta. Tratarei do assunto em outro post. O tal programa vem eivado de inconstitucionalidades. Tenderiam a encontrar barreiras no Supremo. Mas há ali propostas que podem ser convertidas em projetos de lei. Se Lula fizer seu sucessor (sua sucessora), a chance de o Congresso aprovar leis que restrinjam a liberdade de imprensa será grande.

E nós vimos como a sociedade pode pisar nas próprias liberdades distraída, não é? Ainda que com os dois pés na areia — mas nunca com as duas mãos também —, este blog, creio, prestou um serviço relevante à democracia ao alertar para os vários ovos de serpente escondidos no programa do ex-terrorista Paulo Vannuchi, hoje secretário nacional de Direitos Humanos. Sei: quando escrevo “ex-terrorista”, alguns coleguinhas ficam chocados e meneiam a cabeça: “Esse Reinaldo é mesmo um radical!”. Não! Eu sou um realista. O Sr. Vannuchi é ex-terrorista como alguns são extorturadores. O agora defensor dos “direitos humanos” seguia uma cartilha da guerrilha que era um manual de terrorismo: ensinava como matar pessoas e tratava até de atentados a hospitais. Ele sabe disso. Eu sei disso. Boa parte da imprensa sabe disso. Se esta parte decide omitir o fato dos leitores, eu decido revelá-los. É por isso que existo. E é por isso que o meu blog é o que é. E é por isso que há, com efeito, quem odeie esta página e até seu autor. Como diria o poeta, se fosse outro, fazia-lhes a todos as vontades; assim como sou, tenham paciência. Ou vão para o diabo!

E qualquer novidade que este blog venha a apresentar terá o intuito de fazer com que ele continue a ser o que é. E eu continuarei a tratar a pontapés os mistificadores, os que tentam violar aqueles princípios inegociáveis e os que integram o projeto que pretende transformar o PT no “Moderno Príncipe”. E pouco me importa quem vai vencer as eleições. “Ah, mas então isso é uma igreja!”, tentam desdenhar este ou aquele. Ainda que fosse, cumpriria indagar: “Há gente incomodada com a liberdade religiosa?” Ainda que fosse, seria a igreja do homem universal. E, como todos sabem, na nossa “teologia”, o indivíduo tem primazia sobre o estado. Preferimos o individualismo ao coletivismo.

Vocês escolheram este blog, e sou grato por isso. Mas vocês só o escolheram porque sempre deixei claro que eu escolho os leitores que quero ter. Os petralhas pretendem espiar a nossa festa e a nossa celebração? Que espiem. Quem sabe, assim, expiem os seus pecados morais e éticos.

É isto: em 2010, vamos radicalizar a nossa opção pela clareza. Aquela clareza que deixou nu a peça totalitária do Sr. Paulo Vannuchi. Na primavera da vida, ele tentou a ditadura comunista com arma na mão. No outono, ele resolveu fazer do canetaço autoritário a sua arma. E eu lhe acertei o meio da testa simplesmente lendo a porcaria que ele produziu.

Vannuchi e seus amigos não gostam de jornalistas como eu. Mas eu também não gosto de homens públicos como Vannuchi e seus amigos. **MAS NÃO ESTAMOS EMPATADOS!!!** Uma das diferenças entre nós é que eu defendo a democracia, em que ele pode existir, e ele defende um regime em que certamente eu não existiria. Não que eu seja mais bonzinho do que ele. É que nos encontramos em estágios distintos de civilização.

Inequivocamente, voltei!

Outra exceção, quanto à participação dos leitores no *blog* do Reinaldo Azevedo, é o momento “Fala que eu te escuto, mas respondo”. Nesta espécie de sessão, o jornalista seleciona comentários e responde, ao seu estilo crítico, o que os leitores comentam. Exemplo do *post* de 18 de janeiro de 2010:

### **FALA QUE EU TE ESCUTO. MAS RESPONDO**<sup>64</sup>

**segunda-feira, 18 de janeiro de 2010 | 05h01min**

Respondi ontem, no espaço dos comentários, àquilo que alguns leitores escreveram. Decidi publicar o conjunto aqui. Não dá para fazer sempre, mas, de vez em quando, por que não? Fala que eu te escuto — e respondo, hehe.

*\*Carlos disse:*

O reconhecimento da contradição entre produção social e apropriação privada é um elemento básico do marxismo. Só quem nunca leu sequer uma única página de Lênin pode acreditar que ele ignore o valor humano-genérico da riqueza produzida pela sociedade capitalista. Lênin está acima dessa crítica que você fez.

#### **REINALDO RESPONDE**

“Produção social” é a casa da Noca! A noção de “produção social” é uma aberração civilizacional! Quanto a Lênin, ele realmente estaria acima da crítica se não estivesse na lata do lixo da história. Provavelmente fuzilando os adversários, fossem ele “brancos” ou comunas rebeldes. Acho sempre comovente quando vejo alguém seduzido por um facínora, que fazia profissão de fé na morte como profilaxia revolucionária. Errou, rapaz! Eu sou a pessoa que conheço que mais leu a obra desse animal, incluindo os marxistas da USP, que jamais leram uma linha porque são preguiçosos e porque, admito, Lênin é um porre. É que eu era muito CDF. Você também não deve ter lido. Tenho a benevolência de achar que, se o sujeito não é um canalha, passa a abominar Lênin tão logo o leia. Bem, mas há a chance de que você o tenha lido e tenha se deixado encantar. Você me entendeu, ou fui muito sutil?

*\*AriM disse:*

Reinaldo sou admirador, tanto, q penso ser seu amigo. Mas acredito firmemente q a humanidade seria melhor sem a Igreja Católica. Seria possível?

#### **REINALDO RESPONDE**

Pergunte às mulheres do antigo mundo helênico, as primeiras a aderir ao cristianismo. Elas o fizeram porque os maridos pararam de obrigá-las a fazer aborto; elas o fizeram porque a fidelidade no casamento dos maridos era mais positiva para a formação das famílias; elas o fizeram porque não se impunha mais sacrifício de crianças. Ou pergunte à própria alta filosofia da Grécia o que teria sido dela sem o neoplatonismo católico para preservá-la. Como saber o que poderia ter sido? O mundo seria melhor se tivessem vigorado as Leis de Esparta? Acho que não. Ou as do Império

<sup>64</sup> Fala que eu te escuto, mas respondo. Blog do Reinaldo Azevedo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fala-que-eu-te-escuto-mas-respondo-2/>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

Persa? Também acho que não. Ou mesmo as de Atenas? Duvido. Ou as dos vários barbarismos? O cristianismo foi a primeira idéia de alcance universal que declarou a igualdade entre todos os homens. Teve desvios lamentáveis, é verdade. Mas seu núcleo é uma aposta na tolerância. A Santa Inquisição foi uma desgraça? Foi, sim. Mas alguma outra idéia influente, inclusive a democracia grega, matou menos? É campeonato macabro? Não! O que me interessa, já que não podemos reviver a história com todos os seus fatores contingentes, é o que restou como núcleo e que construiu uma civilização: TOLERÂNCIA E RESPEITO AO HOMEM.

*\*Jaime Munoz disse:*

Caro Reinaldo,

Leio diariamente seu blog. Tenho grande admiração pela coragem e inteligência com que trata os problemas políticos. Concordo com a maior parte do que escreve. O assunto dos crucifixos nas repartições públicas é uma das raras exceções. O fato de eliminar crucifixos das R.Ps. não quer dizer que sejamos marxistas leninistas. Não quer dizer que vamos ser contra os crucifixos fora de repartições. Assim, explodir o Cristo está fora de cogitação. Se insistimos (sic) em preservar os crucifixos nas R.P. teríamos que concordar que crentes de outras religiões coloquem seus símbolos nas R.P. Se a moda pega, teríamos um museu de imagens num lugar que, pelo menos em teoria, é de trabalho.

#### **REINALDO RESPONDE**

Errado, meu caro! A minha frase geral sobre isso é a seguinte: não respeito religião mais nova do que o uísque que eu bebo. O crucifixo está no Brasil há 509 anos. Nunca escrevi que deva ser uma política lotar repartições com ele. Mas tirá-los do seu sossego é puro ato de preconceito e perseguição. É um absurdo tentarem negar a óbvia influência do cristianismo na nossa cultura e até no nosso ordenamento jurídico. E ele nos fez mais bem do que mal.

*\*Paulo Cesar Ferreira disse:*

Prezado Reinaldo, de Cristão para Cristão, respeito a sua opção, mas a Igreja Católica Apostólica RO-MA-NA, criada por Constantino, misturando elementos da religião pagã romana (rituais, estatuas de deuses, etc..), com uma das diversas correntes do cristianismo primitivo, repito, está paro o cristianismo assim como o PT está para a democracia. Falam em nome de Jesus, mas deturpam desde o início, até os dias de hoje, o Evangelho do Cristo. O PT fala em democracia, mas a intenção é destruí-la. Como Cristão, entendo que o uso de símbolos de qualquer religião pelo estado, está errado. Mas, a intenção por trás desta idéia é substituir o culto a Deus, pelo culto ao Partido.Taí (sic) o perigo!

#### **REINALDO RESPONDE**

Não sei de que confissão você é, mas acho a sua avaliação do catolicismo ligeira e desinformada. Mas você tem razão. A questão não é essa. Eu nem advoguei o caráter sagrado da Cruz ou algo semelhante. Falei de algo inquestionável: é parte da formação cultural brasileira. Se não pode ser imposto, e não pode, também não pode ser perseguido. E concordo: querem tirar o crucifixo e pôr no lugar a estrela e correlatos.

*\*Caio disse:*

Os prédios são do Estado. E o Estado é laico. Não acredito que isso ataque a fé pessoal das pessoas. Eu vejo sentido nessa proposta, apesar dos possíveis abusos que podem acontecer, como aconteceu na França ou na Turquia.

### **REINALDO IRONIZA**

Sei. Você é a favor de um autoritarismo decoroso, sem exageros.

*\*renildo disse:*

Por mim podem queimar todo símbolo religioso, começando por aquela desgraça de cristo redentor. Ser evolucionista e agnóstico não é privilégio só dos comunistas, e sim dos que não precisam de um deus para se justificar no mundo.

### **REINALDO OBSERVA**

Seu comentário, vênha máxima, é uma boçalidade. Eu o mantenho só para lembrar que o Talibã, no Afeganistão, mandou dinamitar os budas esculpidos na rocha, que estavam lá havia alguns séculos. Entendeu o que eu quis dizer ou quer que eu desenhe? Vou desenhar: o seu agnosticismo, ou seja lá que nome tenha essa estupidez, é igual à religião dos talibãs, que eles dizem ser islamismo...

*\*Roberto disse:*

Não, Reinaldo.

Sou ateu e cético.

Não sou petista, de esquerda, nada disso: sou apolítico. Anulo meu voto desde os 18 anos, etc.

### **REINALDO OBSERVA**

Seu comentário vai até aqui. O resto, eu cortei. Porque ele não prova o seu ateísmo. Lamento dizer que ele só prova a sua falta de limites e de cuidado com a crença alheia. No caso, você ofende a minha. Mas eu não permitiria ofensa a qualquer outra. Se você quer se referir daquele modo a religiões, procure outro blog. Você não precisa se deixar incomodar neste. É muito simples. No geral, seus comentários, concorde eu com eles ou não, são civilizados. Você passou da conta e deveria ter clareza disso. Na sua idade, recorrer àquela linguagem não é prova de coragem, mas de tolice. Deixe a irresponsabilidade para os moços. Neles, pode ser até engraçado. Para alguém com 48 anos, como eu, ou sei lá com quantos, como você, certo vocabulário cai tão bem quanto a gente andar por aí com o elástico da cueca à mostra.. Lamento o seu tom. E, se quiser saber, lamento que tenha forçado a barra e provocado o meu. Seja mais responsável com o que você, visivelmente, desconhece. Ademais, não precisamos brigar. Basta que a gente não se frequente. A escolha é sua.

*\*Marcelo José Gonçalves disse:*

A França acabou com símbolos religiosos e nem por isso virou autoritária...

### **REINALDO OBSERVA**

Depende do que se entenda por “virar autoritária”. Certo pensamento francês é bom de mentira. Tanto que transformou um tirano homicida como Robespierre em herói da democracia.

\**Tchelo* disse:

Reinaldo.

Não entendo por que você escreve que foi o primeiro a comentar esse ou aquele assunto. Você é bom, muito bom, mas não precisa ficar escrevendo isso com tanta frequência, é chato.

### **REINALDO RESPONDE**

É...Como eu disse antes de todo mundo, às vezes, eu sou chato!

No *post* acima, fica claro os posicionamentos ideológicos e religiosos de Azevedo, que não tem pudores de mostrá-los, apesar de isso ir contra o jornalismo dito imparcial ou um procedimento jornalístico padrão. Ele inverte alguns procedimentos jornalísticos vigentes. Como afirma Traquina (2005, p. 125), o jornalismo deve fornecer fatos e não opiniões, mas o *blog* do jornalista vem a ser um espaço mais opinativo, do que informativo, expondo também fatos e opiniões pessoais; como é comum entre os *blogs* em geral e, nos jornalísticos aqui analisados. Segundo Traquina (2005), há um *ethos* jornalístico que afirma que a imprensa não julga as ações governamentais, apenas as revela e demonstra. No *Blog* do Reinaldo Azevedo vê-se revelar, demonstrar e julgar muitas vezes as ações do governo Lula (principalmente) e de demais políticos.

Uma característica observada no *Blog* do Reinaldo Azevedo e que tem o *post* “O *Blog* e vocês – A carta compromisso de 2010” citado aqui como exemplo, é o uso de bordões e o tipo de linguagem empregada. O jornalista, em alguns momentos, usa-se de expressões peculiares a ele, assim como uma linguagem um tanto rebuscada misturada à uma quase chula. No texto, destacam-se as expressões: “mundo das sombras, se referindo aos apoiadores de Lula ou contrários às suas ideias (ele é um tanto narcisista); “petralhas”, refere-se aos petistas ou simpatizantes do partido e/ou governo.

Quanto à linguagem mais chula, no *post* citado, destaca-se o seguinte trecho:

Em 2010, os petralhas continuarão longe do blog. Porque continuo a não querê-los aqui. Não posso impedir que me leiam, é claro, mas posso impedir, e o faço, que usem este espaço para o seu trabalho ou de pichação da divergência ou de mero proselitismo político-partidário. Para tanto, eles dispõem dos blogs dos subjornalistas a soldo. Por que insistem em ocupar este espaço? A minha pergunta é retórica. Eu conheço muito bem a resposta: nem eles próprios suportam o grotesco espetáculo de mistificações a que se dedicam os blogs oficialistas. Se fosse sexo, diria que eles já não conseguem mais se excitar só com o auto-erotismo. Então tentam vir aqui em busca de

emoções. E eu lhes colo o pé no traseiro. Viciados em rejeição, voltam sempre [...] <sup>65</sup>

No trecho acima, também se vê exemplos da linguagem também mais erudita, com o uso de vocábulos como, “mistificações”, “proselitismo” (se referindo ao trabalho dos partidos políticos). Portanto, o *blog* do jornalista tem uma liberdade no emprego do tipo de linguagem, que segue um estilo pessoal de escrever, que mistura o erudito, o coloquial e grosseiro, até mesmo num mesmo *post*.

Entre os assuntos tratados no período de análise foram os seguintes: a polêmica do Programa Nacional dos Direitos Humanos; Terremoto no Haiti e assuntos relacionados ao acontecimento, como a morte de Zilda Arns; as enchentes em São Paulo e Rio de Janeiro, e os seus desdobramentos.

Os *posts* publicados, em sua maioria, são de autoria de Reinaldo Azevedo, escritos em primeira e segunda pessoa. Como é de característica dele, não poupa nas críticas, até mesmo nos textos que são originários de outras fontes. Neste segundo tipo de texto, Azevedo publica a matéria original e posteriormente expõe o seu comentário. Exemplos das explicitações a seguir:

**ZILDA ARNS: A MÁRTIR EM DEFESA DA VIDA QUANDO ESTÃO EM EVIDÊNCIA OS MENSAGEIROS DA MORTE** <sup>66</sup>

quarta-feira, 13 de janeiro de 2010 | 16h07min

A médica e militante católica Zilda Arns e outros 11 militares morreram no terremoto do Haiti. Falarei sobre o sentido, ou falta dele, da missão brasileira naquele país em outro *post*. Quero centrar minhas atenções um tantinho em Zilda.

Todos conhecem o formidável trabalho que esta mulher fez à frente da Pastoral da Criança. Uma ação de inequívoco apelo social, mas também de grandeza moral. Em vez de usar as dificuldades da população pobre como matéria de proselitismo, a exemplo de um sem-par de ONGs movidas a vigarice política, Zilda seguia a máxima cristã: deixava-se conhecer pela Palavra, mas também pela obra. A famosa “farinha múltipla” salvou certamente milhares de vidas. Como poderia dizer o grande poeta Bruno Tolentino, não é “mundo como idéia” que faz a realidade; é a realidade que fornece os elementos para que possamos conceituá-la. Zilda, como se diz,

<sup>65</sup> O *Blog* e vocês – A Carta compromisso de 2010. Blog do Reinaldo Azevedo. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-blog-e-voces-%E2%80%93-a-carta-compromisso-de-2010/>. Acesso em 26 mai. 2010.

<sup>66</sup> Zilda Arns: A mártir em defesa da vida quando estão em evidência os mensageiros da morte. *Blog* do Reinaldo Azevedo. *Post* de 13 de janeiro de 2010. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/zilda-arns-a-martir-em-defesa-da-vida-quando-estao-em-evidencia-os-mensageiros-da-morte/> >. Acesso em: 26 mai. 2010.

metia a mão na massa, trabalhava efetivamente para minorar o sofrimento daquelas pessoas que as esquerdas preferem chamar “os oprimidos”.

Não faz tempo, no surto de boçalidade que volta e meia toma conta do debate, especialmente na nossa gloriosa imprensa, Zilda chegou a ser tratada com certo menoscabo. A médica católica, a trabalhadora incansável em defesa das crianças, cometia dois pecados imperdoáveis para os brutos, para os ignorantes: era contra o aborto e se opunha à aprovação das pesquisas com células-tronco embrionárias. Em abril de 2008, o Conselho Nacional de Saúde, instância deliberativa do SUS, aprovou a pesquisa. Dos 39 conselheiros presentes, só houve um voto contrário: o de Zilda.

São “brutos” e “ignorantes” todos os que não concordam com o seu ponto de vista? Não! A estupidez está em não reconhecer que a posição da médica — que, sim, de fato, também é a minha — está assentada numa ética muito sólida, que não aceita negociar com a vida humana, qualquer que seja o pretexto. “Mas isso não é negociar etc.”. Ok, estamos diante de um bom debate. Neste blog mesmo, como sabem, publico opiniões contrárias à minha, desde que o interlocutor não opte pela demonização do contraditório. É inaceitável, por exemplo, que se tente transformar a divergência num choque de “modernos” e “atrasados”. Porque isso me obrigaria a indagar se matar o feto é “moderno” em qualquer mês de gestação — o nono, por exemplo... Não sendo, o que distingue, essencialmente, o feto do nono mês do feto do, sei lá, segundo?

Bem, não quero retomar aqui, não agora, o longo debate envolvendo esses dois temas. O que pretendo reiterar é que Zilda Arns foi um exemplo notável de coerência, de dedicação à causa dos direitos humanos. Zilda morre, em missão num país paupérrimo, no momento em que as múmias bolcheviques, com o traseiro posto em suas cadeiras e a cabeça voltada para utopias liberticidas, incluem o descriminação do aborto como um dos “direitos humanos” — O QUE É UM ESCÂNDALO —, morre a médica do “passo”, não a do “paço”, para ficar numa distinção de Padre Vieira; morre a médica que caminhava para levar assistência aos necessitados, em vez de se aboletar nos palácios.

Enquanto a esquerda de gabinete celebrava a sua tara pela morte naquele decreto vagabundo, Zilda celebrava a vida no Haiti. Os contrastes são ainda mais evidentes: enquanto ela morreu para dar a vida — e se opunha ao aborto —, outros viveram para matar, consideram o aborto uma redenção e tentam impô-lo à sociedade como medida de mero bom senso. Zilda se torna, assim, simbolicamente, uma espécie de mártir da causa da vida; os promotores do tal decreto se tornam, assim, agentes da morte.

Quando leio o que dizem algumas senhores pró-aborto de um movimento chamado “Católicas Pelo Direito de Decidir”, confesso que sinto certa sublevação estomacal. Em primeiríssimo lugar, quem é católico MESMO sabe que não tem “direito de decidir” sobre essa matéria. Zilda sabia: o ÚNICO caminho é a subordinação à doutrina. Em segundo lugar, as pessoas são livres, aí sim, para renunciar ao catolicismo, que é uma escolha, não uma imposição.

Zilda morreu como viveu: servindo ao próximo, mudando objetivamente a vida das pessoas, atuando em favor dos mais necessitados, sem deixar que as condições as mais extremas abalasses a sua fé, os seus princípios, a sua disciplina católica. Mas não faltará, vocês verão, quem vá buscar ambigüidades em sua atuação, tentando ver uma antítese entre essa abnegação e sua subordinação aos princípios doutrinários da Igreja Católica.

Contradição? Zilda viveu a inteireza da experiência católica: deixou-se conhecer pela Palavra e pelas Obras. Foi, acima de tudo, coerente. E celebramos a sua obra e a sua fé.

---

Por Reinaldo Azevedo

Como exemplificado acima, os textos de Reinaldo Azevedo não são concisos. O formato é extenso e com a linguagem bastante pessoal e peculiar ao seu autor. Acima tem-se alguns exemplos do uso da linguagem ao estilo Azevedo: boçalidade, menoscabo, “múmias bolcheviques” (Se tratando da esquerda, dos apoiadores e defensores do governo Lula); aboletar, entre outros vocábulos.

Neste mesmo *post*, Azevedo não economiza nas críticas tanto ao governo e apoiadores, como uma leve oposição à grande imprensa (há neste contexto uma contradição, pois ele faz parte desta grande imprensa como colunista da revista de maior circulação do país, a *Veja*) e ao polêmico Programa Nacional de Direitos Humanos.

Quanto a este último tema, Azevedo publicou no período de análise, uma série de textos sobre os cidadãos comuns assassinados pelas esquerdas durante a ditadura militar. Segundo ele, foram cerca de 120 mortos vítimas dos movimentos esquerdistas. Estas vítimas, como ele mesmo enfatiza, não tem direito à indenização, ao contrário dos opositores da ditadura. O *post* de 12 de janeiro de 2010, “Todas as pessoas mortas por terroristas de esquerda 4 – O alto grau de letalidade daqueles humanistas”<sup>67</sup>, é um texto extenso sobre cada um dos casos de mortes. Uma observação quanto ao estilo de Azevedo, é ele expor suas opiniões desde os títulos. O formato destes fogem do padrão que normalmente é publicado na imprensa.

Em poucos momentos, vê-se Azevedo não só como jornalista. Como no *post* intitulado “Aviso”, de 20 de janeiro de 2010, no qual ele comunica a sua ausência para fazer um procedimento médico:

quarta-feira, 20 de janeiro de 2010 | 05h01min

AVISO<sup>68</sup>

Caras e caros,

---

<sup>67</sup> Todas as pessoas mortas por terroristas de esquerda 4 – O alto grau de letalidade daqueles humanistas. *Blog* do Reinaldo Azevedo. *Post* de 12 de janeiro de 2010. Disponível em: <

<sup>68</sup> Aviso. *Blog* do Reinaldo Azevedo. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/2010/01/20/>. Acesso em: 27 mai. 2010.

Tio Rei vai passar por um procedimento médico nesta manhã que requer acompanhante. E eu só confio na Dona Reinalda, hehe. Devemos começar a mediação de comentários só por volta das 14h. Os amigos fiquem calmos, e os inimigos não se assanhem. Uns não devem se preocupar, e os outros não alimentem esperanças vãs. Até a volta.

O *Blog* de Reinado Azevedo é mais modesto quanto ao número de *post* diários, entre 9 a 15. Quanto às pautas, em relação aos demais *blogs* aqui analisados, Azevedo não saiu muito dos assuntos tratados entre os blogueiros. A única diferença é que o jornalista Reinaldo Azevedo, em seu *blog*, foca somente na temática política, sendo raros os momentos que Azevedo trata de um assunto que não seja este.

A concisão como fora bem exemplificada, não é uma característica do *Blog* do Reinaldo Azevedo. Exemplo do *post* de 30 de janeiro de 2010 “A confissão de uma mentira histórica: Professor de Harvard faz Mantega admitir em Davos que Lula teve um bom antecessor. Ou ainda: Presidente é vendedor de salsicha?”. O título já é um exemplo da não-concisão e de uma forma particular de estilo no próprio título. No início deste *post*, Azevedo comunica aos seus leitores que o texto é longo, mas que vale a pena lê-lo, pois segundo ele, constitui um roteiro do que ele chama de “impostura”:

Queridos, o texto é um tanto longo, mas prometo que vale a pena porque se tem aí o roteiro de uma impostura. E vocês também verão um intelectual inteligente, cientificamente correto e politicamente ousado (no Brasil, isso é raro), a pôr o discurso oficial do lulismo de joelhos. E ainda poderão flagrar Guido Mantega a contar uma mentirinha num fórum internacional. Vamos lá?[...]<sup>69</sup>

Neste mesmo *post*, Azevedo tem a liberdade de expor a sua não modesta opinião, além de usar adjetivos abaixo exemplificados:

No discurso que fez no Fórum Social Mundial de 2009, em Belém, aquela celebração zoológica de zebras de esquerda, antas alternativas e jumentos ongueiros, Lula dirigiu a palavra aos seguintes ilustres:

“Querido companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia,  
Querido companheiro Rafael Correa, presidente do Equador,

---

<sup>69</sup> A confissão de uma mentira histórica: Professor de Harvard faz Mantega admitir em Davos que Lula teve um bom antecessor. Ou ainda: Presidente é vendedor de salsicha?. *Blog* do Reinaldo Azevedo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-confissao-de-uma-mentira-historica-professor-de-harvard-faz-mantega-admitir-em-davos-que-lula-teve-um-bom-antecessor-ou-ainda-presidente-e-vendedor-de-salsicha/>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

Querido companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,  
Querido companheiro Chávez, presidente da Venezuela”. [...] <sup>70</sup>

Os adjetivos acima especificados seriam evitados num jornalismo tradicional. No caso, os empregados foram: celebração zoológica, no qual se refere ao Fórum Social Mundial de 2009; zebras de esquerda, antas alternativas e jumentos ongueiros. Os adjetivos exemplificados que foram utilizados pelo jornalista explicam a liberdade quanto à linguagem do autor do *blog*.

---

<sup>70</sup> Idem

## Conclusão

O modelo de Shannon e Weaver é uma teoria matemática da comunicação, um sistema geral que imperou durante muito tempo e hoje é uma passagem obrigatória, como referência fundadora para entender a sociologia da mídia. A teoria dos autores acima foi para solucionar os problemas referentes ao custo de uma mensagem tinha o esquema clássico de um emissor (a fonte), o meio, a mensagem, um “ruído” e o receptor.

Hoje esta teoria se encontra defasada, pois não abrange a realidade atual, na qual a comunicação não é linear. Como afirma Mattelart (2004, p. 83), “a figura da centralidade deixa de ser a referência real para ceder lugar ao reconhecimento das diferenças, das especificidades sexuais, categorias, locais”. Pode-se fazer uma referência ao jornalismo e ao jornalista, que deixam de ser esta figura da centralidade para se destacar também a audiência, o leitor. Mattelart aponta dois conceitos, o de consumo e recepção, que ambos encontram-se também esgotados no contexto atual da comunicação; os dois termos estão construídos sob o postulado da teoria matemática da comunicação, entre os pólos do emissor e do receptor. O que pressupõe uma atitude passiva em relação ao receptor (MATTELART, 2004, p. 111).

Atualmente, tem-se um público leitor que possui mais liberdade tanto na recepção da informação como de criação. Os leitores são mais atuantes devido a uma revolução comportamental, na qual uma nova geração de leitores busca maior autoconhecimento; o que se reflete nas mídias, principalmente as digitais. Neste contexto de mudanças do público leitor, possibilita também o surgimento de formas de comunicação subjetivas, na qual os *blogs* têm um importante papel. Hoje, como Mello e Vicária (2007) apontam em, “Os filhos da era digital”, há os “nativos digitais” (aqueles que nasceram com o computador em casa) e os “imigrantes digitais”, os que assistiram ao nascimento da internet. Os primeiros são aqueles que não vivem sem esta e que, por exemplo, se falam por comunicadores instantâneos e *sites* de relacionamento e não necessitam de presença física para se comunicar; leem de tudo, do noticiário a livros em arquivos digitais; já os “imigrantes digitais”, por exemplo, quando querem marcar um encontro com os amigos, telefonam; cansam com frequência ao ler textos longos em uma mídia digital.

O *blog* é uma dessas manifestações neste contexto de mudanças comportamentais da audiência e da comunicação, principalmente devido a uma das suas características, a personalização da informação.

De acordo com Recuero (2003c, p. 2), o *blog* é imbuído da *persona* de seu autor, o que é muito apreciado por este leitor. Há muitos exemplos desta personalização em *blogs*, inclusive os jornalísticos aqui analisados.

Num esquema tradicional de comunicação, como o anteriormente aqui especificado, o modelo era o *narrowcasting*, passou-se para o *pointcasting*, ou seja, um modelo de mídia feito para a massa, de poucos para muitos; evoluiu-se para um direcionado para públicos específicos. Até o surgimento de um terceiro modelo, o *webcasting*, que denota uma nova relação entre usuário e mídia (NICOLA, 2004, p. 27-28).

Neste contexto de uma comunicação *webcasting*, no ambiente do jornalismo *online* (especificamente nos *blogs*) os leitores têm acesso, por vezes, as mesmas fontes de informação que os jornalistas. Os leitores, dessa forma, podem até mesmo criar seus próprios conteúdos na *web*. Assim como, este leitor se “relaciona” com o jornalista de forma direta por meio de comentários, o que torna o profissional um sujeito mais acessível e desta maneira, fideliza o público e contribui para a visibilidade do *blog* jornalístico. A partir dessa aproximação do jornalista blogueiro e seu público discutem-se qual é a identidade deste profissional no século XXI. Os *blogs* farão o jornalismo tradicional perecer?

A nova realidade, a do jornalismo *online* e na blogosfera veio para transformar o trabalho jornalístico e também a sua identidade. Desde o surgimento da internet, as mudanças acontecem e a principal é a utilização desta para a investigação e colheita de dados destinados à criação de notícias (BARBOSA, 2002, p. 2). O que nos *blogs* se vê, é o que Recuero (2003 c) chama de personalização da informação, que está presente através da assinatura do autor, no formato gráfico de sua página, ou seja, suas características pessoais. Como afirma a autora, a informação nos *blogs* são discursos pessoais, informações opinativas, com a discussão e o debate de um tema veiculado na mídia tradicional. A informação é reforçada e estimulada através da análise e opinião nos textos dos *blogs*. O jornalismo tradicional não perecerá, pois, devido esta característica de contextualização da informação, presente nos *blogs*, estes se valem do trabalho das mídias tradicionais, portanto, do jornalismo mais técnico, que apura, colhe, edita a informação.

Com o fim da exclusividade do jornalista em relação à informação, surgem outros jornalismo: o *online* e o *open source*; estes não se sobrepõem ao jornalismo tradicional, como afirma Brambilla (2006, p. 35), mas compartilham peculiaridades que também não se aplicam aos demais por uma questão de autonomia. O que se vê é um novo arranjo no campo jornalístico. Nos *blogs*, o jornalismo tradicional está presente, quando o blogueiro

contextualiza a informação já veiculada em outra mídia, o que é uma prática frequente. Além de emitir uma informação contextualizada e personalizada. Outros diferenciais desta informação nos *blogs* são a escrita informal, ágil e a citação de *links*. A escrita nos *blogs* é algo central e que é pensada e repensada em relação ao seu leitor, isso porque o jornalista neste meio busca uma relação mais próxima com o seu público. Desta forma, instituiu-se esse tipo de escrita pessoal (muitas vezes) e em tom de diálogo que particularmente, atrai a atenção do público, com esta mistura também de informação e subjetividade. O público vai além de simples leitores, para serem colaboradores, inclusive em muitos *blogs* aqui analisados. A afirmação reforça a de Recuero (2005, p. 2) de que os *blogs* são elementos de diálogo, de co-produção discursiva na medida em que ambos, leitores e blogueiros participem da construção deste discurso. Desta maneira, são discursos tanto pessoais como coletivos.

A ferramenta *blog*, como aponta Recuero (2005, p. 3), apresenta três espaços distintos, o do próprio, no qual o sujeito pode escrever; o espaço entre os vários *blogs* ou “*webrings*” e o espaço de comentários; este último permite que o leitor possa escrever um comentário e ideias havendo uma frequente troca de experiências, entre leitores e autores e entre leitores e leitores, e assim, o *blog* é um espaço de “troca discursiva”.

O jornalista não é mais o *gatekeeper*, ou aquele selecionador do que é ou não notícia (ou pode vir a ser), mas este se tornou um intérprete. A identidade do jornalista não desaparece em todo, transforma-se. O *gatekeeper* atual não controla o que é ou não notícia, mas cuida da qualidade, do diferencial do que vai ser publicado (BARBOSA, 2003, p. 4).

Nos *blogs* não é possível criar um modelo de jornalismo, já que a palavra pressupõe algo fechado e definido. O que não seria possível, já que é constante na blogosfera uma personalização da informação, uma escrita pessoal, assim como também uma prática jornalística diferente das do jornalismo tradicional. O que se pode afirmar é que o jornalismo tradicional está se readaptando ao contexto atual, o que possibilita que este incorpore outras funções, formas de trabalho para os profissionais. Os jornalistas consentem que o seu trabalho hoje seja secundário, ou que adote novas funções, como: “funcionários na rede”, “um retocador de transmissões de agências” (RAMONET, 1999, p. 51).

Hoje o leitor, o Outro, é a figura central neste processo de comunicação. Não só os *blogs* florescem como ferramentas de comunicação no ciberespaço, mas há outras mídias sociais que se tornaram a grande evolução na *web*. Ocasões como a última eleição presidencial norte-americana em que uma massa conectada na *web* gerou mais de 13 milhões

de *streaming*<sup>71</sup> da CNN/Facebook<sup>72</sup> sobre a cobertura da eleição de Barak Obama. O próprio site da Casa Branca<sup>73</sup> com a posse de Obama mudou e agora incorpora essa massa humana. Como afirma Ferrari (2010, p. 45), “sai a informação como vetor e entram em cartaz as redes sociais como processo de troca de conhecimento e conteúdos”. Desta maneira, o governo Barak Obama pretende se conectar na rede com o povo americano aumentando a comunicação entre o governo e o eleitor. O mesmo modelo está se tentando fazer entre os candidatos à Presidência no Brasil, nas eleições de 2010.

Outro exemplo de poder desta rede social é o *Twitter*, uma mistura de *microblog* com celular, já que permite escrever mensagens curtas de até 140 caracteres, mas que circulam como os textos de *blogs*. Atualmente o *Twitter* protagonizou o episódio “CALA BOCA GALVÃO”, assim mesmo, em letras maiúsculas e sem vírgula. Nesta mobilização dos usuários desta ferramenta, se uniram contra o locutor esportivo da Rede Globo, Galvão Bueno, que é conhecido pela sua excessiva falação durante as narrações esportivas. O fato se ampliou na rede social e foi veiculado de forma errônea pelos meios de comunicação internacionais, como o *The New York Times*. Os brasileiros, autores desta mobilização, atribuíram sentidos absurdos à expressão “CALA BOCA GALVÃO”, como uma mobilização em defesa de um pássaro em extinção (os usuários “traduziram” a expressão “Cala Boca” como se significasse, Salve e o Galvão, um pássaro em extinção no Brasil). A versão errônea foi a que passou para os veículos da mídia internacional. O episódio também contribuiu para um dano à imagem do locutor esportivo.

Neste acontecimento, rapidamente a Rede Globo se mobilizou entre os artistas da emissora e usuários da ferramenta para defenderam Galvão Bueno e, dessa forma, minimizarem os danos. O fato veio a provar o poder de amplificação das redes sociais no contexto contemporâneo. O *Twitter* tem se tornado uma ferramenta complementar na obtenção de informação, assim como outras mídias sociais, especificamente os *blogs*, que já são fontes de informação e entretenimento.

Em seu atual livro publicado, Pollyana Ferrari, tomando as ideias de Ramón Salaverría e Javier Diaz Noci, afirma que as novas formas de narrativas jornalísticas feitas

---

<sup>71</sup> *Streaming* é um fluxo de mídia, é uma forma de distribuir informação multimídia numa rede através de pacotes. Em *streaming*, as informações da mídia não são usualmente arquivadas pelo usuário que está recebendo a *stream*. A mídia é constantemente reproduzida à medida que chega ao usuário se a sua banda for suficiente para reproduzir a mídia em tempo real.

<sup>72</sup> Endereço do *Facebook* da CNN. Disponível em: <<http://www.facebook.com/home.php?#!/cnn?ref=ts>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

para a internet são todas baseadas em diferentes tipos de leitores, o que gera um novo olhar para o jornalismo no século XXI. A autora indaga também se o que se vê na *web* são realmente jornalismo ou apenas narrativas informativas? (FERRARI, 2010, p. 75).

Com a internet, como aqui especificado, o jornalismo sofreu (e ainda sofre) mudanças em sua rotina profissional como também na sua identidade. Mas a partir dos conceitos da teoria da informação e seu significado mais abrangente, pode-se perceber novas formas de narrativas na *web*, especificamente nos *blogs*. Nestes vêm-se formas diferenciadas de uma linguagem mais informal, em tom de diálogo e uma linguagem informativa, opinativa e/ou interpretativa; esta é uma forma de comunicação que coexiste em relação à linguagem técnica e esta tende a se adaptar a este contexto. Nas formas atuais de narrativas nos *blogs* muda o foco para o leitor e este influencia o trabalho, a escrita do jornalista blogueiro. O jornalismo sofre a influência desta interatividade e os jornalistas abrem espaço para a produção de conteúdo dos usuários, que opinam, comentam e sugerem.

Está em curso um “novo jornalismo” vislumbrado na blogosfera que diz respeito à estrutura sociotécnica de produção, levantamento de informações, linguagem, acesso, recepção, distribuição e participação do leitor; este cada vez mais presente, como descrito anteriormente. A informação perde sua relação um-a-um para se transformar em dado com múltiplos significados e leituras. Além de torná-la uma construção coletiva que tem o leitor uma figura participante/atuante. Dessa forma, o jornalismo tradicional tem que conviver com esse novo arranjo, ainda em curso, no que diz principalmente a informação e o público leitor.

### Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- AMORIM, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. **Blogs: os novos campeões de audiência**. *Época*, São Paulo, 31 de jul.2006. p.96-105.
- ARAÚJO, André. **Jornalismo Open Source: blogs como ferramentas jornalísticas**. São Paulo: PUC, 2006.
- ARBEX, José Jr. **Enfrentando a ferocidade da Veja**. *Caros Amigos*, São Paulo, mar.2008. p. 28-35.
- BARBOSA, Elizabete. **Interactividade: a grande promessa do jornalismo online**. Biblioteca online de ciências da comunicação, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.html>>. Acesso em: 24 mar. 2010.
- \_\_\_\_\_. **Jornalistas e público: novas funções no ambiente online**. Informação e comunicação online, 2003. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/02/barbosa-elisabete-jornalistas-publico.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1995.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: *Textos escolhidos*. 1.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1975 (Os pensadores, 48).
- BLOGOSFERA BRASIL**. Porto Alegre, ago.2006. Disponível em: <<http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/>>. Acesso em: 3 set. 2008.
- BORGES, André. **Blog: uma ferramenta para o jornalismo**. In: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do *Oh My News International***. Porto Alegre: UFRS, 2006.
- BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0 como sobreviver e prosperar: um guia da cultura digital**. Maryland: J-Lab e Knight Citizen News Network, 2007.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. Biblioteca online de ciências da comunicação, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=canavilhas-joaowebjornal.html>>. Acesso em: 16 jan. 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTILHO, Carlos. **A imprensa sem Gutemberg**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=363AZL01>>. Acesso em: 25 ago. 2007.

CORDEIRO, Tiago. **Dá para confiar na Wikipédia?** Superinteressante, São Paulo, ed. 245, p. 44, nov. 2007.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2003.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.  
\_\_\_\_\_. **A força da mídia social**. São Paulo: Factash, 2010.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2009.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.  
\_\_\_\_\_. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2007.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

**JOSIAS** de Souza. Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Josias\\_de\\_Souza](http://pt.wikipedia.org/wiki/Josias_de_Souza)>. Acesso em: 19 mai. 2010.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEMOS, André. **As estruturas antropológicas do ciberespaço**. Textos de Cultura e Comunicação, n. 35, Facom/Ufba, julho 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

**LONDRES**: da tragédia real a repercussão virtual. Intermezzo. Disponível em: <<http://imezzo.wordpress.com/2005/07/07/londres-da-tragedia-real-a-repercussao-virtual/>>. Acesso em: 17 mar. 2008.

**LUÍS** Nassif. Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs\\_Nassif](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Nassif)>. Acesso em: 20 mai. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LABATOS, Eva. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa de elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2002.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MATTOSO, Guilherme de Queiros. **Internet, jornalismo e weblogs**: uma nova alternativa de informação. Biblioteca *online* de ciências da comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 9 jun. 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, Kátia; VICÁRIA, Luciana. **Os filhos da era digital**. Época, São Paulo, 10 de set. 2007. p. 82-90.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MSN. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN> >. Acesso em: 16 mar. 2010.

NASSIF, Luis. **O caso de Veja por Luis Nassif**. Disponível em: < <http://sites.google.com/site/luisnassif02/>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. **A cara da Veja**. Disponível em: < <http://sites.google.com/site/luisnassif02/acaradaveja>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

NICOLA, Ricardo. **Cibersociedade**: quem é você no mundo *online*? São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004 (Série Ponto Futuro, 16).

TECHNORATI. **Número de blogs no mundo é que quase um bilhão**. Mundo e Tecnologia, 2007. Disponível em: < <http://mundoetecnologia.wordpress.com/2007/08/25/numero-de-blogs-no-mundo-e-de-quase-1-bilhao-diz-technorati/>>. Acesso em: 5 abr. 2010.

**NÚMERO de internautas no Brasil cresce 50%**. DESTAK, 23 de fev de 2008. p. 03.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PRIMO, Alex; CASSOL, Márcio Borges. **Informática na educação: teoria e prática**, 2001. **Explorando o conceito de interatividade**: definições e taxonomias. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/6286/3756>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

PRIMO, Alex. Revista Famecos, 2008 a. **Os blogs não são diários pessoais online**: matriz para a tipificação da blogosfera. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4425/3325>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Blogs e seus gêneros**: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. 31º Intercom, Natal, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, 2003. **Quão interativo é o hipertexto?** Da interface Potencial à escrita coletiva. Disponível em: < [http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/quao\\_interativo\\_hipertexto.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/quao_interativo_hipertexto.pdf) >. Acesso em: 14 abr. 2010.

PROST, Antoine. **História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Cia das Letras, 1992. P. 61- 79.

QUEIROZ, Roberta. **Ache-me se puderes**. Revista Bites, São Paulo, Jul. 2007. P. 49-51.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais: uma abordagem teórica**. Biblioteca online de estudos da comunicação, 2003 (a). Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf> >. Acesso em 11 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**. Biblioteca online de estudos da comunicação, 2003 (b). Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=recuero-raquelweblogswebringscomunidades-virtuais.html> >. Acesso em: 11 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Warblogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o jornalismo online**. Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, São Paulo, 2003 (c). Disponível em: < <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4752/1/NP8RECUERO.pdf> >. Acesso em: 11 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet: considerações iniciais**. Biblioteca online de estudos da comunicação, 2004 (a). Disponível em: < [http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=recuero-raquel-redes-sociais-na\\_internet.html](http://bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=recuero-raquel-redes-sociais-na_internet.html) >. Acesso em: 11 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos webrings**. Intexto, Vol. 1, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/3635/4436> >. Acesso em: 11 jun. 2010.

**REINALDO** Azevedo. Wikipédia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo\\_Azevedo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Azevedo) >. Acesso em: 20 mai. 2010.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores**. São Paulo: Edicon, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. São Paulo: Ática, 2001.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHNOOR, Tatiana. **Número de blogs no mundo é de quase 1 bilhão**, diz Technorati. Disponível em: < [http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia.php?id\\_secao=4&id\\_conteudo=8741](http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia.php?id_secao=4&id_conteudo=8741) >. Acesso em: 14 mar. 2008.

SENRA, Stella. **Max Headroom: o último jornalista**. In: PARENTE, André (Org.). **A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Joyce da Silva. **Blog**: jornalismo de fonte aberta: análise dos novos paradigmas do jornalismo na era da internet e dos *blogs*. PUC/SP: 2008.

\_\_\_\_\_. **Blogs**: do individualismo interconectado ao relato jornalístico. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 24., 2009, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Intercom, 2009. 1 CD-ROM.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística e a simplificação das interfaces – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008. 2v.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural**: lógica da vida humana na civilização midiática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

TURKLE, Sherry. **A vida do Ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio d'água, 1997.

**TWITTER**. Wikipédia. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

**ÚLTIMO** relatório apresentado pelo site Technoratti. Disponível em:< <http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogsphere/>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. P. 235-245.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.